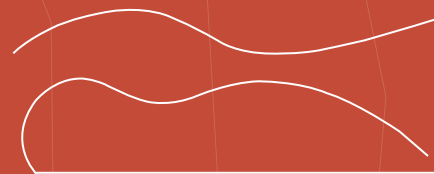
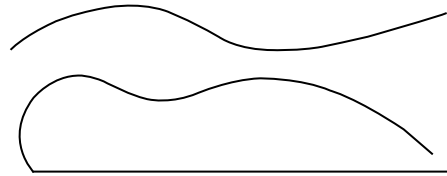


*INSTITUTO TOMIE OHTAKE AKZONOBEL
ARCHITECTURE AWARD
7TH EDITION*



**7ª EDIÇÃO PRÊMIO DE INSTITUTO
ARQUITETURA TOMIE OHTAKE
AkzoNobel**

MINISTÉRIO DO TURISMO INSTITUTO TOMIE OHTAKE AKZONOBEL apresentam *present*



7ª EDIÇÃO PRÊMIO DE ARQUITETURA **INSTITUTO TOMIE OHTAKE**
AkzoNobel

*INSTITUTO TOMIE OHTAKE
AKZONOBEL ARCHITECTURE AWARD
7TH EDITION*

patrocínio
sponsorship

idealização e coordenação
organization and realization

apoio institucional
institutional support

apoio de mídia
media partners

apoio
support

realização
realization



AkzoNobel

 **INSTITUTO TOMIE OHTAKE**


JAPAN HOUSE
SÃO PAULO

 archdaily

ARCHIE

ARCHYOUW
COVERING

FOLHA
DE SÃO PAULO

Pd
STUDIO

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL

H
PROJETO

PROJETO

revista **PIAUI**

VITUVIUS
VITUVIUS
VITUVIUS

SUMÁRIO *CONTENTS*

- 6** APRESENTAÇÃO
- 16** COMITÊ DE INDICAÇÃO DE PROJETOS
- 17** JÚRI
- 20** PROJETOS
- 22** ACADEMIA-ESCOLA / UNILEÃO
- 28** AEROPORTO DE FLORIANÓPOLIS
TERMINAL INTERNACIONAL DE PASSAGEIROS
- 34** CAPELA INGÁ-MIRIM
- 40** CASA CAVALCANTE
- 46** EDIFÍCIO HUMA KLABIN
- 52** EDIFÍCIO MANGA / VILA SANTA THEREZA
- 58** ESTAÇÃO ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ
- 64** INSTALAÇÃO ARQUITETURA NA PERIFERIA – XII BIA
(Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo)
- 70** MUSEU DA CACHAÇA
- 76** OCUPAÇÃO CONEXIDADE
- 82** QUIOSQUE E ABRIGO DE CANOAS
- 88** REQUALIFICAÇÃO DA COLINA DO SENHOR DO BONFIM
- 94** REQUALIFICAÇÃO URBANA E AMBIENTAL DA
ORLA MARÍTIMA DE ILHA COMPRIDA
- 100** PROJETO EXPOGRÁFICO
- 102** AÇÕES PARALELAS: UM BREVE PANORAMA SOBRE O MORAR
- 106** CORRESPONDÊNCIAS ARQUITETÔNICAS: BRASIL E JAPÃO



EDIFICIO MANGA
Projeto de arquitetura e urbanismo desenvolvido por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa para o bairro de Mangueira, em Salvador, Bahia. O edifício é um exemplo de arquitetura moderna brasileira, caracterizado por suas linhas retas e uso de concreto armado.



ARQUITETURA NA PERIFERIA

Este projeto busca explorar as possibilidades de habitação e infraestrutura em áreas periféricas, promovendo a integração social e o acesso a serviços básicos. A abordagem adotada prioriza a sustentabilidade e a participação comunitária no processo de planejamento.



7ª EDIÇÃO
PRÊMIO DE
ARQUITETURA
2020

INSTITUTO
TOMIE OHTAKE
AkzoNobel

#JUNTOSOSANTES

AEROPORTO DE FLORIANÓPOLIS



Exhibition panel for the Florianópolis Airport project, featuring architectural drawings, photographs of the terminal building, and descriptive text in Portuguese. The panel is part of a larger display structure with a red base and blue top.

Exhibition panel for the 'Projeto Residência' project, featuring a photograph of a snowy mountain landscape and architectural details. It is part of a larger display structure with a blue top and white base.

Exhibition panel for the 'ACADEMIA ESCOLA UNILESA' project, featuring photographs of a school building and architectural details. It is part of a larger display structure with a red base and white top.

Neste ano de 2020, o **Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel** chega à sua 7ª edição, firme no compromisso de mapear e divulgar aquilo que há de mais relevante e arrojado na arquitetura brasileira contemporânea.

Esta edição recebeu 246 projetos localizados em 14 estados e no Distrito Federal, além de Argentina, Espanha e no inusitado território da Antártica. Trata-se de número bastante significativo, sobretudo se levarmos em conta a alteração econômica e social que sofremos nos últimos meses com a pandemia da Covid-19.

Aos 246 projetos inscritos correspondem 435 profissionais na condição de autores. Desse total, 66% são de homens e 26,4% de mulheres; pessoas brancas correspondem a 77%, 6,44% são pessoas negras ou pardas, 2,07% são asiáticas e 0,23% são mestiças (7,6% não declararam, não especificaram seu gênero ou declaram gênero neutro, e 14,26% não declararam raça/etnia). Traçando uma comparação com os dados relativos aos 27 profissionais que assinaram os dez projetos selecionados e as três menções honrosas, nota-se uma discreta redução, de 4,18%, na presença de mulheres, mas, em compensação, a presença de pessoas negras ou pardas aumentou em 4,67%. Há uma pessoa asiática, o que corresponde a 3,70% (7,41% não declararam gênero ou declararam gênero neutro, e o mesmo percentual não declarou raça/etnia).

Julgamos importante trazer esse comparativo, pois o empenho para que o Prêmio sirva como uma constatação efetiva da multifacetada arquitetura brasileira passa, necessariamente, por questões de representatividade, o que demanda uma atenção permanente e que atravessa, portanto, mais de uma edição. Há ainda um esforço correlato que é a instauração do Comitê de Indicação de Projetos, criado na edição de 2018 e cuja principal atribuição é indicar projetos menos convencionais (por vezes mais conceituais) ou que se situem fora do eixo Rio-São Paulo. Embora tais projetos indicados não recebam nenhum benefício em relação aos projetos inscritos espontaneamente, a atuação do Comitê mostra-se muito relevante para possibilitar o cenário desejável, atingido nesta edição, de termos ao menos um projeto selecionado por região do Brasil. Em 2020, o Comitê foi formado pelas arquitetas Emily Leandro, Marina Lacerda e Thaíse Machado e pelo arquiteto e fotógrafo de arquitetura Manuel Sá.

Temos, portanto, dez projetos selecionados – três dos quais foram premiados com viagens internacionais para destinos de interesse arquitetônico –, além de outros três agraciados com Menção Honrosa, Menção Honrosa Cor e Menção Honrosa Sustentabilidade.

O júri foi composto por profissionais com atuações diversas e complementares, buscando garantir um rico diálogo e a problematização que resultaram na escolha desses 13 projetos. As arquitetas Elisabete França e Juliana Braga e os arquitetos Diego Mauro, Fernando Túlio e Pedro Varela compuseram o júri desta edição, cuja exposição e este catálogo permitem ao público desfrutar de mais detalhes dessas propostas que, tanto individualmente quanto em seu conjunto, têm muito a contribuir para o debate arquitetônico e urbanístico. A seleção de obras contempla desde profissionais em início de carreira até escritórios já renomados.

A 7ª edição do Prêmio também é marcada por uma novidade que nos honra: a parceria com a Japan House São Paulo, a quem agradecemos pela valiosa colaboração. Instituição dedicada a apresentar as produções de destaque da cultura japonesa contemporânea, vem realizando debates e mostras de relevância sobre a arquitetura do Japão, cuja tradição e excelência são de enorme notoriedade. Unimos nossas afinidades e interesses em torno da arquitetura na investigação conjunta da temática do MORAR, por meio da troca de correspondências sobre projetos de moradia brasileiros e japoneses que podem ser lidas ao final deste catálogo. A parceria com a Japan House São Paulo também se estende ao apoio à premiação, com a viagem ao Japão, que possibilita conhecer de perto obras de destaque mundial.

Aproveitamos a ocasião para frisar o quão importante e gratificante são, para nós, o patrocínio e o apoio compromissado da AkzoNobel desde 2014, que ao possibilitar mais uma edição deste Prêmio, tanto tem a contribuir para a discussão e valorização da arquitetura brasileira. Agradecemos ainda ao Ministério do Turismo que, por meio da lei de incentivo, assegura o acesso da população brasileira a projetos culturais os mais diversos.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

PONTE ARQUITETÔNICA ENTRE BRASIL E JAPÃO

A arquitetura é uma das grandes áreas de excelência – e uma das tantas maravilhas – do Japão.

O país vem apresentando ao longo do tempo obras arquitetônicas de destaque técnico, construtivo e estético, projetos de grande ousadia e vanguarda que influenciam e encantam não só os colegas de profissão, mas também admiradores entusiastas mundo afora. O Japão figura como o país com maior número de vencedores do prestigioso prêmio Pritzker até hoje. A Japan House São Paulo, cuja missão é apresentar a rica e diversa cultura do Japão contemporâneo, tem a arquitetura como um de seus mais importantes pilares. Relevância que se pode notar, por exemplo, em sua construção – com um projeto irreverente e já alçado a ícone do cenário paulistano – e também no programa consolidado em seus 3 anos de existência.

O prédio da movimentada avenida Paulista evidencia a constante valorização do tradicional em total harmonia com a inovação, além de demonstrar a potência da frutífera relação entre Brasil e Japão. O projeto do arquiteto Kengo Kuma em parceria com o escritório paulistano FGMF revisita muitas técnicas e materiais tradicionais em linguagem adaptada aos dias de hoje, caso da fachada de *hinoki* e dos painéis de *washi*, além da incorporação de elementos tipicamente brasileiros, como os cobogós, demonstrando a força da fusão cultural.

Exposições dedicadas a grandes expoentes como o próprio Kuma, Sou Fujimoto e Tsuyoshi Tane; palestras ministradas por Hiroshi Sambuichi, Junya Ishigami, Maki Onishi, Yuki Hyakuda e Kazuyo Sejima; *workshops* e atividades realizadas em colaboração com instituições como FAU-USP, Escola da Cidade, Mackenzie, Belas Artes, Arq.Futuro, Pavilhão Japonês

e IAB-SP, assim como diálogos promovidos entre arquitetos japoneses e alguns dos mais notáveis expoentes da geração contemporânea de arquitetos brasileiros como Guilherme Wisnik, Vinícius Andrade, Thiago Bernardes e Martin Corullon, são alguns exemplos do programa dedicado à arquitetura.

Tem sido um dos nossos mais estimulantes objetivos pesquisar e apresentar um panorama dessa excepcional criação para o público local, pois sabemos que a fonte é inesgotável e seria impossível revelar toda essa prolífica produção, em incessante desenvolvimento.

A parceria com o Instituto Tomie Ohtake veio de forma natural. O Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AzkoNobel alcançou patamar definitivo e essencial no reconhecimento, promoção e fomento da pulsante arquitetura brasileira no âmbito nacional. Fazer parte dessa premiação é, para nós, uma enorme honra e satisfação, pois assim reforçamos o papel das instituições brasileiras e o essencial diálogo cultural entre as duas nações.

Como as aproximações entre as arquiteturas dos dois países são inúmeras e há uma admiração mútua, nossa participação nesta 7ª edição busca estreitar ainda mais essa relação.

A inédita troca de correspondências *on-line* detalhada neste catálogo apresentou paralelos baseados em temáticas e desafios semelhantes, e agora esperamos possibilitar, com o prêmio de viagem ao Japão, uma exploração mais aprofundada que permita ampliar o diálogo e criar novos pontos de inspiração e convergência.

NATASHA BARZAGHI GEENEN

Diretora Cultural – Japan House São Paulo



A AkzoNobel tem o espaço urbano como direcionador de muitos de nossos segmentos, e vemos a arquitetura como uma representação cultural do espaço coletivo e uma vertente artística com forte expressão social. Há 7 anos, estamos com o Instituto Tomie Ohtake neste relevante mapeamento da produção arquitetônica contemporânea, reconhecendo formas diferenciadas de pensar e construir o espaço social do Brasil e da América do Sul. Essa é para nós uma conexão muito especial, pois, por meio das nossas soluções em tintas e revestimentos, buscamos sempre trazer um impacto significativo e positivo para a vida das pessoas ao proteger e colorir seus espaços privados e coletivos.

Este ano, é inevitável falar da pandemia de Covid-19 e de toda a transformação que vem acontecendo em nossas vidas. Nosso isolamento forçado trouxe a resignificação da nossa relação com nossas casas. Passamos a olhar com mais carinho e empatia para o espaço que habitamos, que se tornou, mesmo que temporariamente, tudo o que entendemos por vida e convívio social, real e virtual. De uma hora para outra, nosso trabalho invadiu nossas residências, e passamos a esperar mais delas. Nós, da AkzoNobel, acreditamos que será a partir dos nossos lares que daremos um próximo passo rumo a um futuro melhor, criando coragem para esculpir a mudança que queremos para nós mesmos e nosso entorno.

Diante desse cenário, também fomos lembrados de quanto o convívio social é fundamental para a sobrevivência humana. Os diversos ambientes são parte disso, uma vez que nos possibilitam os simples e essenciais passear, visitar e abraçar. Nesse contexto ímpar, é revigorante observar os projetos talentosos mapeados e reconhecidos pelo Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel – eles nos trazem esperança!

Estamos certos de que as cores transformam os sentimentos e sensações das pessoas, como é possível ver na vitalidade e alegria que o Edifício Manga transmite. A sustentabilidade é um princípio fundamental de nossa empresa e deve ser o catalisador das ações de todas as esferas sociais, como visto na Casa Cavalcante, modulada de acordo com as medidas das telhas isotérmicas e circundada por troncos de eucalipto posicionados segundo a orientação solar de cada fachada. A inovação, tão presente nas soluções protetoras que oferecemos, também marca presença na Estação Antártica Comandante Ferraz, que, além do diferencial em seu processo de construção por conta do clima e solo adversos, representa uma oportunidade de desenvolvimento tecnológico para a arquitetura e a indústria nacionais.

Lembrando o arquiteto alemão Ludwig Mies van der Rohe, que sabiamente afirmou que “a arquitetura é a vontade de uma época traduzida em espaço”, parabênizo, mais uma vez, a todos que participaram desta sétima edição e aos que conduziram a premiação que, mais do que nunca, reforça como a arquitetura é necessária para transformar uma era.

DANIEL GEIGER CAMPOS

Presidente da AkzoNobel América do Sul

EDIFÍCIO MANGA VILA SANTA TEREZA



EDIFÍCIO MANGA / VILA SANTA TEREZA
Este edifício fora partido de uma mangueira que se abria ao longo do eixo Z que inicialmente não resistiu à obra para gerar uma solução original baseada em soluções de técnicas de construção, proporcionando a máxima eficiência social. As soluções adotadas atendem a necessidades de climatização passiva, a exemplo das fachadas ventiladas, o que resulta em um ambiente mais saudável e agradável, resultando em uma arquitetura sustentável e energética muito abaixo da média da região.



ANÁLISE
ARQUITETURA NA PERIFERIA





#JUNTOS ISPAVEL



CONCEPÇÃO E PROJETO
O projeto de urbanização do bairro foi desenvolvido por um grupo de arquitetos e urbanistas, com o objetivo de criar um espaço de convivência e lazer para os moradores. O projeto foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo.

EDIFÍCIO HUMA KLABIN
O edifício Humá Klabin é um exemplo de arquitetura sustentável e inovadora. Foi desenvolvido por um grupo de arquitetos e urbanistas, com o objetivo de criar um espaço de convivência e lazer para os moradores. O projeto foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo.



QUADRO DE ARRIO DE CANOAS
O quadro de Arrio de Canoas é um exemplo de arquitetura sustentável e inovadora. Foi desenvolvido por um grupo de arquitetos e urbanistas, com o objetivo de criar um espaço de convivência e lazer para os moradores. O projeto foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo.

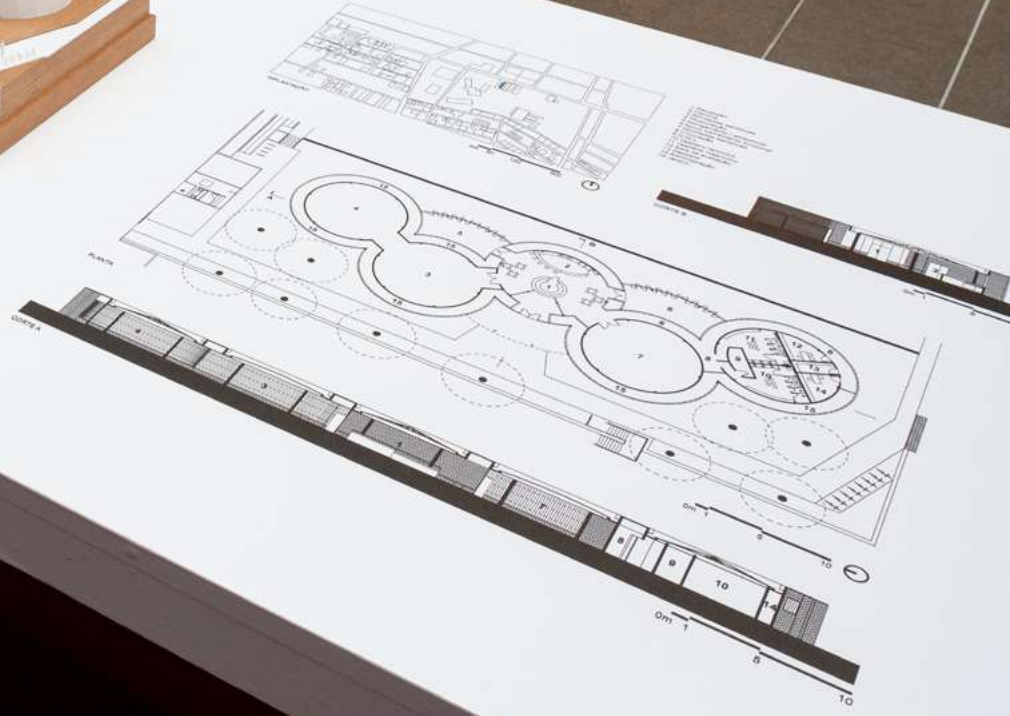


ACADEMIA-ESCOLA UNILEÃO
A Academia-Escola Unileão é um exemplo de arquitetura sustentável e inovadora. Foi desenvolvido por um grupo de arquitetos e urbanistas, com o objetivo de criar um espaço de convivência e lazer para os moradores. O projeto foi desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de São Paulo.





ACADEMIA-ESCOLA / UNILEÃO
ESCALA 1:100



CASA CAVALDO





COLINA DO SENHOR DO BOMFIM

Map showing the location of the Colina do Senhor do Bomfim in the city of Salvador, Bahia.

Photographs of the church and surrounding urban environment.

EDIFÍCIO MANTIC

ARQUITETURA NA PERSPECTIVA

Architectural drawings and photographs of the Mantic building.

CASA CAVALANTE

Architectural drawings and photographs of the Casa Cavalete.



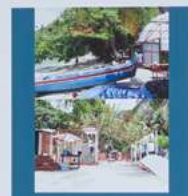


EDIFICIO HUMA KLABIN

BOISA CONVIVENCENTE

MUSEO DA CACHOEIRA

1º PRÊMIO DE DESIGN
INSTITUTO TORRE ONTAKI
LEBROY MAZALIN



ACADEMIA-ESCOLA UNILEÃO

Arquiteto: [unreadable]
 Arquiteta: [unreadable]
 Arquitetos Associados: [unreadable]
 Rua: [unreadable]
 Cidade: [unreadable]
 Estado: [unreadable]
 Brasil



QUANDO A NATUREZA CONCHA
 Uma das principais
 motivações para a
 construção desta
 instituição foi a
 preservação do
 meio ambiente e
 a integração com
 a comunidade
 local.

Uma das principais
 motivações para a
 construção desta
 instituição foi a
 preservação do
 meio ambiente e
 a integração com
 a comunidade
 local.



ACADEMIA-ESCOLA UNILEÃO
 Esta academia-escola, de natureza rigorosamente clássica e
 moderna, além de uma clara identificação funcional com o nível
 de integração visual. Trazendo para si o espírito e o conceito
 aparente, chama atenção a variedade formal utilizada. O
 projeto tem em si uma presença de elementos repetidos - seja
 a planta baixa, composta por um conjunto de salas
 circunferenciais, seja a relação de cores e formas das fachadas
 - encontrando soluções adequadas ao clima do norte
 brasileiro e propõe um ambiente convidativo para a
 permanência dos funcionários e alunos da instituição.



Emmily Leandro

Emmily é paulista e há 3 anos vive no Rio de Janeiro. Graduada em arquitetura e urbanismo pela Universidade do Vale do Paraíba (Univap), é pós-graduada pelo programa de residência em planejamento e gestão urbana da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP) e mestranda em planejamento urbano no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). Atua hoje como arquiteta, urbanista e gestora de projetos. Parceira da equipe da Concreto Rosa (empresa de reparos e reformas composta por mulheres), integra a coletiva Terra Preta, é ativista da Massa - Comunicação de Causas e co-gestora do Da Praça Coworking.

Manuel Sá

Fotógrafo de arquitetura e arquiteto, vive em São Paulo. Faz registros fotográficos para escritórios de arquitetura em São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Belém do Pará e Belo Horizonte, e para publicações como *Arquitetura & Construção*, *Revista Projeto*, *Casa Claudia*, *Archdaily Brasil*, *Archdaily International*, *Office Snapshots*, *Divisare*, *Frame*, *Archello*, *Design Milk*, *Designboom* e *The Architectural Review*. Ganhou o prêmio Fotografia de Arquitetura e Cidade (2018) do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento de São Paulo (IAB-SP). Teve sua primeira exposição individual realizada no Espaço Plexi, em São Paulo (2019).

Marina Lacerda

Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estácio (SP) e integrante da equipe editorial das revistas científicas da Escola da Cidade, realizou seu mestrado sobre a obra do arquiteto japonês Toyo Ito na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2019). Especializada em Design Estratégico pelo Instituto Europeo di Design de São Paulo (IED, 2015), graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2009). Ministra cursos sobre Diagramas na Teoria e no Projeto de Arquitetura, Processos e Análise de Projeto de Arquitetura, Arquitetura Contemporânea e Arquitetura Japonesa.

Tháise Machado

Natural de Porto Alegre (RS), atualmente reside em Salvador (BA). Arquiteta urbanista graduada pelo Centro Universitário Ritter dos Reis (UniRitter) - Laureate International Universities, é *designer* de interiores pela Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles e pós-graduanda em Assistência Técnica, Habitação e Direito à Cidade pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA). Cocriadora da IBOKUN, escritório que busca ressignificar a arquitetura e o *design* tendo como norteador a cultura brasileira, como mobilizadora sociocultural idealizou os projetos Negra Ativa e Festival Porongos.

COMITÊ DE INDICAÇÃO DE PROJETOS

Com o objetivo de promover a participação de todas as regiões brasileiras e maior diversificação quanto ao programa dos projetos inscritos, além de incentivar a discussão sobre a produção arquitetônica nacional, foi instituído um **Comitê de Indicação de Projetos** formado por arquitetos, críticos e pesquisadores em arquitetura. Sua finalidade é indicar projetos de destaque que possam ampliar o debate sobre a arquitetura contemporânea brasileira, para que participem da seleção do **Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel**.

Diego Mauro

Arquiteto e urbanista, curador assistente do Instituto Tomie Ohtake e professor no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Ibirapuera (Unib). É mestre pela Universidade de São Paulo (USP) e graduado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde também atuou como professor temporário de Projeto, em 2012.

Elisabete França

Arquiteta e urbanista, com mais de 30 anos de experiência em projetos urbanos, ambientais, habitacionais e de mobilidade urbana, atualmente é Diretora de Planejamento e Projetos da Companhia de Engenharia Tráfego de São Paulo (CET) e integra o corpo docente da Faculdade de Arquitetura da Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). Ao longo de toda a vida profissional tem participando da curadoria de exposições, com destaque para o Pavilhão Brasileiro na Bienal de Veneza e na Bienal de Rotterdam. Membro do corpo de jurados do Urban21, do Prêmio ASBEA, do Schindler Global Award (2017) e do Concurso Público Nacional para a Sede IAB/DF + CAU/BR, entre outros.

Fernando Túlio

Presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento São Paulo (IAB-SP), gestão premiada em 2019 pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) na categoria Arquitetura. Integrante da comitiva brasileira de 2020 para o Programa de Liderança Executiva em Desenvolvimento da Primeira Infância de Harvard (EUA). Graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), mestre em políticas públicas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e doutorando pela FAU-USP, foi pesquisador do Lincoln Institute of Land Policy (EUA), do Laboratório de Direito à Cidade e Espaço Público (LabCidade) e do Laboratório de Infraestruturas Urbanas Fluviais (Metrópole Fluvial), ambos da FAU-USP, e do Centro Argentino de Implementação de Políticas Públicas para Equidade e Crescimento (CIPPEC). Foi assessor especial de gabinete e chefe de gabinete substituto da Secretaria de Desenvolvimento Urbano da Prefeitura de São Paulo (2013-2016) e presidente do Conselho Curador da FAU-USP (2009 e 2011).

Juliana Braga

Arquiteta e urbanista formada pela Universidade de São Paulo (FAU-USP) em 2004, é mestre (2010) e doutora (2018) pela mesma instituição, com pesquisas sobre as contribuições de Flavio Motta ao campo da arquitetura e do ensino. Foi colaboradora e associada ao escritório SPBR arquitetos (2004-2014) e sócia do escritório Vereda arquitetos (2016-2019). Atualmente desenvolve projetos e pesquisas de modo autônomo e em parcerias diversas e é professora de projeto na Escola da Cidade e na FAU-USP.

Pedro Varela

Arquiteto baseado no Rio de Janeiro, graduado e mestre pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ), desde 2016 atua como professor em diversas instituições. É sócio fundador do coletivo gru.a, no qual desenvolve trabalhos de diferentes escalas e naturezas, com especial interesse na interseção entre os campos da arquitetura e da arte contemporânea. Teve sua produção reconhecida por meio de prêmios e exposições, dentre os quais o Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel (2015 e 2019) e o primeiro lugar no concurso nacional para o Centro de Preservação da Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro, 2012). Recentemente, o seu estúdio, gru.a, foi finalista do prêmio Début Trienal de Lisboa Millennium BCP.

JÚRI

Em sua 7ª edição, o **Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel** recebeu 246 projetos. Por conta dessa quantidade expressiva de inscrições, o prêmio pôde seguir com sua vocação de servir como valioso mapeamento da produção brasileira recente, tendo ao menos um projeto de cada região do nosso vasto país na sua seleção final.

O fato de o Prêmio não ter categorias específicas garante liberdade para a atuação do júri por um lado, mas por outro, impõe discussões acerca da eleição de parâmetros que permitam a comparação entre projetos de naturezas as mais diversas: arquitetura efêmera, residências unifamiliares, equipamentos públicos, projetos de escala urbana, ou ainda projetos de alto padrão e aqueles que dispõem do mínimo de recursos. Diante desse desafio, o júri buscou elencar uma gama de aspectos relevantes, de modo que não caberia a um único projeto atender a todos eles, mas caberia à seleção final expressar essa diversidade: inovações na linguagem e na forma, excelência nos detalhes, tipologias variadas, preocupação ambiental, o emprego de técnicas construtivas não convencionais ou um emprego inovador de material já consagrado. O júri ainda dedicou espaço a projetos que nos fizessem questionar: afinal, o que é arquitetura? E buscou, também, destacar projetos que se dedicaram à dimensão processual e ao saber daqueles envolvidos na obra. Diante de parâmetros tão variados, muitas vezes a priorização de projetos de utilidade ou fruição públicas foi decisiva.

Outro ponto, enfrentado também em edições anteriores, foi o empenho em equilibrar na seleção tanto os escritórios com uma trajetória consolidada e de reconhecida qualidade como aqueles profissionais que estão iniciando sua atuação. Essa preocupação acaba por, indiretamente, dar visibilidade a projetos cujo programa é costumeiramente menos valorizado no campo arquitetônico, ou mesmo que estão fora da região Sudeste. No sentido oposto, o júri buscou valorizar projetos frutos de verba pública e de alta complexidade que, por sua vez, enfrentaram outro desafio: serem realizados, haja vista os inúmeros entraves que no Brasil acabam deixando tantas obras inconclusas.

Por último, mas não menos importante, o júri empenhou-se em minimizar a discrepância entre gêneros e raças, uma vez que o número de inscritos no Prêmio ainda é majoritariamente de homens brancos.

Entre os três premiados está a **Estação Antártica**, edifício fruto de concurso público concluído este ano, carregando consigo a insígnia da ciência em um momento no qual esta se faz tão necessária mas, ao mesmo tempo, é deixada à margem das prioridades nacionais. Por sua vez, a **Requalificação da Colina do Senhor do Bonfim** nos apresenta excelência no desenho urbano e nas particularidades de seu mobiliário urbano, em profundo diálogo com fatores culturais e religiosos em um dos marcos da cidade de Salvador (BA). Por fim, a **Academia-Escola / Unileão**, localizada em Juazeiro do Norte (CE), traz questões extremamente pertinentes a respeito do emprego inovador de materiais construtivos já consolidados e da concisão formal e de linguagem, aliados a uma preocupação ante as demandas climáticas do semiárido nordestino.

Vale ressaltar: não há um primeiro colocado. Listamos aqui os três projetos premiados em meio a uma rica amostragem de dez projetos selecionados. Há ainda três menções honrosas que complementam esse complexo panorama de projetos que apresentam, cada um à sua maneira, méritos de inovação e qualidade, representando o que há de melhor em termos de arquitetura brasileira.

DIEGO MAURO, ELISABETE FRANÇA, FERNANDO TÚLIO, JULIANA BRAGA e PEDRO VARELLA

Júri do 7º Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel

Se fosse necessário eleger o perfil mais comum dos projetos inscritos nesta edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel, chegaríamos a uma casa de alto padrão assinada por um arquiteto homem e branco com escritório sediado em São Paulo.

Ao olharmos para a história da arquitetura, logo notamos que a casa é um dos programas de experimentação por excelência, sobretudo se estivermos lidando com a residência do próprio arquiteto ou arquiteta. No entanto, entendo que a presença massiva de casas de alto padrão e alta qualidade inscritas no Prêmio manifesta sobretudo a concentração de renda em nosso país.

Na condição de membro do júri representante do Instituto Tomie Ohtake nesta sétima edição, estive atento sobretudo a alguns critérios que garantissem que os projetos selecionados representassem minimamente a variedade da produção de arquitetura e dos arquitetos e arquitetas do Brasil. Se as casas de alto padrão muitas vezes já alcançam visibilidade e reconhecimento por outros meios (como publicações, sites e outras premiações), este Prêmio é uma valiosa oportunidade de apontar novos horizontes para a arquitetura, ao invés de estreitá-los.

Para minha satisfação, os demais membros do júri logo se mostraram muito afinados em torno dessas mesmas preocupações de diversidade em sentido amplo, o que garantiu um debate arquitetônico extremamente proveitoso e qualificado. É pela primeira vez, temos uma edição do Prêmio com apenas uma residência unifamiliar entre os projetos selecionados. Isso não aponta para uma queda na qualidade das casas inscritas, mas sim para o seu contrário: uma preocupação, entre os membros do júri, diante da falta de projetos inscritos de infraestrutura, de projetos de habitação de interesse social, de projetos públicos ou de caráter público. E esses, os mais raros entre os inscritos, foram priorizados neste ano.

Entretanto, mesmo tendo em vista as preocupações mencionadas acima, se olharmos para as unidades federativas dos 13 escritórios aqui apresentados, vamos deparar com oito escritórios do Sudeste (sendo cinco da cidade de São Paulo), dois do Nordeste, um do Centro-Oeste, um da Região Sul e um da Região Norte. E mesmo diante desse nosso olhar atento, os projetos selecionados ainda são majoritariamente de homens brancos. Fica aqui o apelo para que todas as pessoas que integram o campo da arquitetura e urbanismo em nosso país estejam atentas a essas mesmas preocupações, para que possamos galgar um patamar mais plural para a arquitetura brasileira.

DIEGO MAURO

Participar do corpo de jurados da sétima edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel foi uma experiência gratificante. Avaliar 246 projetos das mais variadas escalas e com programas os mais diversos fortaleceu o otimismo frente à produção atual, e compartilhar opiniões e aprendizados com os colegas do júri enriqueceu nosso olhar sobre as diversas arquiteturas concorrentes, num debate democrático e, principalmente, generoso, com destaque para o “ouvir e aprender com o outro”.

O conjunto dos projetos apresentados pode ser traduzido como uma mostra da arquitetura contemporânea produzida nos diferentes territórios deste imenso país caracterizado por diversidades regionais; uma resposta criativa para as demandas das diferentes escalas; uma forma corajosa dos jovens arquitetos em pesquisar as particularidades de cada região e traduzi-las em seus projetos. Uma ousadia presente na busca do rompimento com a cultura modernista que sacramentou a produção local do século XX.

O painel dos projetos concorrentes reforçou questões presentes no nosso cotidiano profissional – uma produção preocupada com as principais questões com que nos defrontamos na atualidade: uma arquitetura generosa que se apresenta na escala humana, projetada em conformidade com os requisitos necessários para a proteção ambiental e buscando responder às necessidades decorrentes das mudanças climáticas que afetam nosso presente e, principalmente, o futuro, as gerações que vão nos suceder.

A produção contemporânea brasileira analisada com base nos projetos inscritos nos faz concluir que mudanças de paradigmas podem ser vislumbradas: nossa produção atual se mostra cada vez mais revigorada e diversificada; se faz presente na produção de escritórios representantes das várias regiões do país, que buscam responder às necessidades locais por meio da diversidade de materiais, técnicas construtivas, uso de cores e, especialmente, projetos que respondem às demandas de seus futuros usuários.

Finalmente, nós do júri fomos confrontados com um conjunto de projetos que resultou na escolha de 13 classificados com características comuns, a mais importante delas, a busca por expressar a importância da arquitetura na viabilização de espaços construídos com inteligência e respondendo às mais diversas demandas da cidade contemporânea: edifícios ou espaços públicos generosos e bem resolvidos. Enfim, uma arquitetura que representa os novos tempos desafiadores caracterizados por tantas diversidades.

ELISABETE FRANÇA

NOVOS CAMINHOS E AUSÊNCIAS: UM BREVE PANORAMA

O panorama que se delineia na sétima edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel nos permite compreender a produção arquitetônica contemporânea brasileira, sobretudo, a partir de duas dimensões: as obras construídas, relevantes, diversas e reveladoras de novos caminhos; e seu negativo, o vazio formado por aqueles projetos que sequer tiveram condições de existir – muito menos de serem construídos.

Das 246 inscrições, as obras de infraestrutura – quer seja de mobilidade urbana ou de saneamento ambiental – e de habitações de interesse social não preenchem os dedos de uma mão. Sequer de duas, as áreas verdes, espaços livres e públicos. Não foram submetidos projetos de urbanização de favelas. Pouquíssimos foram também os exemplares provenientes de concursos públicos. Poucas obras públicas e do setor imobiliário marcadas pela excelência na promoção da qualidade urbana e investigação de novas soluções ambientais. Por pouco não pudemos registrar a ausência da assistência técnica, pública e gratuita, para melhorias habitacionais voltadas às famílias de baixa renda (parte integrante do direito social à moradia garantida que se consolidou com a aprovação da Lei Federal 11.888, de 2008). Lá se vão 12 anos!

Há, portanto, um grave descolamento entre oferta de projetos e nossas necessidades estruturais. Fato que gera preocupação, especialmente diante das crises urbana e ambiental que marcam nosso tempo presente.

No entanto, mesmo diante desses desafios o mapeamento obtido revela a potência da cultura arquitetônica e urbanística brasileira. Para a difícil tarefa de selecionar 13 projetos representativos dessa realidade nos apoiamos tanto em parâmetros referentes aos objetos como nos sujeitos responsáveis pela sua produção. Em relação ao primeiro item buscamos valorizar aqueles que fossem símbolos da resistência às ausências identificadas anteriormente e cuja inserção urbana e diálogo com o entorno fossem mais humanos, contivessem experimentações técnicas criativas e fossem representativos das distintas regiões do país. Soluções não usuais, que desafiam a fronteira da arquitetura com outras disciplinas, também foram valorizadas, além das obras mais recentes. Em relação ao segundo item nos preocupamos com a representatividade das equipes – no que se refere a gênero, raça e região –, mas também com o equilíbrio entre jovens escritórios, coletivos ou profissionais e grupos consolidados profissionalmente.

Os projetos selecionados são uma radiografia disso. Revelam a importância da leitura atenta dos respectivos lugares, dos processos construtivos, dos impactos e das múltiplas formas de uso. Experimentam e apontam novos caminhos, cada um à sua maneira, não somente em relação à função e responsabilidade socioambiental, mas também no que se refere à linguagem, buscando novas sintaxes e expressões poéticas a partir do arranjo entre diferentes premissas, métodos e componentes construtivos. São ao mesmo tempo resistência e sementes de uma cultura viva que carece de mais cuidado, especialmente quanto à oferta de oportunidades.

FERNANDO TÚLIO

A oportunidade de participar da comissão julgadora do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel nos coloca frente a um extenso e diverso panorama da produção nacional, que desde o princípio nos surpreendeu em sua riqueza de propostas, suas múltiplas abordagens e o comprometimento com a qualidade dos espaços nas mais diversas escalas. A difícil seleção de pouco mais de dez projetos dentre o vasto número de inscritos nos levou, de partida, a discutir premissas e critérios para a construção de nosso diálogo, estabelecendo um chão comum que pudesse constituir um modo de olhar capaz de abarcar programas e enfrentamentos tão distintos.

Por um lado, havia entre os inscritos um pequeno mas significativo conjunto de projetos de edifícios públicos e projetos urbanos, muitos deles recém-concluídos, sobre os quais nos detivemos atentamente na avaliação, buscando valorizar e ressaltar não somente a relevância programática, mas também o desafio profissional representado por cada um desses exemplares, que necessariamente levam a arquitetura a estabelecer relações complexas e articuladoras entre amplos contextos multidisciplinares. E neste momento particular de difícil isolamento social no qual se desenrolou o concurso, tais projetos também adquirem um valor simbólico ainda maior, que nos remete à importância de seus usos coletivos e dos espaços dos quais estamos privados, bem como a uma resposta cívica e resistente às sucessivas tentativas de desmonte da coisa pública em curso no Brasil. Dentre os selecionados, os projetos de requalificação da Colina Sagrada do Bonfim e da Orla Marítima de Ilha Comprida, bem como do Terminal de Passageiros do Aeroporto de Florianópolis e da Estação Antártica Comandante Ferraz, representam soluções exemplares a tais desafios e nos remetem a esses sentidos mais amplos.

De certo modo esse conjunto ofuscou a presença massiva das residências unifamiliares, programa que prevalece numericamente entre as inscrições. Apesar de contar com diversos exemplos que extrapolam as soluções consagradas e tentam encontrar um lugar para a casa como certo laboratório de investigações espaciais e construtivas, ainda nos remetem ao universo social restrito no qual a arquitetura se faz presente nas cidades brasileiras.

Por outro lado, tratava-se também de contemplar representações diversas, especialmente procurando um cenário regional amplo, com enfrentamentos de outros pressupostos e contribuições. E ao mesmo tempo, buscava-se trazer ao debate trabalhos que transportam ao centro da discussão outros [e novos] processos, ampliando as dimensões do fazer, tensionando o campo de ação do arquiteto e reconfigurando seu lugar no diálogo e na construção de saberes coletivos, como é o caso da Ocupação Conexidade, do Quiosque e Abrigo de Canoas ou da experiência do grupo Arquitetura na Periferia, que aqui comparece em sua exposição para a XII Bienal de Arquitetura de São Paulo.

Algumas ausências programáticas se fizeram sentir em nossa discussão, pois representam lugares que o júri considera fundamentais entre os campos da arquitetura pertinentes às cidades brasileiras, como foi o caso dos projetos de infraestrutura ou da habitação social, revelando os diversos entraves que ainda distanciam uma prática arquitetônica mais ampla desses campos. Ao mesmo tempo, alguns exemplos relevantes da habitação coletiva – como o Edifício Huma Klabin, em São Paulo, e o Edifício Manga, em Manaus, comparecem como exemplos da aproximação entre experimentação arquitetônica e a produção privada de habitação coletiva.

Se um júri é necessariamente diverso em seus pontos de partida e leituras individuais, foi por meio do diálogo profícuo e da troca das experiências entre seus membros que fomos construindo o panorama que aqui se apresenta. Com a somatória de olhares e reflexões coletivas foi possível compor novos entendimentos sobre as obras, revelando assim novas possibilidades e significados até mesmo para aquelas que um ou outro havia descartado num primeiro momento, constituindo o conjunto de projetos aqui representado como um lugar próprio dessa construção conjunta.

QUIOSQUE E ABRIGO DE CANOAS, ESTÚDIO FLUME – MENÇÃO DE SUSTENTABILIDADE

Com objetivo de contribuir para a reflexão acerca das possibilidades de uso do termo “sustentabilidade”, e assim tensionar os limites de sua abrangência, o grupo de jurados da sétima edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel optou por destacar o projeto “Quiosque e Abrigo de Canoas”, do Estúdio Flume, para receber a menção honrosa dedicada ao tema. Com essa escolha o júri manifesta-se em favor de uma compreensão de sustentabilidade que valorize não só seu comprometimento com os aspectos ambientais – o que não é pouco –, mas, sobretudo, sua capacidade de criar processos de projeto fundamentalmente ligados às lógicas do território e aos povos que os habitam.

Ao projetar uma estrutura que serve como suporte facilitador do desenvolvimento da atividade econômica de uma família de caiçaras, os arquitetos oferecem uma inteligente contribuição, mesmo que aparentemente indireta, à proteção ambiental e cultural da pequena ilha onde se encontra o abrigo. Com isso, os autores parecem reconhecer seus limites de atuação no debate sobre a proteção ambiental e, ao mesmo tempo, lançar luz sobre as possibilidades de contribuição efetiva que o projeto de arquitetura pode oferecer a ele.

O trabalho destacado opera a partir das relações que estabelece com os habitantes do território e com as preexistências, sem abdicar, no entanto, da sua dimensão autoral, lançando mão de seu repertório material e buscando um desenho sintético, austero e, ao mesmo tempo, detentor de comovente potência poética. Essa combinação se materializa na articulação entre elementos construtivos de naturezas distintas: o bloco de concreto industrializado e a madeira de bambu coletada nos arredores do canteiro; a telha ondulada de policarbonato e a estrutura de pilares remanescentes da edificação pregressa, entre outros.

Por fim, cabe registrar que o projeto do Estúdio Flume manifesta a consciência de que a arquitetura não é coisa estática, mas se faz ao longo do tempo: antes e depois da obra construída. Nesse arco temporal, onde início e fim não são nem devem ser precisos, o processo de construção – dramático por natureza – aparece como o clímax do processo, tendo o canteiro de obras como seu palco de atuação e o grupo que combina nativos e arquitetos como seus protagonistas. Nesse curto espaço de tempo no canteiro, de apenas 15 dias, importa a edificação que foi gerada a partir dele, mas também as relações de trabalho, a transmissão de conhecimento multilateral e, enfim, a produção de valiosos encontros.

PEDRO VARELLA



7ª EDIÇÃO PRÊMIO DE
ARQUITETURA

**INSTITUTO
TOMIE OHTAKE**

AkzoNobel

Projeto Premiado | *Awarded Project*

ACADEMIA-ESCOLA / UNILEÃO

Lins Arquitetos Associados

**AEROPORTO DE FLORIANÓPOLIS
TERMINAL INTERNACIONAL DE PASSAGEIROS**

Biselli Katchborian Arquitetos

CAPELA INGÁ-MIRIM

messina | rivas

CASA CAVALCANTE

BLOCO Arquitetos

EDIFÍCIO HUMA KLABIN

Una Arquitetos

EDIFÍCIO MANGA / VILA SANTA THEREZA

Laurent Troost Architectures

Projeto Premiado | *Awarded Project*

ESTAÇÃO ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ

Estúdio 41

Menção Honrosa | *Honorable Mention*

**INSTALAÇÃO ARQUITETURA NA PERIFERIA – XII BIA
(Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo)**

Carina Guedes, Mariana Borel

Menção Honrosa Cor | *Honorable Mention- Color*

MUSEU DA CACHAÇA

Jô Vasconcellos

OCUPAÇÃO CONEXIDADE

Estúdio Chão

Menção Honrosa Sustentabilidade | *Honorable Mention – Sustainability*

QUIOSQUE E ABRIGO DE CANOAS

Estudio Flume

Projeto Premiado | *Awarded Project*

REQUALIFICAÇÃO DA COLINA DO SENHOR DO BONFIM

Sotero Arquitetos

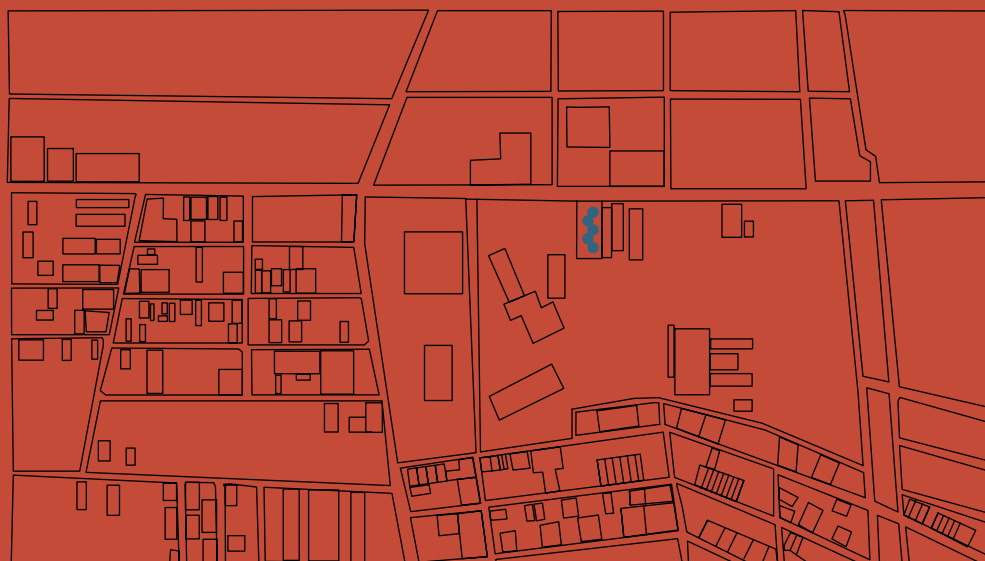
**REQUALIFICAÇÃO URBANA E AMBIENTAL DA
ORLA MARÍTIMA DE ILHA COMPRIDA**

Boldarini Arquitetos Associados

ACADEMIA-ESCOLA / UNILEÃO



PROJETO PREMIADO
AWARDED PROJECT



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION



ACADEMIA-ESCOLA / UNILEÃO
SPORTS GYMNASIUM-SCHOOL / UNILEÃO

Lins Arquitetos Associados

Localização | *Location*

Juazeiro do Norte, CE

Data de conclusão | *Date of Completion*

2018

Área do Projeto | *Site Area*

964,09 m²

Área do Terreno | *Lot Size*

2.600,00 m²

Arquitetas(os) responsáveis |
Executive Architects

Cintia Lins, George Lins

Estagiárias(os) | *Interns*

Gabriela Brasileiro, Camila Tavares,

Hanna dos Santos, Samuel Melo,

Alice Teles, Paula Thiers

Projeto estrutural | *Structural Design*

JTC Projetos Estruturais

Execução do projeto | *Project*

Implementation

Ampla Engenharia

Fotografia | *Photography*

Joana França, Lins Arquitetos



ACADEMIA-ESCOLA / UNILEÃO

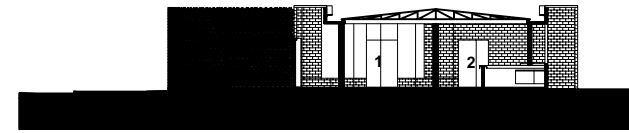
Esta academia-escola, situada em *campus* do Centro Universitário Unileão na cidade de Juazeiro do Norte, sertão do Ceará, atende aos funcionários e alunos da instituição e está ligada ao curso de Educação Física. De modo a respeitar uma setorização de usos sem abrir mão de sua integração visual, foi proposto um conjunto de cinco circunferências em planta baixa, conectadas entre si, organizadas lado a lado mas não alinhadas entre si, de tal maneira que três varandas se situam entre as circunferências. O acesso ao equipamento se dá pela varanda central, ao passo que as outras duas servem de espaço para treinamentos. A circunferência central acolhe recepção e cantina; duas circunferências são destinadas a musculação, outra recebe atividades aeróbicas, e uma última concentra áreas de serviço e administração.

A fim de aproveitar um platô existente, a implantação adotada acarretou maior exposição à incidência solar. Em compensação, todas as fachadas foram organizadas como em camadas, de modo a barrar o calor excessivo. Externamente, tijolos cerâmicos maciços estão dispostos numa relação de cheios e vazios, permitindo a entrada de ar e regulando a incidência solar. No interior, a 1,8m da parede externa e ao longo de todo o perímetro, um pano de esquadrias de vidro transparente possibilita o uso de ar-condicionado quando necessário. Entre o fechamento de vidro e a parede vazada de tijolos, o jardim interno proporciona um microclima mais ameno. A cobertura é revestida por telhas termoacústicas.

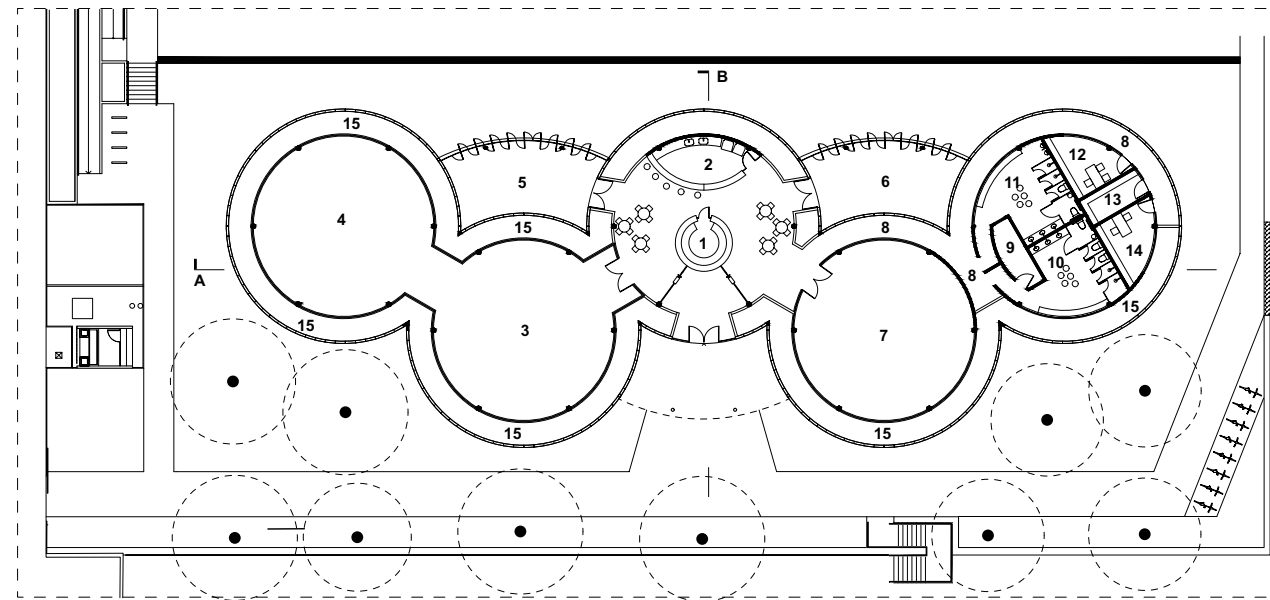
O projeto valoriza o aspecto bruto dos materiais. O barro dos tijolos e o concreto dos pilares e marquises são aparentes. Chama atenção a concisão formal alcançada, por meio de uma solução simétrica e sintética. O projeto investe no jogo preciso de elementos repetidos – seja a planta baixa em circunferências, seja a relação de cheios e vazios das fachadas.



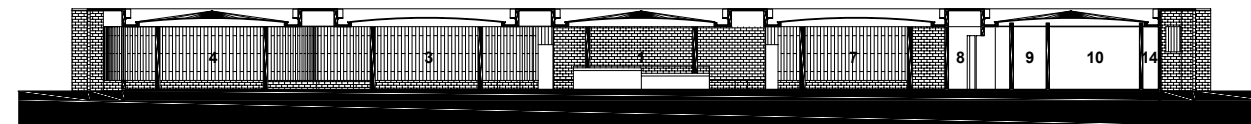
- 1 Recepção | *Reception*
- 2 Cantina | *Cafeteria*
- 3 Atividades aeróbicas | *Aerobic activities*
- 4 Musculação | *Bodybuilding*
- 5 Alongamento / abdominal | *Stretching / Abdominal exercises*
- 6 Apoio treinamento funcional | *Support for functional training*
- 7 Atividades aeróbicas | *Aerobic activities*
- 8 Circulação | *Circulation*
- 9 Depósito de material de limpeza | *Cleaning materials*
- 10 Vestiário feminino | *Women's locker room*
- 11 Vestiário masculino | *Men's locker room*
- 12 Sala de avaliação | *Evaluation room*
- 13 Depósito | *Storage*
- 14 Administração | *Administration*
- 15 Jardim | *Garden*



CORTE B | SECTION B

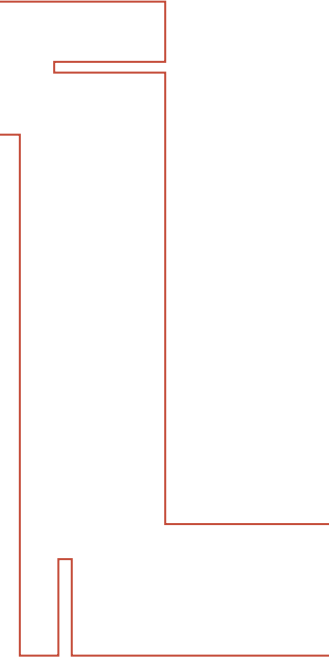


PLANTA | PLAN



CORTE A | SECTION A

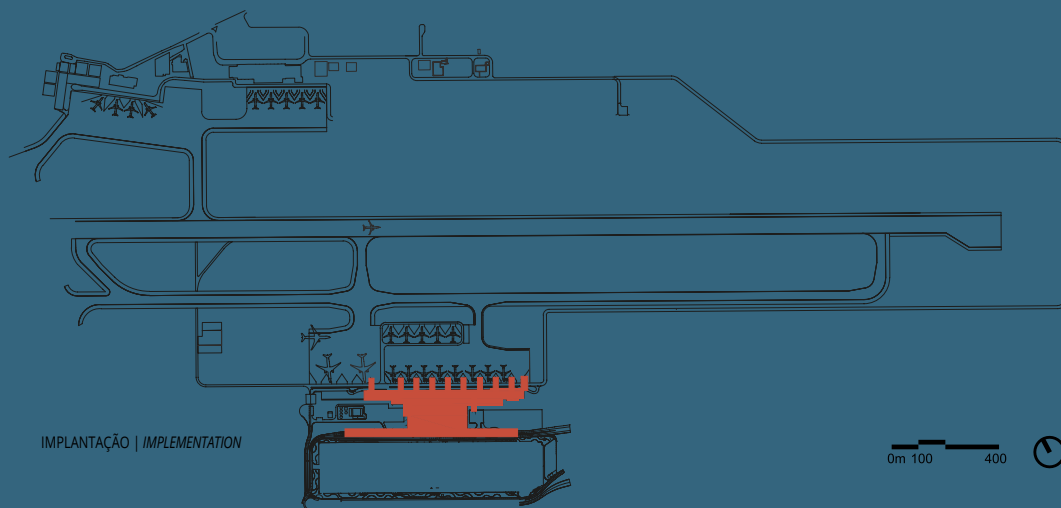
0m 1 5 10





AEROPORTO DE FLORIANÓPOLIS

TERMINAL INTERNACIONAL DE PASSAGEIROS



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION

AEROPORTO DE FLORIANÓPOLIS
Terminal Internacional de Passageiros
FLORIANÓPOLIS AIRPORT
International Passenger Terminal
Biselli Katchborian Arquitetos
Localização | *Location*
Florianópolis, SC
Data de conclusão | *Date of Completion*
2019
Área construída | *Floor Area*
46.829,00 m²

Arquitetos Responsáveis |
Executive Architects
Mario Biselli, Artur Katchborian
Equipe de Projeto | *Design Team*
Cassia Lopes Moral, Camila
Bevilacqua de Toledo (Coordenadoras |
Coordinators); **Marco Aurelio Toledo,**
Bruno Taiar, Victor Piza, Alexandre
Biselli, Breno Quaioti, Karen Sato,
Juliana Gea, Andreia Oshiro,
Roberto Dionizio, Mariana Ginesi,
Luiz Nogueira, Filipe Battazza,
Daniel Agostinho, Thais Roman,
Giovana Viveiros, Maria Carolina
Giardino, Leonardo Kliss
(Colaboradores | *Associate Designers*)

Cliente | *Client*
Zurich Airport
Estrutura | *Structure*
ENGSERJ
Construção | *Construction*
Racional
Conforto ambiental |
Environmental Comfort
Ca2
Acústica | *Acoustics*
Modal Acústica
Eletrônica | *Electronics*
Tecnifer
Alvenaria e DryWall | *Masonry and*
Drywall
Addor
Caixilhos | *Fenestration Products*
Crescêncio Petrucci
Comunicação visual | *Visual*
Communication
23 Sul
Iluminação | *Lighting*
Plínio Godoy
Fotografia | *Photography*
Mário Biselli, Nelson Kon



AEROPORTO DE FLORIANÓPOLIS - Terminal Internacional de Passageiros

Diante das novas demandas advindas do processo de privatização pelo qual passou o Aeroporto Internacional de Florianópolis em 2017, concebeu-se uma nova estrutura de modo a permitir que o terminal então em operação fosse desativado. O novo terminal conta com dois níveis operacionais – desembarque no térreo e embarque no pavimento superior, o qual se conecta à via por meio de passarelas. O terminal foi dividido em dois lados: o lado terra recebeu estacionamento e novos acessos que o ligam à cidade de Florianópolis; o lado ar recebeu novas pistas para taxiamento e um pátio para aeronaves.

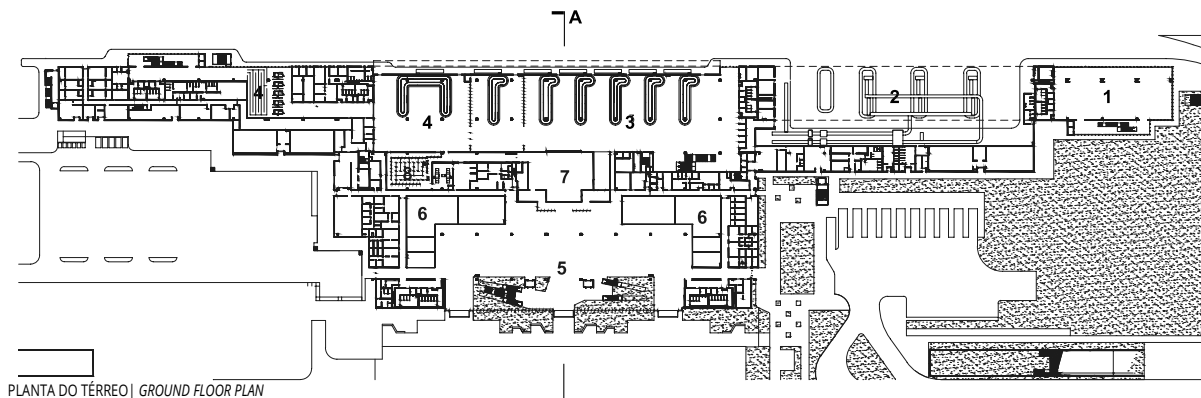
O novo terminal foi organizado em dois blocos compondo um “T” em planta baixa. É no processador – a parte inferior do “T” – que se situam as áreas administrativas e os saguões de desembarque e embarque, com destaque para este último, com pé-direito amplo, livre de pilares, e uma parede revestida de freijó inclinada para passagem da tubulação de ar condicionado. Ao longo da cobertura em estrutura metálica – cujo desenho baseia-se no repertório da aeronáutica –, aberturas zenitais se situam sobre os balcões de *check-in* e sobre o jardim com vegetação nativa. Este se encontra ao lado do meio-fio, no térreo, e é protegido por uma cobertura em balanço de 17,5 metros. Um plano de vidro separa jardim e interior, ao mesmo tempo que mantém a comunicação visual.

É no conector – a parte superior do “T” – que se encontram salas de embarque e esteiras de bagagem. Esse bloco consiste em um longo prisma retangular, revestido de chapas metálicas onduladas, marcado pelo ritmo das dez pontes de embarque. Um elemento que se destaca do conjunto é o mirante, que paira sobre o volume longilíneo do conector.

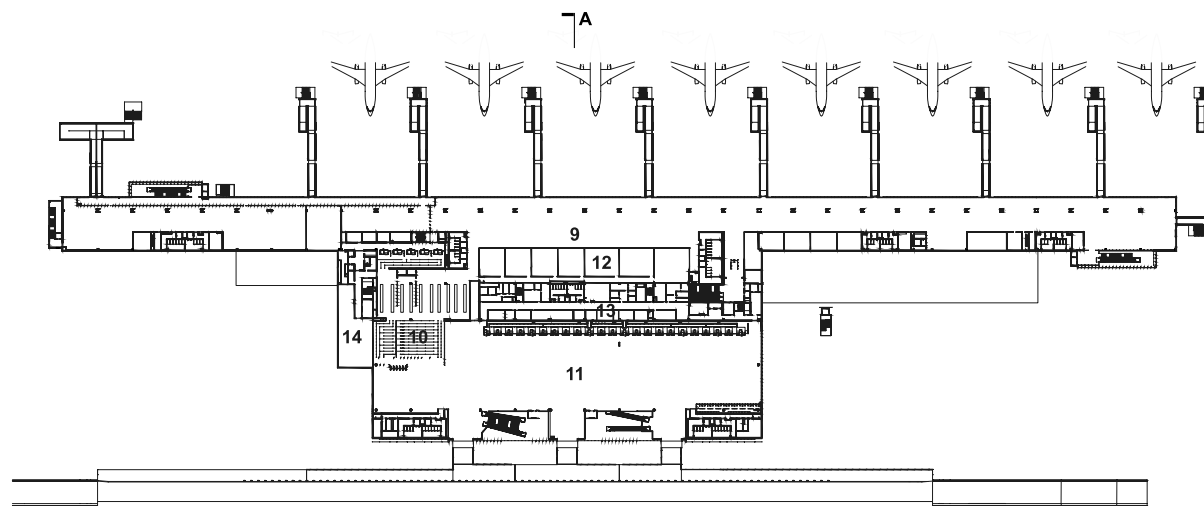
Este projeto merece atenção em virtude de sua dimensão, da complexidade das tecnologias implicadas e da multidisciplinaridade da equipe envolvida decorrentes do programa, resultando em soluções estéticas e funcionais que enfatizam espaços comuns com iluminação natural.



- 1 Setor embarcado / Embarque remoto | *Checked sector / Remote departure*
- 2 Bagagem embarcada | *Checked luggage*
- 3 Desembarque nacional | *National arrivals*
- 4 Desembarque internacional | *International arrivals*
- 5 Saguão desembarque | *Arrivals' lobby*
- 6 Áreas comerciais | *Commercial areas*
- 7 Alfândega | *Customs*
- 8 Apoio | *Support*
- 9 Setor embarcado / Salas de embarque | *Checked sector / Boarding gates*
- 10 Processamento de passageiros | *Passenger processing*
- 11 Check-in
- 12 Áreas comerciais | *Commercial areas*
- 13 Escritórios Cias. Aéreas | *Airlines' offices*
- 14 Apoio | *Support*

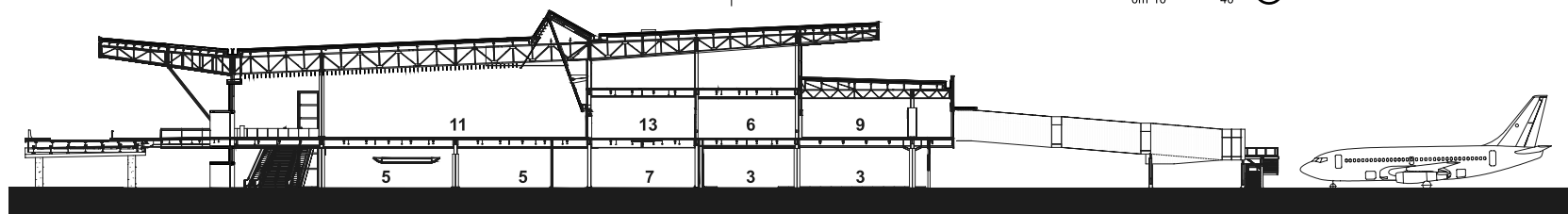


PLANTA DO TÉRREO | GROUND FLOOR PLAN



PLANTA DO 1º PAVIMENTO | FIRST FLOOR PLAN

0m 10 40



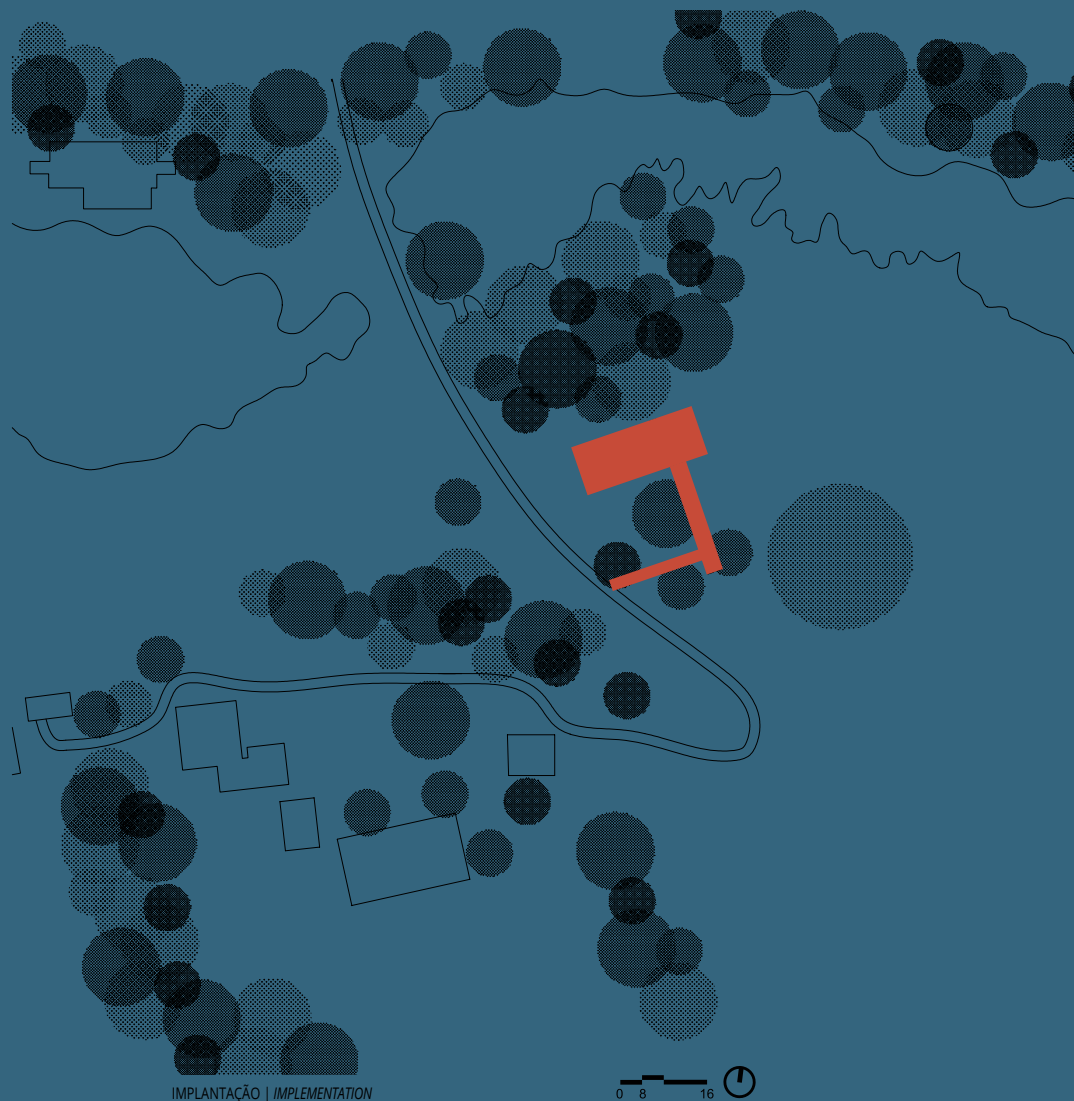
CORTE A | SECTION A

0m 3 12





CAPELA INGÁ-MIRIM



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION

CAPELA INGÁ-MIRIM
INGÁ-MIRIM CHAPEL

messina | rivas

Localização | Location

Itupeva, SP

Data de conclusão | Date of Completion

2018

Área do projeto | Site Area

370 m²

Arquitetas(os) responsáveis |
Executive Architects

**Francisco Rivas, Rodrigo Messina,
Guadalupe Sappia**

Arquitetas(os) colaboradores em
paisagismo | Landscaping Designers

André Paoliello, Paula Paoliello

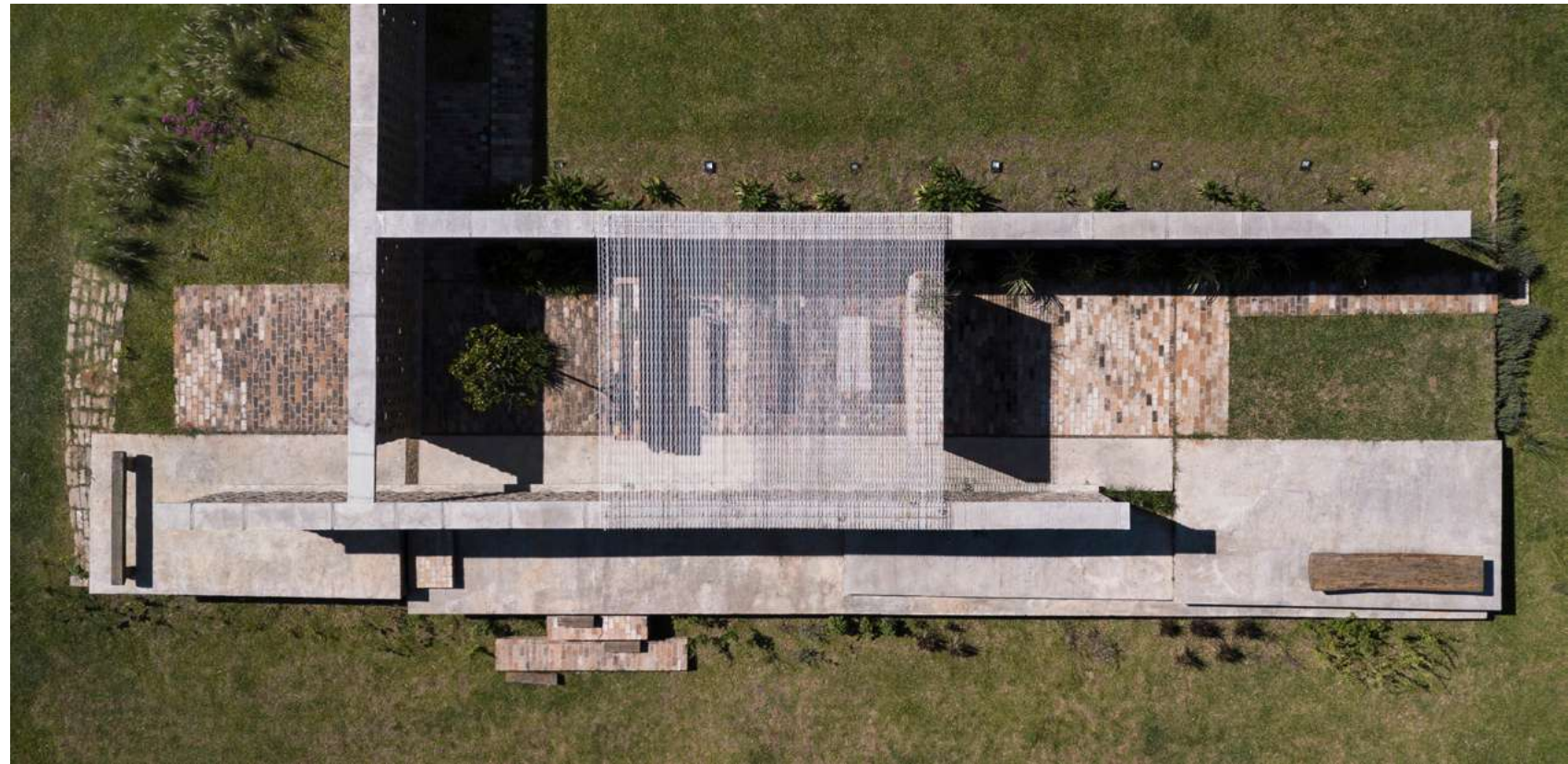
Mestres de obra | Foremen

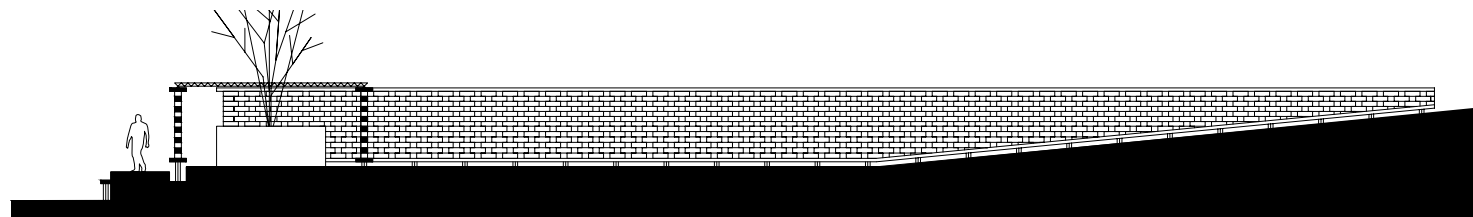
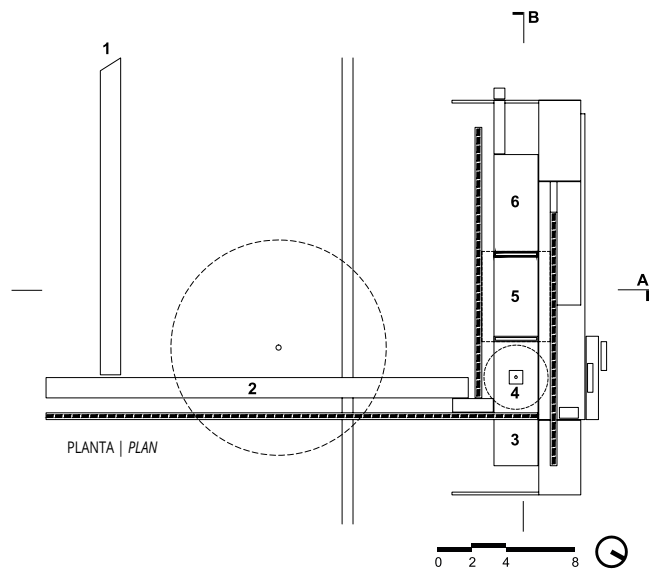
Carlos Xavier, Charles Xavier

Fotografia | Photography

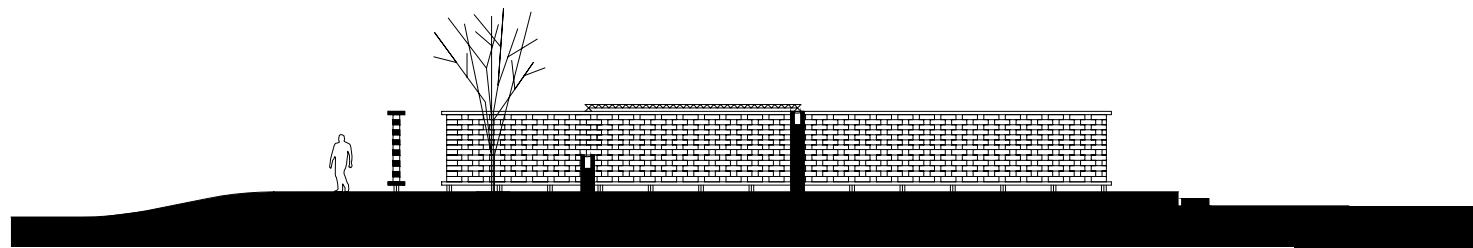
Federico Cairoli, messina | rivas



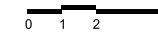




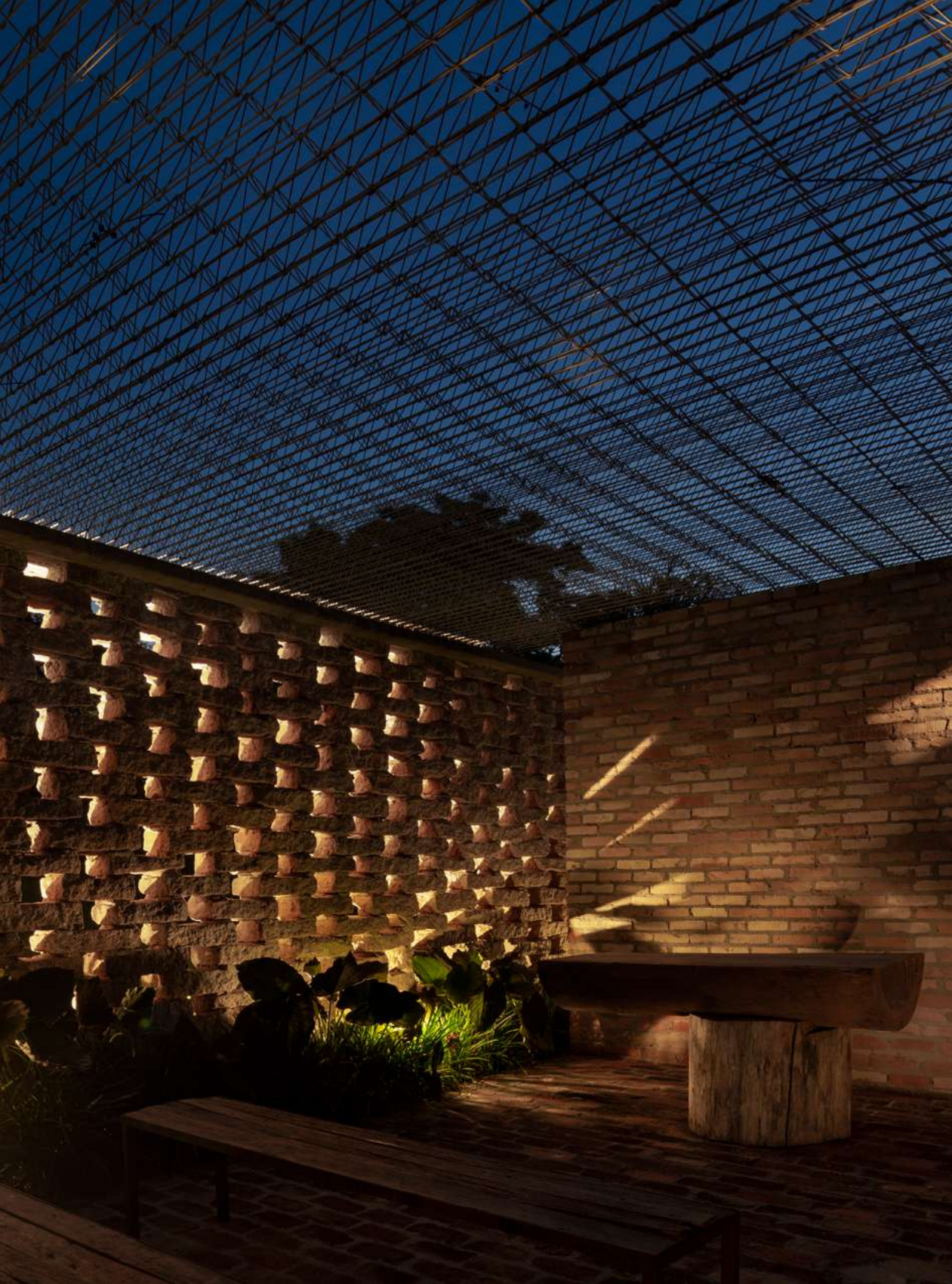
CORTE A | SECTION A



CORTE B | SECTION B



- 1 Acesso da fazenda | *Farm access*
- 2 Caminho de entrada | *Entrance path*
- 3 Mirante | *Belvedere*
- 4 Pátio interno | *Inner courtyard*
- 5 Espaço central | *Central space*
- 6 Pátio externo | *Outer courtyard*



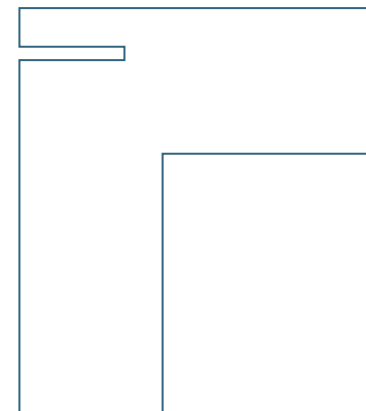
CAPELA INGÁ-MIRIM

Situada em uma fazenda do século XIX nas redondezas da cidade paulista de Itupeva, a Capela Ingá-Mirim surgiu da incumbência aos arquitetos de reformarem uma antiga colônia transformando-a em local voltado para celebrações de cunho religioso.

Fortemente pautado na preexistência e operando sobre um entendimento próprio da noção de reforma, o escritório desarmou a construção do local e ergueu a capela sobre o mesmo embasamento. O material da demolição foi reaproveitado no novo projeto.

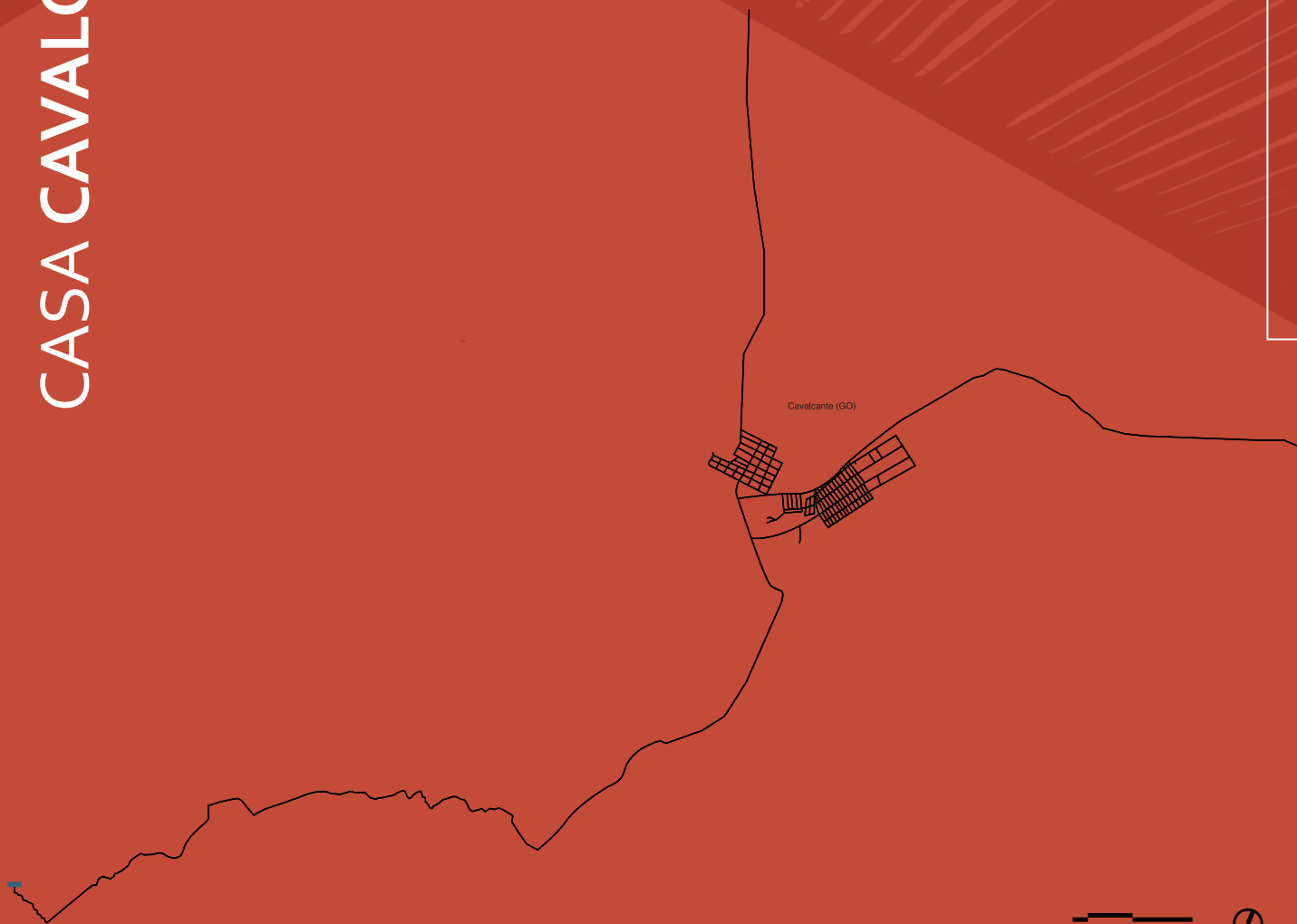
Os elementos estruturantes são três muros – dois paralelos entre si e perpendiculares a um terceiro – erguidos com pedras da antiga estrada pela qual se acessava a fazenda. Os muros a um só tempo se adequam à topografia e evidenciam suas inclinações. Entre os três muros, os tijolos desarmados da colônia foram empregados como pavimentação, resultando em um “passeio que conduz por espaços variados que procuram uma continuidade entre a construção e a paisagem, sugerindo um usufruto religioso aberto”, nas palavras do escritório. A interação com a paisagem se dá ainda por meio dos vazados decorrentes do assentamento espaçado entre as paredes de pedra, que também deixam passar a ventilação.

A construção se deu em parceria com os caseiros da fazenda, que tinham experiência prévia em construção civil. A obra é marcada tanto pelo saber dos caseiros, fundamental para se encontrar a forma de reaproveitar os materiais da região, como pela temporalidade imposta por outras demandas da fazenda, tais como cortar grama e cuidar dos animais.





CASA CAVALCANTE



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION

CASA CAVALCANTE
CAVALCANTE HOUSE

BLOCO Arquitetos

Localização | *Location*

Cavalcante, GO

Data de conclusão | *Date of Completion*

2019

Área do projeto | *Site Area*

270 m²

Área do terreno | *Lot Size*

266.000 m²

Arquitetos responsáveis |
Executive Architects

**Daniel Mangabeira da Vinha,
Henrique Eduardo Caldas**

Coutinho, Matheus Seco (Autores
| *Authors*)

Equipe de projeto | *Design Team*

Marina Lira (Arquiteta-Coordenação
| *Architect-Coordination*), **Guilherme**

Mahana (Arquiteto-Colaborador |
Architect-Associate Designer),

Fernando Longhi (Estagiário |
Intern)

Plantas e cortes | *Plans and Elevations*

Isabella Ferrari

Desenho em perspectiva |
Perspective Drawings

Elisa Albuquerque

Cálculo | *Structural Engineering*

Vista Engenharia

Engenheiro da obra |

Executive Engineer

Guilherme Bisinoto

Mestre de obras | *Foreman*

**Terbuliano Neto Santa Cruz
das Virgens**

Execução da estrutura
metálica | *Structural Metalwork*

Moisés Henrique Paz

Fotografia | *Photography*

**Daniel Mangabeira, Joana
França**





CASA CAVALCANTE

Situada a 20 quilômetros da cidade de Cavalcante de Goiás, em pleno cerrado, a casa foi implantada respeitando a orientação solar ideal em área plana de uma baixada, aliando o mínimo de movimentação de terra à vista privilegiada para o vale. Foram preponderantes para o projeto o clima quente da região, as restrições orçamentárias e a dificuldade de acesso e de materiais, além da mão de obra local com qualificação limitada. Tais imperativos conduziram a um processo construtivo em duas etapas que combina pré-fabricação com o emprego de materiais e mão de obra da região.

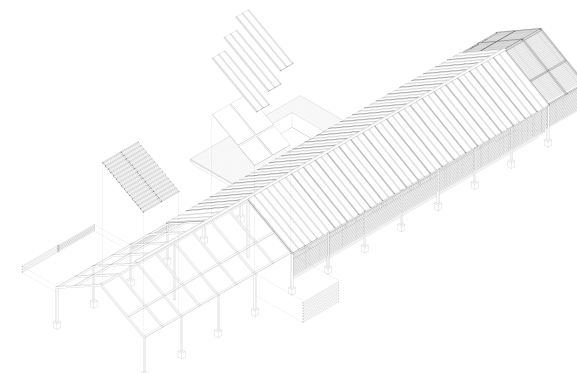
A cobertura em duas águas consiste em uma macroestrutura em perfil metálico pintada em tom róseo, dialogando com a coloração ferruginosa da terra. Além de agilizar a construção, a estrutura, uma vez instalada, permitiu aos trabalhadores seguirem com a obra protegidos do sol. Externamente, as paredes são de adobe feito com argila local. Internamente, as paredes são de blocos de oito furos, visando minimizar a inércia térmica e embutir a tubulação. Os ambientes de permanência prolongada têm ventilação cruzada. A modulação da estrutura externa parte das dimensões da telha sanduíche, de modo a evitar corte de material. Além disso, a estrutura atua como um grande beiral, com toras de eucalipto que protegem da incidência solar as paredes externas e a circulação que se dá ao longo do perímetro da casa.

O desejo de abrir a casa para a paisagem foi moderado pelos imperativos da inércia térmica. Assim, as aberturas dos quartos são contidas, e toda a face voltada para o poente conta com a proteção de brises de eucalipto intensificada. A energia consumida na casa advém totalmente de sistema fotovoltaico.

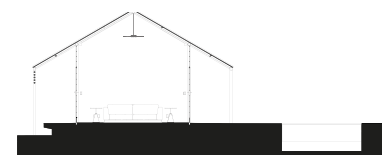
O projeto é elevado do solo para evitar o contato prolongado com a umidade (prejudicial às paredes de adobe) e para impedir a entrada de animais rastejantes. A casa também mantém distância da vegetação nativa – o chamado “aceiro” –, de modo que não há cobertura vegetal ao redor da edificação para impedir que queimadas, relativamente comuns, atinjam a construção, ou que algum foco de fogo da casa se propague pela vegetação.



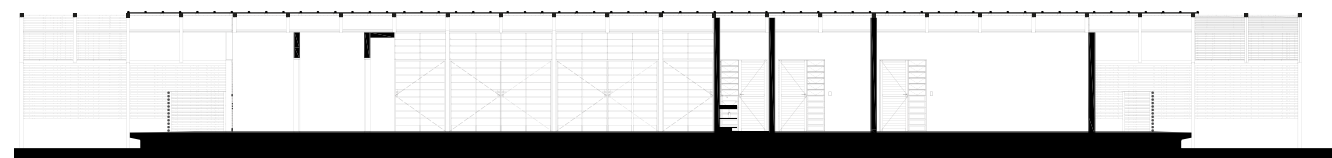
- 1 Área de serviço coberta | *Covered laundry*
- 2 Depósito | *Storage*
- 3 Despensa | *Pantry*
- 4 Cozinha | *Kitchen*
- 5 Sala de estar / jantar | *Living room / Dining room*
- 6 Banheiro social | *Restroom*
- 7 Banheiro suite | *Suite bathroom*
- 8 Suíte de hóspedes | *Guest suite*
- 9 Suíte casal | *Master suite bedroom*
- 10 Banheiro casal | *Master suite bathroom*
- 11 Deque | *Deck*
- 12 Piscina | *Pool*



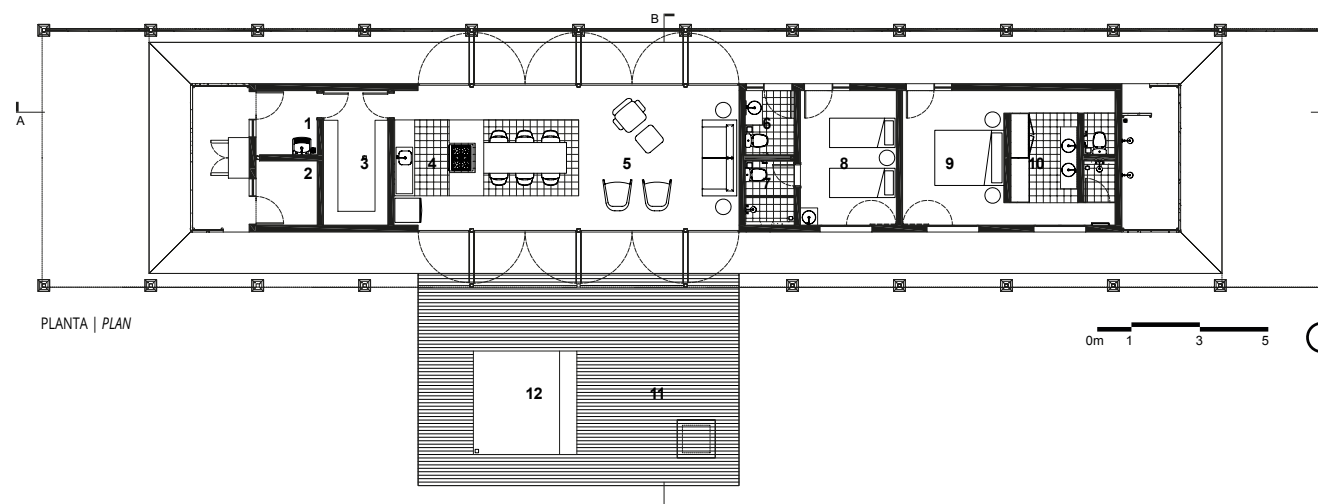
ISOMÉTRICA | ISOMETRIC



CORTE B | SECTION B



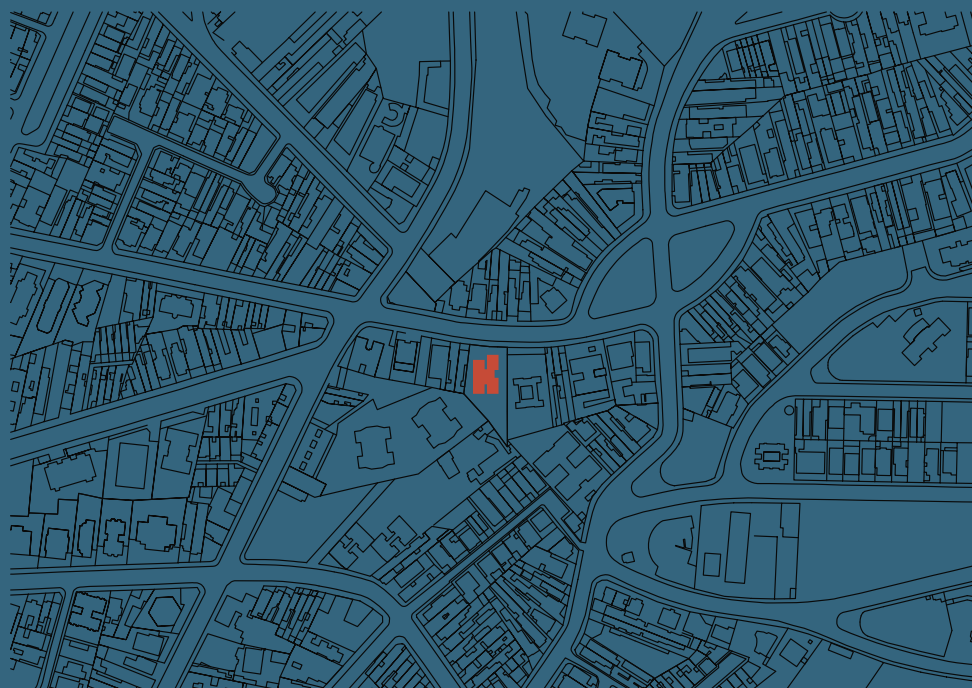
CORTE A | SECTION A







EDIFÍCIO HUMA KLABIN



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION

0m 10 50 100



EDIFÍCIO HUMA KLABIN

HUMA KLABIN BUILDING

Una Arquitetos

Localização | *Location*

São Paulo, SP

Data do projeto | *Design*

2012

Data da obra | *Construction*

2014-2016

Área do Projeto | *Site Area*

5.085,55 m²

Área do terreno | *Lot Size*

1.145,05 m²

Arquitetas(os) responsáveis |
Executive Architects

Cristiane Muniz, Fábio Valentim,

Fernanda Barbara, Fernando

Viégas (Autores | *Authors*), Eduardo

Martorelli, Hugo Bellini, Igor

Cortinove, Marta Onofre, Paula

Saito, Pedro Domingues Silva, Ana

Julia Chiozza, Luisa Cleaver, Marie

Lartigue, Thiago Benucci, Julia

Jabur Zemella (Colaboradores |

Associate Designers)

Equipe Huma | *Huma Team*

Beatriz Bertho, Fabio Miranda,

Felipe De Gerone, Rafael Rossi

Geotecnia | *Geotechnical Engineering*

Damasco Penna

Estrutura | *Structure*

Edatec

Construtor | *Construction Company*

Gattaz Engenharia

Instalações | *Plumbing and Electrical*

Systems

Etip

Impermeabilização | *Waterproofing*

Proassp

Esquadrias | *Fenestration Products*

Arqmate

Luminotecnia | *Lighting Design*

Studio Serradura

Paisagismo | *Landscape Design*

Soma

Comunicação visual | *Visual*

Communication

Nitsche Arquitetos

Interiores | *Interior Design*

Triplex Arquitetura

Fotografia | *Photography*

Nelson Kon





EDIFÍCIO HUMA KLABIN

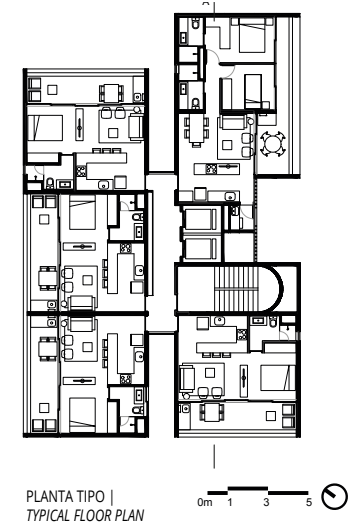
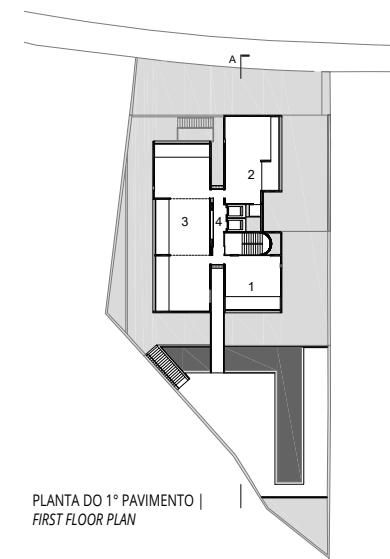
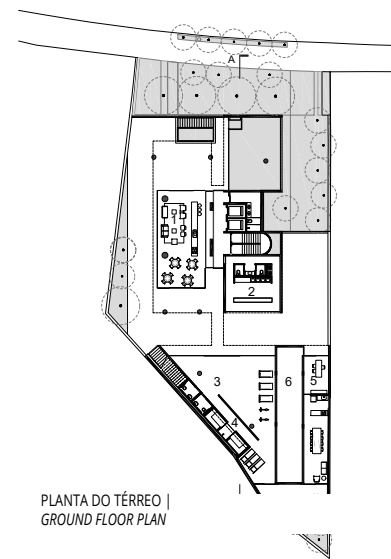
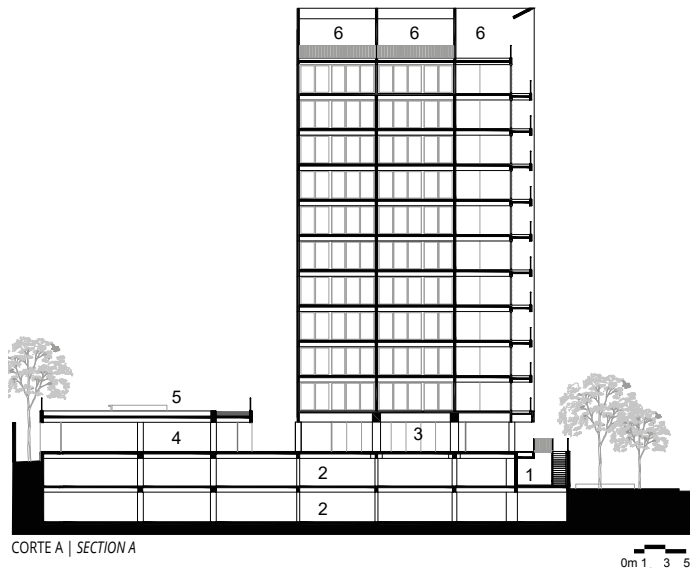
Situado no bairro da Vila Mariana, em São Paulo, este edifício tira proveito das visuais remanescentes entre as construções altas que o circundam. Buscando garantir vistas, ventilação e insolação adequadas, a disposição das aberturas dos apartamentos foi orientada de forma a não haver hierarquia entre as fachadas.

O edifício se constitui por dois volumes de apartamentos que ganham um afastamento entre si, transformando em respiro visual a circulação comum, aberta para o exterior. Chega-se a uma composição de planos das esquadrias dos apartamentos que compõem com planos de concreto em todas as orientações do edifício. O resultado é uma alternativa ao modelo vigente de torre residencial que consiste em um “gigantesco paliteiro monofuncional”.

O embasamento do edifício é associado visualmente a um dos volumes verticais, apresentando-se como um volume horizontal que se dobra verticalmente com 12 andares de apartamentos. O outro volume, ligeiramente recuado, tem um andar a menos, ressaltando a leitura de duas torres interconectadas, mas separadas.

O concreto aparente faz as vezes de estrutura e acabamento, em consonância com os valores caros à tradição da escola paulista. Nas palavras do escritório, “volumetria e expressão nascem da qualidade técnica e racionalidade dos sistemas construtivos associados”. O andar tipo contém quatro apartamentos de 44 metros quadrados e um maior, com 67 metros quadrados, com a possibilidade de se conjugarem. Os apartamentos são dotados de grandes varandas que contam com painéis translúcidos de enrolar.

O recuo frontal previsto em legislação foi oferecido como jardim à cidade. O declive de 2 metros do terreno foi utilizado em benefício dos dois acessos de estacionamento no subsolo, demandando assim pouca movimentação de terra. Programas comuns também ganharam com o escalonamento da edificação decorrente do declive do terreno: salão de festas, lavanderia coletiva e ginástica foram dispostos em um andar livre para os moradores, acima do acesso mais alto para veículos, e em sua cobertura foram instalados piscina e solário.



- CORTE A | SECTION A**
- 1 Pátio de entrada | *Entrance courtyard*
 - 2 Estacionamento | *Parking lot*
 - 3 Salão de festas | *Party hall*
 - 4 Sala de ginástica | *Gym*
 - 5 Piscina | *Pool*
 - 6 Terraço cobertura | *Rooftop terrace*

- PLANTA DO TÉRREO | GROUND FLOOR PLAN**
- 1 Salão de festas | *Party hall*
 - 2 Lavanderia | *Laundry*
 - 3 Sala de ginástica | *Gym*
 - 4 Sauna | *Sauna*
 - 5 Administração | *Administration*
 - 6 Casa de máquinas | *Mechanical room*

- PLANTA DO 1º PAVIMENTO | FIRST FLOOR PLAN**
- 1 Apartamento de 44,00 m² | *44.00 m² Apartment*
 - 2 Apartamento de 67,00 m² | *67.00 m² Apartment*
 - 3 Possibilidade de junção 44, 88 ou 132 m² | *Possibility of junction 44, 88 or 132 m²*
 - 4 Circulação aberta | *Open circulation*
 - 5 Piscina | *Pool*





EDIFÍCIO MANGA

VILA SANTA THEREZA



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION

0m 25 50



EDIFÍCIO MANGA / VILA SANTA THEREZA
MANGA BUILDING - VILA SANTA THEREZA

Laurent Troost Architectures

Localização | Location

São Jorge - Manaus, AM

Data do projeto | Project Design

2016-2018

Data da obra | Construction

2017-2019

Área construída | Floor Area

1.039 m²

Arquitetas(os) responsáveis | Executive Architects

Laurent Troost, Diogo Lazari (Coautores, Projeto Básico
| Base Plan Co-Authors), **Raquel Brasil dos Reis**

(Colaboradora, Projeto Básico | Associate Base Plan Designer)

Equipe de projeto | Design Team

Laurent Troost (Autor Projeto Executivo | Executive Plan
Author), **Raquel Brasil dos Reis** (Colaboradora Projeto
Executivo | Associate Executive Plan Designer)

Projeto Estrutural | Structural Design

Eng. Thais Nina

Projetos Complementares | Complementary Designs

Eng. Harlen Santos

Paisagismo | Landscaping

Laurent Troost, Hana Eto Gall

Fotografia | Photography

Laurent Troost, Maíra Acayaba



EDIFÍCIO MANGA | Vila Santa Thereza

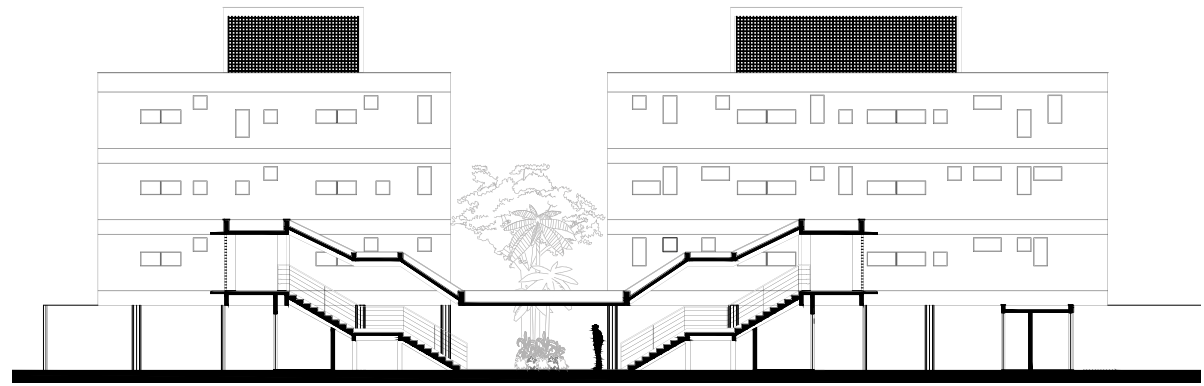
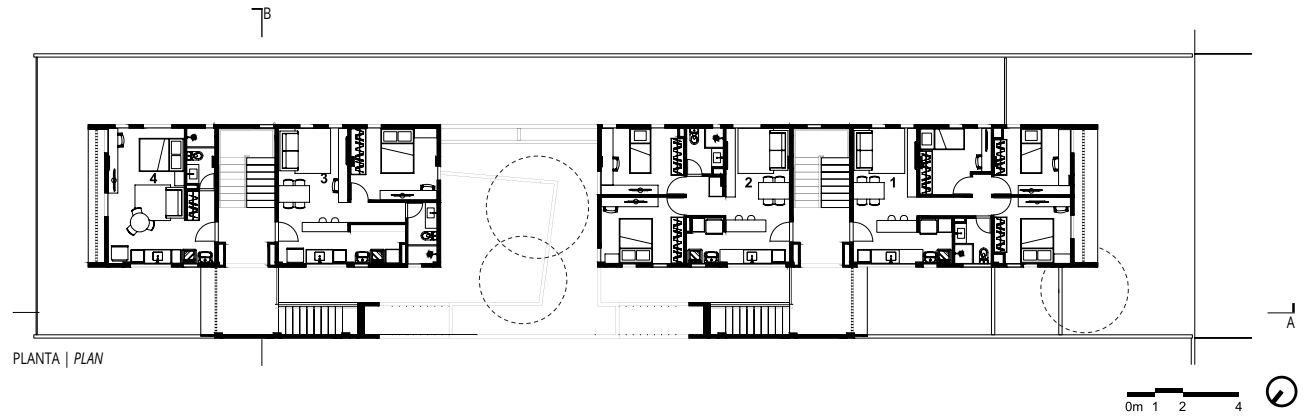
Este edifício em Manaus, que deve seu nome a uma mangueira que se situava no meio do lote (e que infelizmente não resistiu à obra), consiste em dois blocos independentes, o que acarreta alguns benefícios: respeitar a tipologia tradicional do bairro, cujos lotes têm seus centros arborizados, e valer-se do vazio entre os blocos como solução térmica – de modo que a incidência solar é distribuída entre os dois blocos e um serve de “barreira” solar para o outro. Além disso, a solução em dois blocos permitiu escapar de uma circulação vertical única, evitando dessa maneira um acesso aos apartamentos que dificultaria a ventilação cruzada e comprometeria sua privacidade.

A demanda inicial do projeto era por 18 quitinetes, mas a contraproposta do escritório se mostrou mais rentável. No lugar de unidades iguais, o edifício conta com três quitinetes, três apartamentos de um quarto, três de dois quartos e três com três quartos. A variação de tipologias resulta na almejada mixidade social ao favorecer que pessoas solteiras e famílias com filhos habitem o mesmo logradouro.

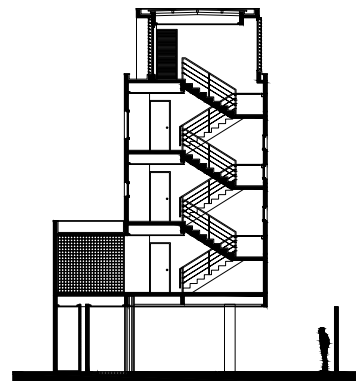
O lote, de 12 x 49 metros, favoreceu a implantação ideal, Leste-Oeste. O edifício é dotado de soluções de climatização passiva. As fachadas voltadas para o nascente e o poente receberam grelha metálica amarela que barra a incidência solar e dialoga com a cor da manga. A largura reduzida dos blocos beneficia a ventilação cruzada das unidades. A demanda de energia das áreas comuns é suprida por painéis fotovoltaicos. Essas preocupações resultam em apartamentos com consumo energético muito abaixo da média da região.

Em relação ao conjunto de obras do escritório, este projeto representa um passo relevante por ser o meio-termo entre cliente privado e mercado imobiliário, servindo também de exemplo para soluções inventivas e ambientalmente conscientes para as nossas cidades.



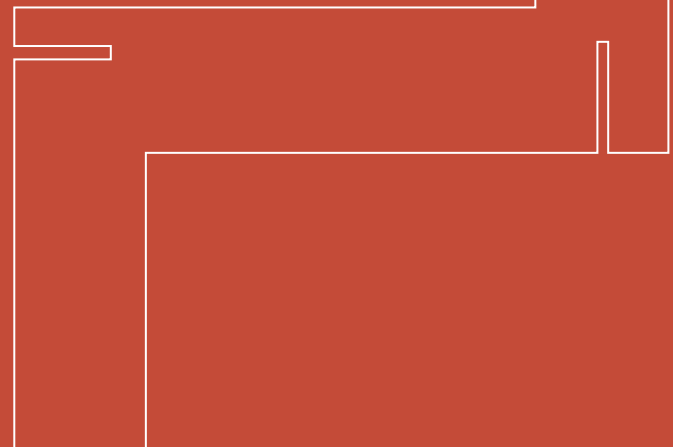


CORTE A | SECTION A



CORTE B | SECTION B

- 1 UH 3 quartos - 57m² | Residential Unit 3 bedrooms - 57m²
- 2 UH 2 quartos - 49,7m² | Residential Unit 2 bedrooms - 49.7m²
- 3 UH 1 quarto - 42,1m² | Residential Unit 1 bedroom - 42.1m²
- 4 Quitinete - 28,9m² | Studio - 28.9m²





ESTAÇÃO ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ

PROJETO PREMIADO
AWARDED PROJECT



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION

ESTAÇÃO ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ
COMANDANTE FERRAZ ANTARCTIC STATION

Estúdio 41

Localização | Location

Península Keller - Ilha Rei George, Antártica

Keller Peninsula - King George Island, Antarctica

Data de conclusão | Date of Completion

2020

Área construída | Floor Area

4.916,59 m²

Arquitetos responsáveis | Executive Architects

Emerson Vidigal, Eron Costin, Fabio Henrique Faria, João Gabriel Rosa, Dario Corrêa Durce

Equipe de projeto | Design Team

Martin Goic, Moacir Zancopé Jr., Fernando Moleta, Felipe Santos, Alexandre Kenji, Rafael Fischer

Engenharias | Engineering

AFA CONSULT

Estruturas e fundações | Structures and Foundations

Rui Furtado, Filipe Arteiro

Instalações hidrossanitárias | Plumbing System

Paulo Silva, Alexandra Vicente

Sistemas mecânicos | Mechanical Systems

Marco Carvalho, Isabel Sarmiento, Tiago Teixeira

Instalações elétricas e telecomunicações | Electrical and Telecommunication Systems

Raul Serafim, Luis Oliveira

Segurança contra incêndio | Fire Prevention

Maria da Luz Santiago

Resíduos sólidos | Solid Residues

João Oliveira

Acústica | Acoustics

Octávio Inácio

Consultora em Envolvória | Building Envelope Consulting

Stephan Heinlein

Consultor em Geotecnia | Geotechnical Consulting

Pedro Huergo

Consultor em Instalações, conforto e energia | Facilities Comfort and Energy Consulting

Eng. Eduardo Ribeiro

Consultor em Segurança e prevenção contra incêndio | Safety and Fire Prevention Consulting

Carlos Garmatter

Consultor em Estruturas | Structural Consulting

Ricardo Dias

Consultoria em Conforto e energia | Comfort and Energy Consulting

PETINELLI

Fotografia | Photography

Eron Costin, Leonardo Finotti





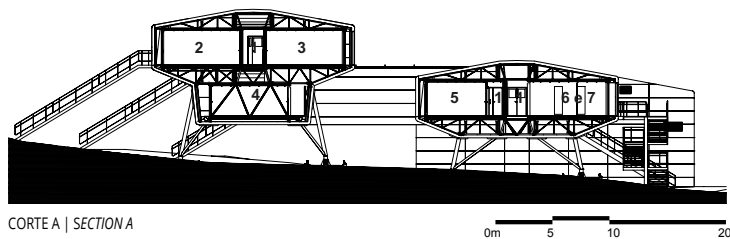
ESTAÇÃO ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ

A recém-inaugurada Estação Antártica ocupa o mesmo local da estação destruída por um incêndio em 2012, na Península Keller, Ilha Rei George. Essa base de pesquisa científica, interdisciplinar por excelência, atende aos imperativos tecnológicos de um ambiente rigoroso e hostil à vida humana. Seu desenho decorre de variáveis que vão desde o tipo de solo até a incidência solar, a nebulosidade e ventos que atingem altas velocidades. Sua implantação leva em conta fatores como a preservação das áreas de vida animal e vegetal do entorno.

Os alojamentos (chamados de camarotes, com duas camas) para um total de 64 pessoas, as instalações sanitárias, a cozinha e outros ambientes têm dimensões mínimas, de modo a proporcionar espaços de convívio e de estar mais generosos. O bloco superior (nível +11,90m) acompanha a topografia mais elevada, garantindo a vista para a Baía do Almirantado mesmo para aqueles que se encontram nos espaços de alojamento. Esse bloco concentra também as áreas de convívio. O bloco inferior (nível +8,00m) acolhe laboratórios, áreas de operação e manutenção e paiol central. É ainda nesse bloco que se encontram as garagens e outras áreas técnicas, em contato com o solo (nível +2,50m).

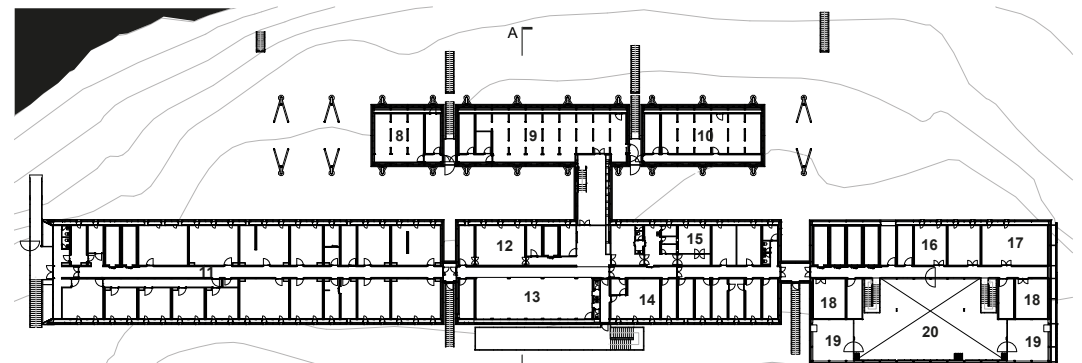
O edifício, pré-fabricado, reflete na modularidade e linearidade dos seus dois blocos a ideia de linha de montagem. Ao mesmo tempo que o desempenho tecnológico e a aerodinâmica são preponderantes para a forma do edifício, atentou-se para o conforto humano e aspectos sensoriais. O projeto é entendido, nas palavras do escritório, como “um artefato que protege e conforta”. As janelas estreitas são resultado da equação entre as demandas de engenharia ante o frio extremo e a necessidade humana por diálogo com o exterior.

Este projeto carrega consigo a carga simbólica de demarcar a um só tempo a importância geopolítica da presença de nosso país na Antártica e a possibilidade de contribuição brasileira em meio à comunidade científica dos países que assinaram o Tratado Antártico, concentrando em suas instalações estudiosos de áreas do conhecimento como oceanografia, meteorologia, biologia, geologia e arquitetura.

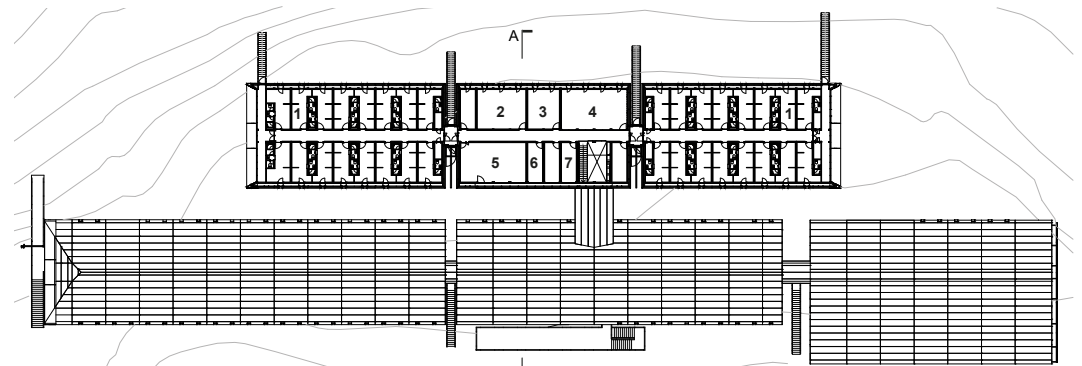


- 1 Circulação | *Circulation*
- 2 Sala de reuniões | *Meeting room*
- 3 Ginásio | *Gym*
- 4 Paioi central | *Central barn*
- 5 Cozinha | *Kitchen*
- 6 Sala de jantar | *Dining room*
- 7 Sala de estar | *Living room*

- 1 Setor privativo | *Private sector*
- 2 Sala de vídeo | *Video room*
- 3 Sala de reuniões | *Meeting room*
- 4 Biblioteca | *Library*
- 5 Ginásio | *Gym*
- 6 Copa | *Office kitchen*
- 7 Lan house
- 8 Central controle de fogo | *Fire control center*
- 9 Paioi central | *Central barn*
- 10 Reservatórios | *Reservoirs*
- 11 Laboratórios e apoio | *Labs and support*
- 12 Cozinha | *Kitchen*
- 13 Sala de jantar e estar | *Dining room and living room*
- 14 Sala de secagem | *Drying room*
- 15 Setor de serviço | *Services sector*
- 16 Marcenaria | *Carpentry*
- 17 Armazenamento de resíduos sólidos | *Solid waste storage*
- 18 Caldeira | *Boiler*
- 19 Geradores de emergência | *Emergency power generators*
- 20 Garagem | *Garage*



PLANTA DO 1º PAVIMENTO | FIRST FLOOR PLAN



PLANTA DO 2º PAVIMENTO | SECOND FLOOR PLAN





INSTALAÇÃO

ARQUITETURA NA PERIFERIA - XII BIA

BIENAL INTERNACIONAL DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO


MENÇÃO HONROSA
HONORABLE MENTION



INSTALAÇÃO ARQUITETURA NA PERIFERIA – XII BIA
(Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo)
ARCHITECTURE ON THE OUTSKIRTS INSTALLATION
12th São Paulo International Architecture Biennial (BIA)

Carina Guedes, Mariana Borel

Localização | Location

São Paulo, SP / Belo Horizonte, MG

Data | Date

2019

Área do projeto | Site Area

15 m²

Arquitetas responsáveis | Executive Architects

Carina Guedes, Mariana Borel

Equipe de projeto | Design Team

Genir Silva, Cheyenne Miguel, Juliana Freire, Lívia

Gonçalves, Luciana da Cruz, Rafaela Dias, Aline

Costa (Colaboradoras | Associates)

Patrocinadores | Sponsors

CRH Brasil, Cimento Campeão

Fotografia | Photography

Área de Serviço, Carina Guedes, Fundação Banco do Brasil, Ju Berzo, Lucas Monteiro, Pedro Thiago Silva, Rafaela Dias





ARQUITETURA NA PERIFERIA

Este projeto de assessoria técnica conduzido por nove mulheres (entre arquitetas responsáveis e colaboradoras) é voltado para capacitação de mulheres, dotando-as de autonomia para projetar, construir e reformar suas próprias casas. As ferramentas, bem como o ambiente de trabalho do grupo – o próprio canteiro de obras que são as casas autoproduzidas –, foram representados na Instalação Arquitetura na Periferia da XII Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo (2019).

O trabalho, eminentemente processual, prioriza a criação e elaboração dos projetos arquitetônicos. Etapas desde a identificação das demandas até o planejamento das obras são desenvolvidas em conjunto com as moradoras em uma série de encontros. O método proposto parte da cooperação e compartilhamento de saberes, sempre dotando as participantes do protagonismo, pois elas são apresentadas a etapas essenciais à prática arquitetônica: medição, desenho, projeto, planejamento e construção. Desse modo, a melhoria da casa vem atrelada ao desenvolvimento da autoestima e autoconfiança das participantes.

Para tornar mais democrático o acesso à linguagem técnica da arquitetura, o projeto lança mão de ferramentas denominadas interfaces, cujo objetivo é tornar apreensível o espaço em questão e suas possibilidades. A instalação apresentava um pouco da prática do grupo por meio de experiências sensoriais e afetivas. Para tanto, utilizou-se de uma mesa que transmitia a ambiência dos escritórios improvisados no canteiro e, ao mesmo tempo, apresentava narrativas individuais, coletivas e subjetivas das moradoras e participantes do projeto.

Os visitantes da instalação tinham acesso a experiências que buscavam instaurar uma atmosfera fictícia. Acessava-se o *podcast* "Mestras de Obras" com entrevistas da equipe e das participantes, além de sons captados nos canteiros de obras. Fotografias e desenhos evidenciavam o processo de projeção das casas e suas histórias de transformação. Constavam ainda na exposição objetos e ferramentas comuns ao cotidiano de trabalho do grupo.



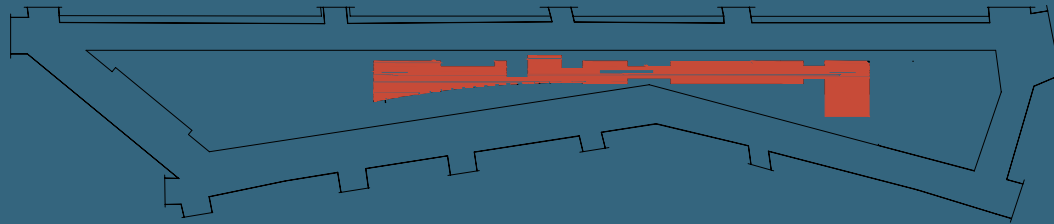




MUSEU DA CACHAÇA



MENÇÃO HONROSA COR
HONORÁBLE MANTION COLOR



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION



MUSEU DA CACHAÇA
CACHAÇA MUSEUM

Jô Vasconcellos

Localização | *Location*

Salinas, MG

Data | *Date*

2005-2012

Área do Projeto | *Site Area*

2.200 m²

Área do terreno | *Lot Size*

13.000 m²

Arquiteta responsável | *Executive Architect:*

Jô Vasconcellos (Maria Josefina Vasconcellos Maia)

Equipe de projeto | *Design*

Rafael Yanni (Colaborador | *Associate*)

Museologia | *Museology*

Silvania Nascimento

Museografia | *Museography*

Studio Ronaldo Barbosa

Estrutura | *Structure*

José Maria Carreira

Fotografia | *Photography*

Junia Mortimer





MUSEU DA CACHAÇA

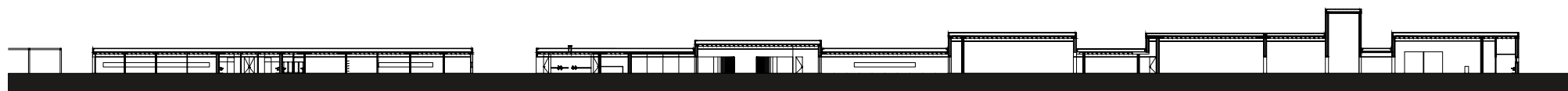
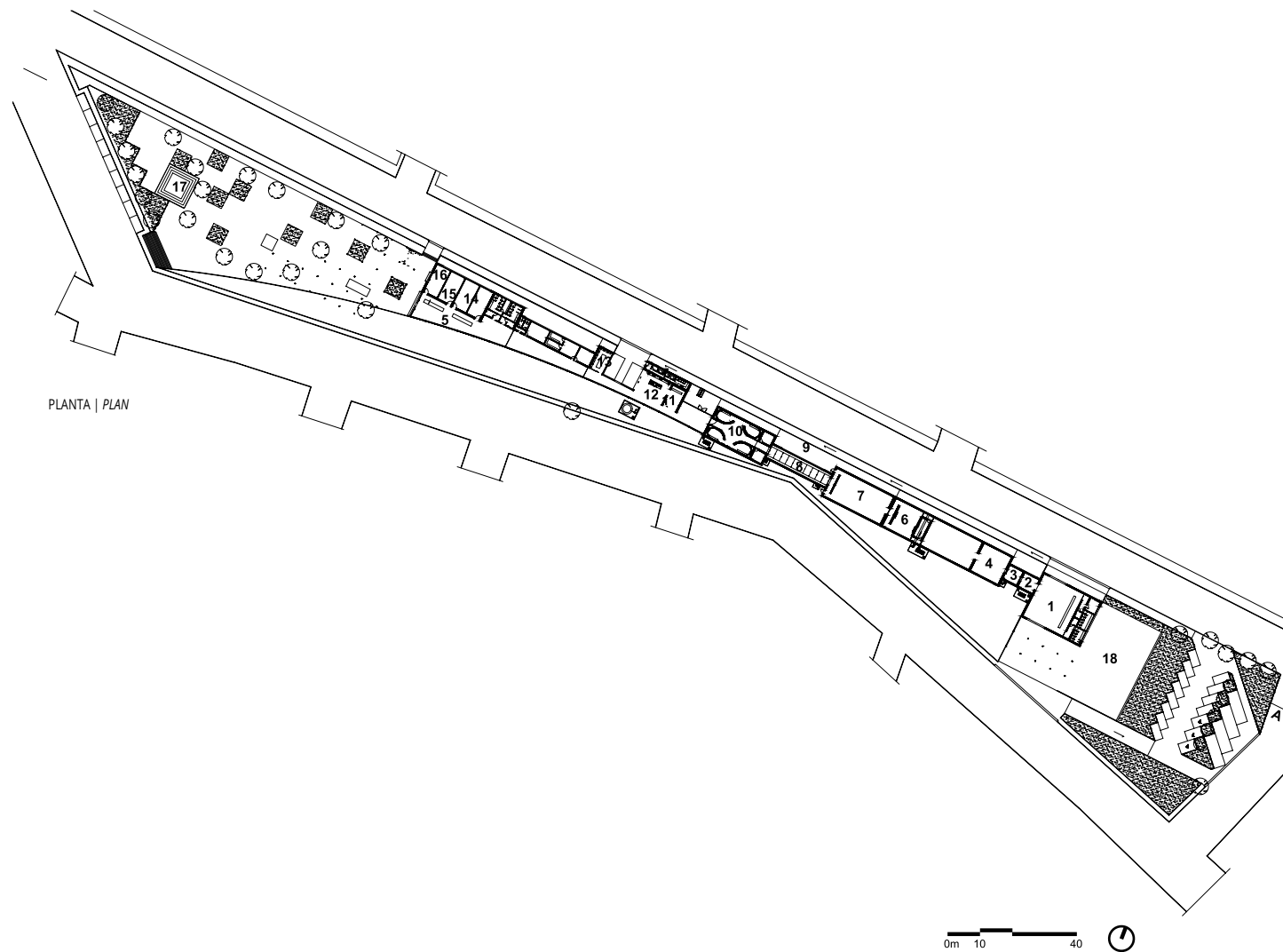
Por ser uma das maiores fabricantes de cachaça artesanal do país e uma das maiores exportadoras desse produto, a cidade de Salinas, no norte de Minas Gerais, foi escolhida pelo governo do estado para receber um museu da cachaça. O terreno em questão foi anteriormente uma pista de pouso de aviões, de modo que sua forma longilínea conduziu ao partido conceitual de uma sequência linear de eventos. As dimensões variadas e por vezes agigantadas dos volumes compõem uma espécie de silhueta urbana.

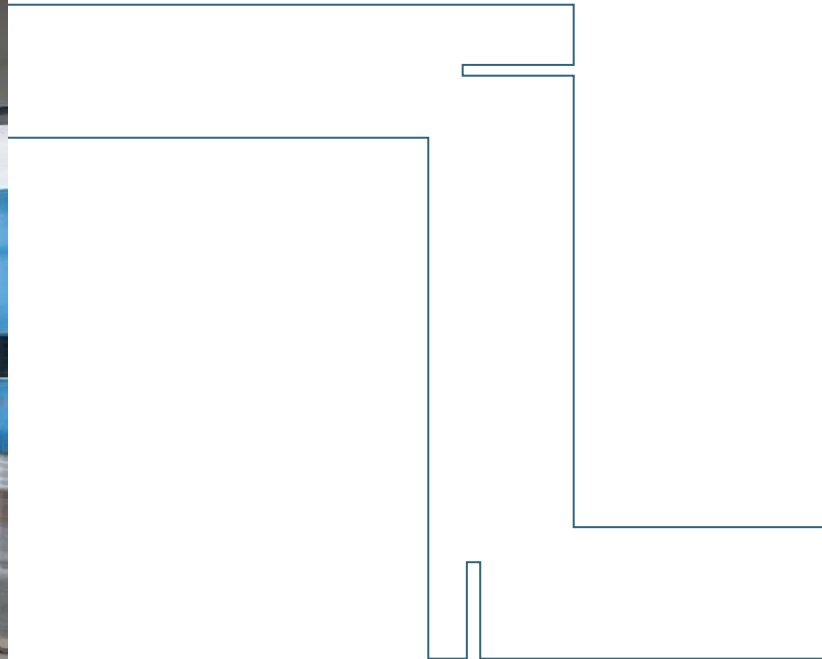
A edificação proposta consiste em volumes de um azul intenso dispostos de forma contínua, mas não alinhada, articulados por uma circulação coberta marcada por cobogós de concreto, conferindo unidade ao conjunto. A circulação exerce ainda um papel de transição entre o exterior e ambientes climatizados.

Levando-se em conta a limitada mão de obra local e a exigência de manutenção fácil e econômica do edifício, os volumes são construídos com paredes duplas de alvenaria cerâmica, com acabamento irregular e rugoso e pintura extensiva em azul, remetendo à arquitetura da região e às suas cores fortes. Internamente a cada parede há um colchão de ar de 10 centímetros, minimizando a difusão do calor. Da mesma forma, as lajes também são duplas, o que proporciona um espaço por onde passam dutos e outras demandas técnicas.

A proposta museológica consiste em espaços sequenciais com variações bastante perceptíveis, de modo a brincar com as dimensões, a largura, a profundidade e o pé-direito dos ambientes. Ao final do percurso, uma praça composta por pergolados de aço corten endossa o caráter público do museu e seu compromisso de tornar o espaço adjacente um lugar de socialização.

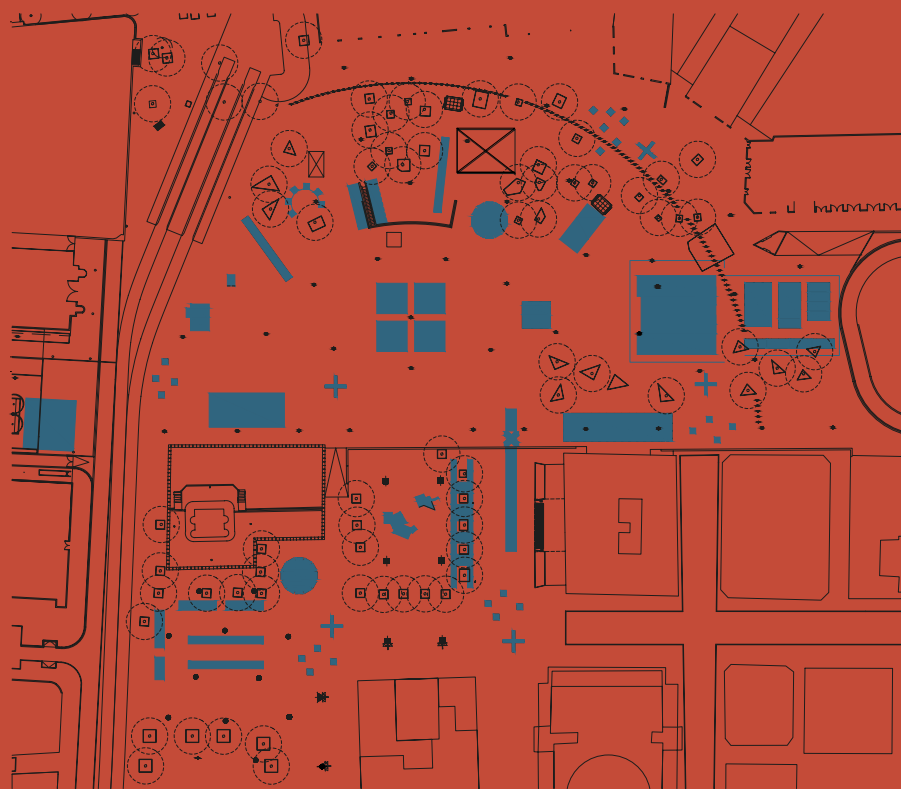
- 1 Hall de entrada | *Entrance hall*
- 2 Sala canaviais | *Cane fields room*
- 3 Sala das cachaças antigas e atuais | *Old and new cachaças room*
- 4 Sala tema de produção | *Production theme room*
- 5 Ponto de leitura | *Reading spot*
- 6 Sala tema de produção / aromas | *Production theme room / aromas*
- 7 Auditório | *Auditorium*
- 8 Sala aspectos do consumo da cachaça | *Aspects of cachaça consumption room*
- 9 Canavial | *Cane fields*
- 10 Ponto de memória e depoimentos | *Memory and testimonials spot*
- 11 Bar e degustação | *Bar and tasting*
- 12 Restaurante | *Restaurant*
- 13 Depósito | *Storage*
- 14 Sala multiúso | *Multipurpose room*
- 15 Núcleo de produção de imagem | *Image production nucleus*
- 16 Brinquedoteca e gibiteca | *Playroom and comic book library*
- 17 Anfiteatro | *Amphitheater*
- 18 Canteiro de espadas de São Jorge | *Sanseveria garden*







OCUPAÇÃO CONEXIDADE



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION



OCUPAÇÃO CONEXIDADE
CONNEXITY OCCUPATION

Estúdio Chão

Localização | Location

Rio de Janeiro, RJ

Data | Date

2018

Área do projeto | Site Area

24.000 m²

Arquitetos responsáveis |
Executive Architects

**Antonio Pedro Coutinho,
Adriano Carneiro de Mendonça**

(Concepção e desenvolvimento |
Design and Development), **Antoine**

Olivier (Colaborador | Associate
Designer)

Equipe de projeto | Design Team

**Flávia Castro, Jacqueline dos
Prazeres, Laís Antunes, Luiza
Peixoto**

Cálculo estrutural e locação
estrutura | Structural Engineering
and Structural Location

**Layher - Eliseu Lopes, Peter
Coito**

Montagem estrutura | *Structural
Assembly*

**Prumoflex Engenharia -
Janaim Fonseca, Rogério
Custódio**

Projeto luminotécnico | *Lighting
Design*

**Companhia da Luz - Gabriel
Farinon, Cesar de Ramires**
Montagem cenografia | *Set
Building*

Pdvex

Idealização e realização |
Initiative and Rendition

**Rio de Negócios - Diogo
Castelão**

Viabilizado por | *Made Possible By*

**Secretaria de Estado de
Cultura do Rio de Janeiro**

Apresentado por | *Presented By*

Oi
Apoio | *Sponsors*

**Oi Futuro e Prefeitura do Rio
de Janeiro**

Fotografia | *Photography*

**Diego Padilha, Renato
Mangolin**



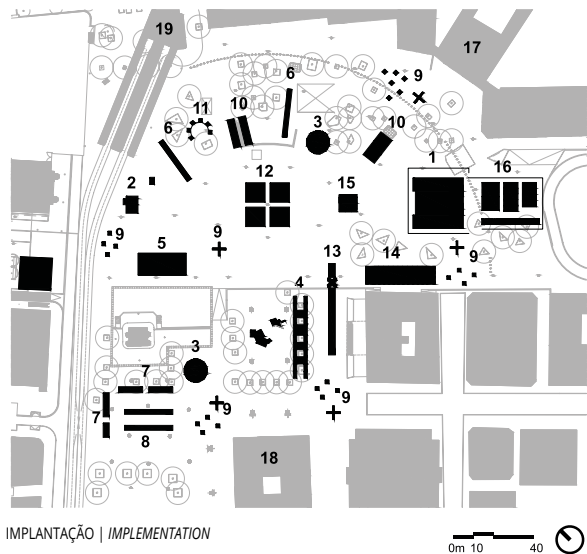
OCUPAÇÃO CONEXIDADE

Durante um final de semana em dezembro de 2018, na emblemática Praça XV do Rio de Janeiro, este projeto de arquitetura efêmera recebeu mais de 36 mil pessoas que usufruíram de 97 horas de programação gratuita tendo como elo comum o espaço público e a cultura urbana. Os arquitetos participaram desde o princípio na programação do festival, que contemplou apresentações de rua e shows em linguagens variadas de música, arte urbana, esportes, educação e tecnologia, além de palestras, oficinas e exposições.

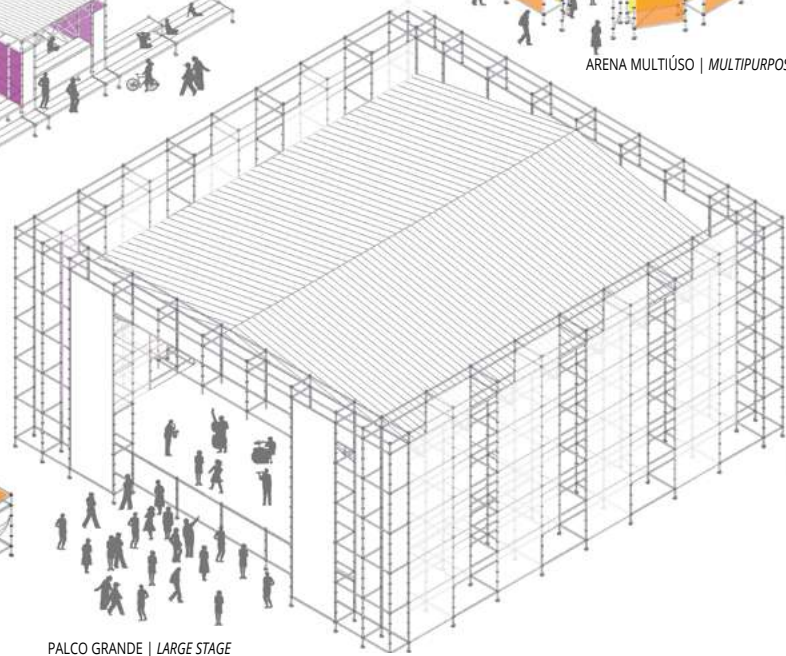
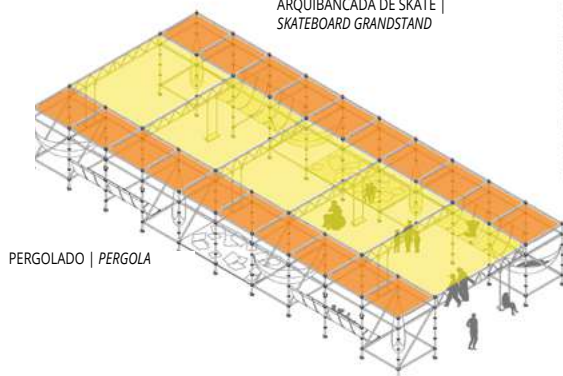
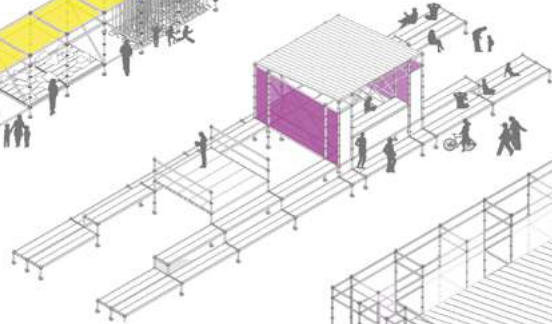
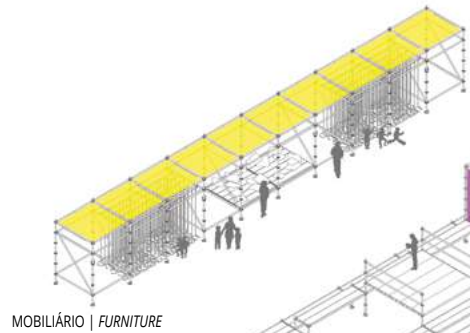
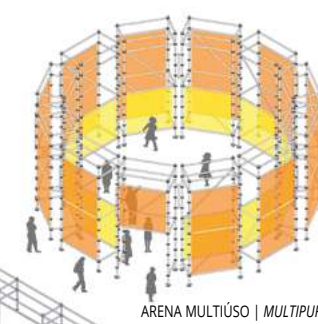
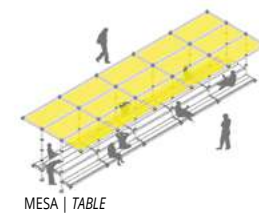
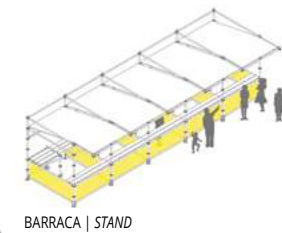
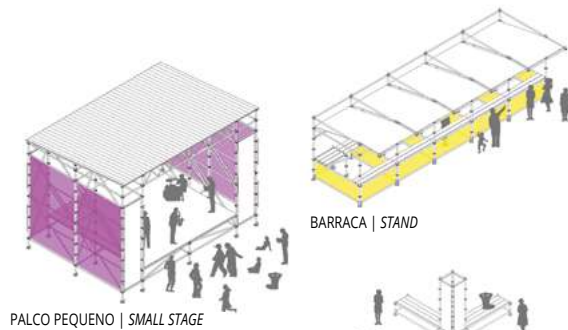
O partido conceitual é o de uma cidadela de estruturas efêmeras em estreito diálogo com as singularidades da praça, suas construções, marcos e monumentos. Ao se pensar o projeto, foram determinantes os usos e fluxos preexistentes, de modo a intervir na dinâmica e sugerir situações temporárias para o lugar. Também era importante que o conjunto proposto – formado por estruturas de escalas e tipos diversos – apresentasse uma coesão formal e de linguagem por meio da adoção de um sistema construtivo comum, leve e que destacasse o caráter efêmero da proposta. Desse modo, empregou-se a estrutura tubular multidirecional (andaime), com vedações leves, em lonas ortofônicas e telas agrícolas tipo “sombrite”, que amenizam o sol do verão carioca e destacam a estrutura tubular. A versatilidade desse sistema construtivo foi aplicada para pavilhões e dispositivos espaciais, que consistem em palcos, mesas, arquibancada de *skate*, barracas de alimentação, pergolado e arena multiúso, equipamentos estes que contemplam áreas de encontro, de estar e espaços lúdicos.

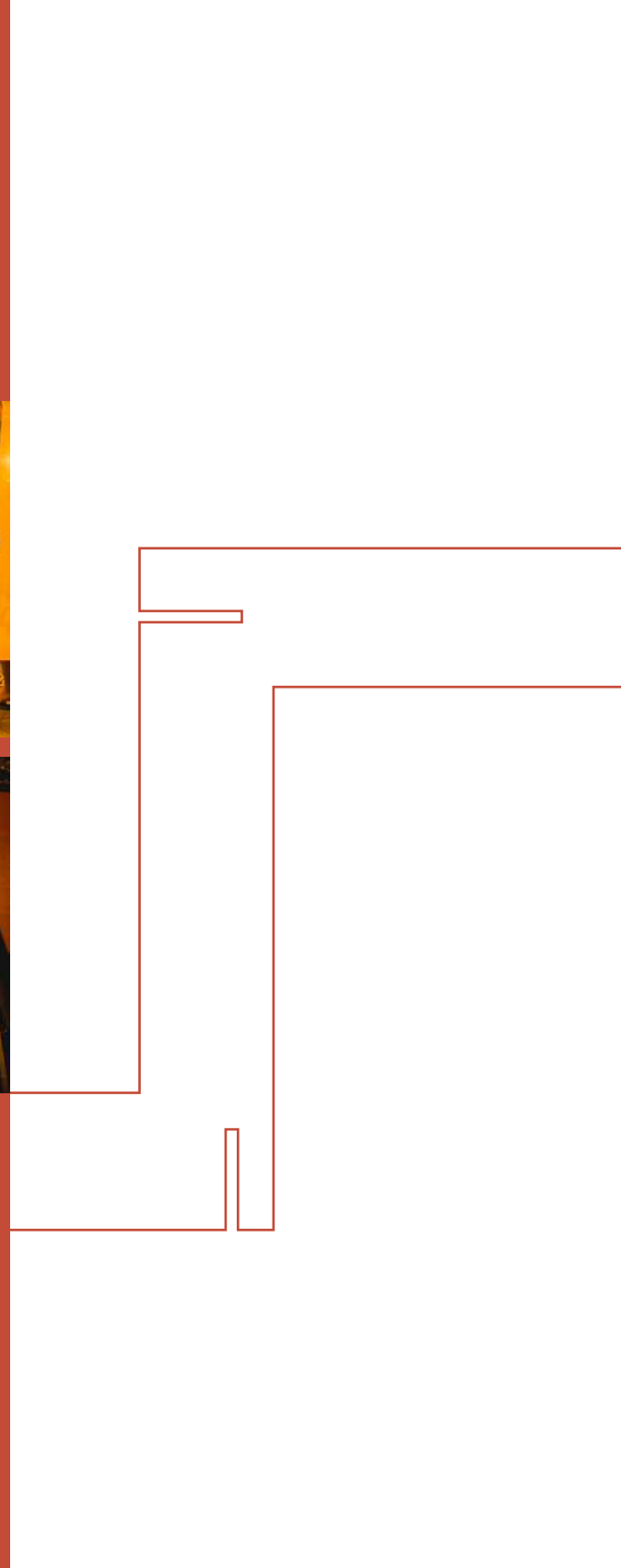
Em nosso país, ainda são majoritários os casos em que a arquitetura de eventos não é fruto de um pensamento arquitetônico. Esta Ocupação se destaca por contemplar esse pensamento arquitetônico em todas as etapas da concepção do festival, resultando em pavilhões e dispositivos respeitosos com o sítio em que se insere, interagindo com a preexistência e a paisagem de forma a potencializar o caráter público desse espaço.





- 1 Palco grande | *Large stage*
- 2 Palco pequeno | *Small stage*
- 3 Arena multiuso | *Multipurpose arena*
- 4 Arquibancada Skate / DJ | *Skate / DJ grandstand*
- 5 Pergolado | *Pergola*
- 6 Mobiliário | *Furniture*
- 7 Barraca alimentação | *Food stand*
- 8 Mesa | *Table*
- 9 Banco / sinalização | *Bench / Signaling*
- 10 Bar
- 11 Estação computadores | *Computer station*
- 12 Instalação luminosa | *Luminous installation*
- 13 Rampa skate | *Skateboard ramp*
- 14 Banheiros | *Restrooms*
- 15 House mix
- 16 Backstage
- 17 CCR Barcas | *CCR Boats*
- 18 Paço Imperial | *Imperial castle*
- 19 Estação VLT | *VLT station*



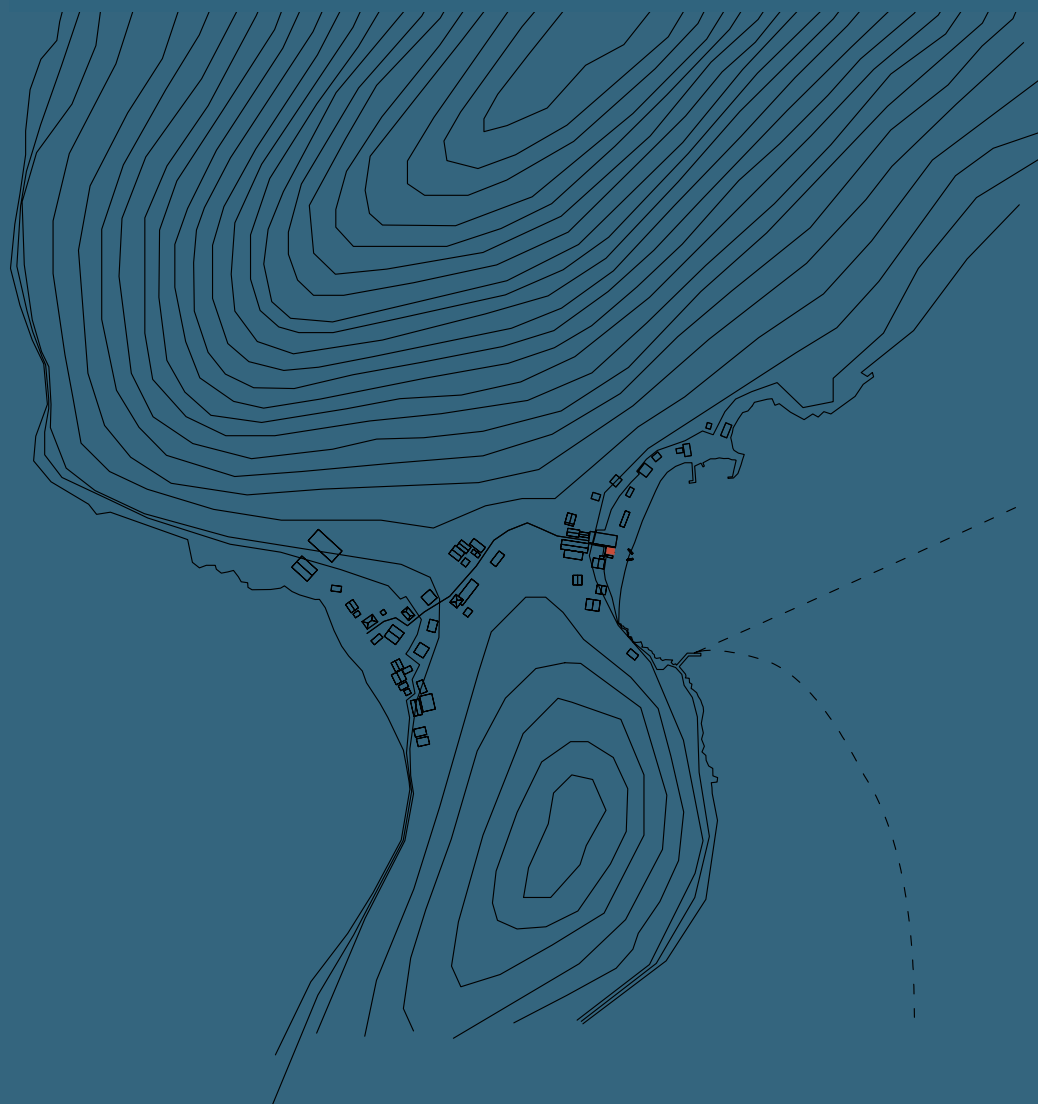




QUIOSQUE E ABRIGO DE CANOAS



MENÇÃO HONROSA SUSTENTABILIDADE
HONORABLE MENTION SUSTAINABILITY



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION



QUIOSQUE E ABRIGO DE CANOAS
KIOSK AND CANOE SHELTER

Estudio Flume

Localização | *Location*

Mangaratiba, RJ

Data | *Date*

2020

Área do projeto | *Site Area*

56 m²

Área do terreno | *Lot Size*

82 m²

Arquitetas(os) responsáveis | *Executive Architects*

**Christian Teshirogi, German Nieva,
Noelia Monteiro**

Execução do projeto | *Project Implementation*

Estudio Flume

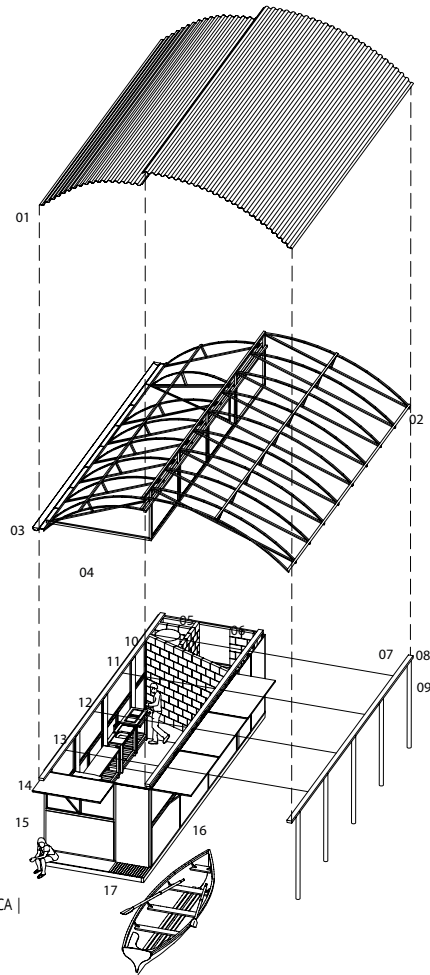
Fotografia | *Photography*

German Nieva

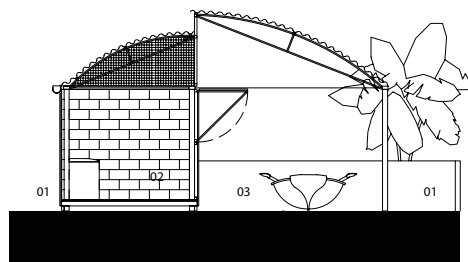


PATRICIA





PERSPECTIVA ISOMÉTRICA |
ISOMETRIC PERSPECTIVE



CORTE TRANSVERSAL |
CROSS SECTION



- 01 Telha de polipropileno | *Polypropylene shingle*
- 02 Abóbada de cedrinho 6x3cm | *Cedarwood dome 6x3cm*
- 03 Calha pluvial modular | *Modular rain gutter*
- 04 Tela mosquiteiro 2mm | *Mosquito net 2mm*
- 05 Reservatório de água pluvial | *Rain water reservoir*
- 06 Bloco de concreto 9x19x39cm | *Concrete block 9x19x39cm*
- 07 Cabo de aço tensionado | *Tight wire rope*
- 08 Vigas de maçaranduba | *Maçaranduba beams*
- 09 Pilares preexistentes diâmetro 10cm | *Pre-existing pillars 10cm diameter*
- 10 Fogão industrial | *Industrial oven*
- 11 Cuba aço inox | *Stainless steel vat*
- 12 Bancada de aço inox | *Stainless steel countertop*
- 13 Freezer
- 14 Janelas maxim-ar em bambu estruturadas em madeira guajará |
Awning windows in bamboo, structured in guajará wood
- 15 Balcão de madeira de réuso | *Reclaimed wood counter*
- 16 Painéis de bambu | *Bamboo panels*
- 17 Deque de compensado naval 20mm | *Plywood deck 20mm*



- 01 Circulação lateral | *Lateral circulation*
- 02 Área de produção | *Production area*
- 03 Área de convívio / abrigo de canoas | *Common area / canoes shelter*



QUIOSQUE E ABRIGO DE CANOAS

Este quiosque e abrigo de canoas se situa na Ilha Jaguanum, em região de proteção da Mata Atlântica no estado do Rio de Janeiro. O quiosque de 56 metros quadrados foi pensado para um casal de caiçaras e funciona como cozinha com área de estar durante o dia e abrigo para canoas à noite. O projeto inicial visava adequações mínimas ao quiosque anterior, bastante deteriorado. A solução evoluiu para o aproveitamento unicamente dos pilares da construção antiga, sobre os quais apoiou-se uma estrutura em madeira que, por sua vez, sustenta a cobertura. Essa solução permitiu ampliar o exíguo pé-direito anterior.

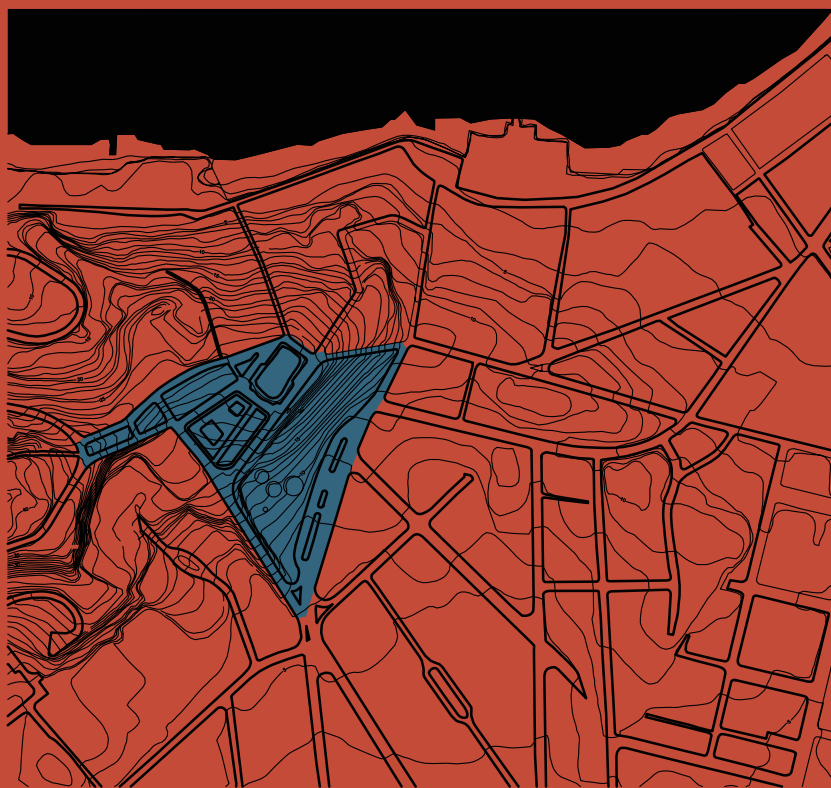
A praia, as oscilações do mar e a vegetação tropical são parte integrante deste projeto no qual é sutil a distinção entre interior e exterior. A cobertura utiliza chapas de polipropileno translúcido curvadas em seu sentido longitudinal, que se moldam à madeira curvada formando uma abóbada que apresenta um leve desencontro entre a parte que cobre a cozinha e a parte externa. O polipropileno permite a entrada de abundante luz natural e filtra os raios ultravioleta. À noite, a iluminação do quiosque transborda para a paisagem circundante. O bambu foi utilizado como fechamento da cozinha até determinada altura, de modo a privilegiar a ventilação. Ao fundo, as bananeiras funcionam segundo princípios da permacultura para o tratamento das “águas cinzentas”.

Por se tratar de projeto experimental e com poucos recursos, o escritório migrou para o canteiro durante três semanas, o tempo de execução. O quiosque consiste assim numa dimensão processual, em contato direto com a comunidade local, os clientes e aqueles envolvidos na obra.

Esse gesto delicado na paisagem faz parte de uma estratégia maior de, no longo prazo, reverter o turismo predatório vigente em ecoturismo. Atualmente, o modo de vida tradicional caiçara enfrenta ameaças como a especulação imobiliária, leis restritivas e o declínio dos peixes. O quiosque, nesses termos, pretende-se uma oportunidade de geração de renda sustentável para o casal e um modelo para outros pescadores, pois é voltado a atender visitantes que buscam a gastronomia caiçara, com sua cultura e apreço pela preservação da natureza da ilha.



REQUALIFICAÇÃO DA COLINA DO SENHOR DO BONFIM



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION



REQUALIFICAÇÃO DA COLINA DO SENHOR DO BONFIM
REQUALIFICATION OF THE SENHOR DO BONFIM HILL

Sotero Arquitetos

Localização | Location

Salvador, BA

Data | Date

2017-2019

Área construída | Floor Area

36.050,00 m²

Arquiteto Responsável | Executive Architect

Adriano Mascarenhas (Autor | Author)

Equipe de projeto | Design Team

Helder da Rocha, Eric Cabussu, Kaline

Kalil, Tício Martins, George Almeida

Cliente | Client

Prefeitura Municipal de Salvador

Construção | Construction

NM Construtora

Infraestrutura urbana | Urban

Infrastructure

Trento Engenharia

Topografia | Topography

Oeste Engenharia

Estrutura em concreto |
Concrete Structures

Jonilton Francisco dos Santos

Estrutura em aço | Steel
Structures

Cereno Muniz

Paisagismo | Landscaping

Parnaso Jardim

Instalações prediais | Building
installations

Doto Engenharia

Impermeabilizações |
Waterproofing

SVA

Iluminação urbana | City
Lighting

Quality

Serralheria | Metalworking

Fabrimetal

Restaurador | Restorer

Mário Mendonça

Artista plástico | Artist

Bel Borba

Fotografia | Photography

Leonardo Finotti, Sotero

Arquitetos, Tarso Figueira





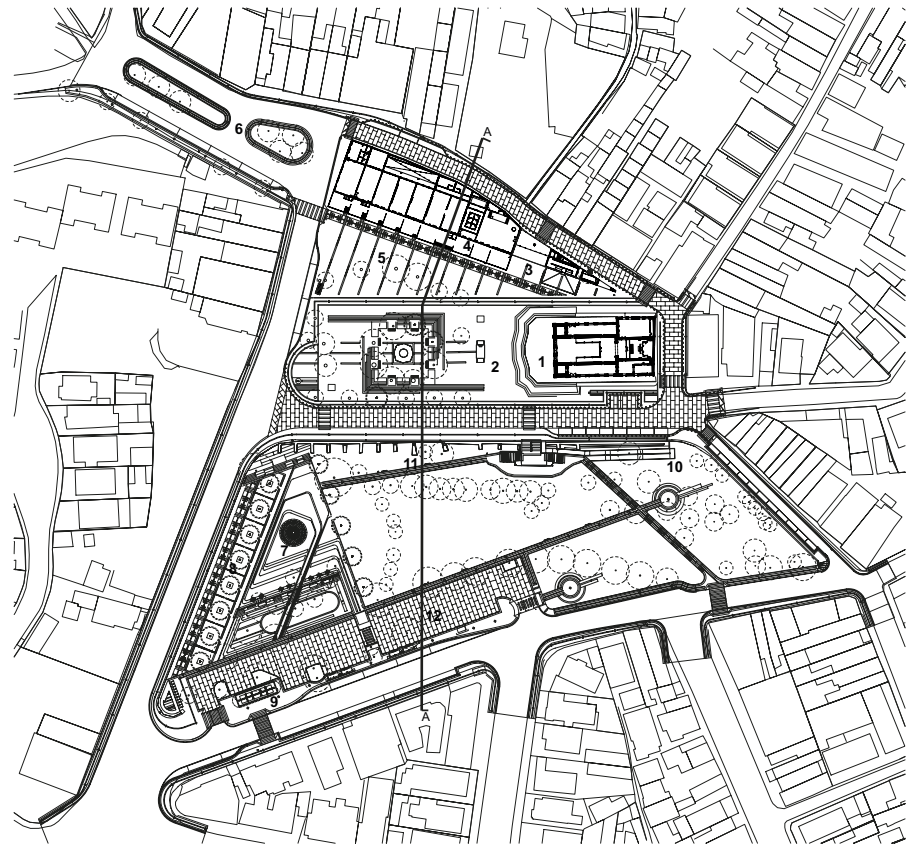
REQUALIFICAÇÃO DA COLINA DO SENHOR DO BONFIM

A requalificação da Colina Sagrada do Bonfim visou à preservação e valorização da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim e seu entorno, bem tombado nacionalmente pelo Iphan. A proposta abrange distintas escalas, em profundo diálogo com a paisagem desse sítio central para a identidade e a cultura da cidade de Salvador.

Sempre tendo em mente os valores paisagísticos da Colina Sagrada, a proposta atua sobre os usos por meio do redesenho e reordenamento do espaço público, potencializando a atratividade do sítio e, por conseguinte, favorecendo a sustentabilidade do patrimônio. A poligonal de intervenção apresenta uma variação de 27,5 metros entre as cotas máxima e mínima. As intervenções na parte superior da Colina foram pensadas de modo a reforçar o caráter religioso e cultural e seu afluxo de visitantes, enquanto a cota mais baixa foi orientada para usos seculares, com a presença de comércio e lazer destinados sobretudo à população do entorno.

O projeto inclui reformas com redesenho funcional e estrutural, restauro, novas construções e reurbanização em uma área de 36 mil metros quadrados que abrange as praças Senhor do Bonfim e Teodósio Rodrigues e a Baixa do Bonfim. Atua ainda em diferentes escalas: mobiliário (bancos, lixeiras e equipamentos para comércio ambulante, dentre outros), projetos arquitetônicos (intervenção da Casa dos Romeiros, novos espaços para Capela da Água Benta e Abrigo de Velas, reforma do Mercado Municipal do Bonfim) e desenho urbano levando em conta a topografia pronunciada.

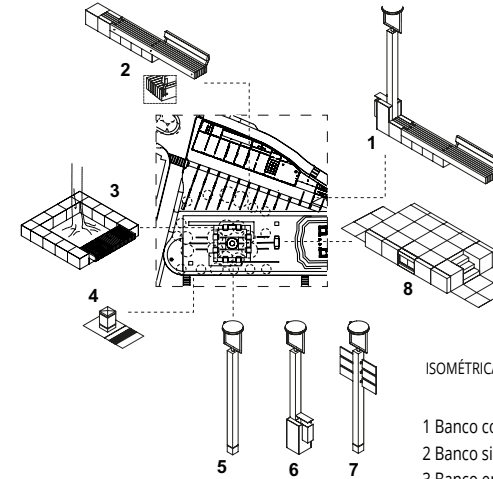
A fim de assegurar o devido destaque à Basílica do Bonfim bem como tornar o espaço mais adequado para a concentração de fiéis, a via que separa a Igreja do Largo à sua frente foi suprimida, transformando-o em continuidade da escadaria do templo. O novo Largo, palco da marcadamente sincrética Festa do Bonfim, recebeu pavimentação com grafismo inspirado no opaxorô de Oxalá e na fita do Bonfim, pois há correspondência sincrética entre o culto cristão ao Senhor do Bonfim e o culto a Oxalá no Candomblé. Outro benefício do padrão adotado é servir como leitura direcional, informando e instruindo os fluxos e lugares de permanência.



PLANTA | PLAN

0m 20 50 100

- 1 Igreja do Bonfim | *Bonfim Church*
- 2 Largo do Bonfim | *Bonfim Square*
- 3 Capela da água benta e abrigo de velas | *Holy water chapel and candle shelter*
- 4 Casa dos Romeiros | *Pilgrims house*
- 5 Praça dos Romeiros | *Pilgrims square*
- 6 Praça Teodósio Rodrigues de Faria | *Teodósio Rodrigues de Faria Square*
- 7 Praça da Baixa do Bonfim | *Baixa do Bonfim Square*
- 8 Mercado do Bonfim | *Bonfim Market*
- 9 Antigo ponto de bonde | *Old tram stop*
- 10 Rampa de acessibilidade | *Accessibility ramp*
- 11 Trilha de pedestres | *Pedestrian trail*
- 12 Estacionamento | *Parking lot*



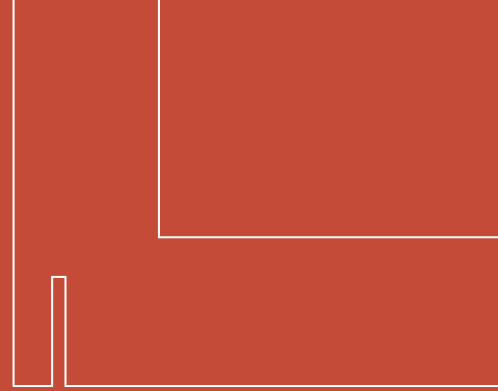
ISOMÉTRICAS | ISOMETRICS

- 1 Banco com luminária e lixeira | *Lamp and garbage can bench*
- 2 Banco simples | *Simple bench*
- 3 Banco engastado em canteiro | *Built-in garden bench*
- 4 Balizadores e drenagem | *Outdoor floor lights and draining*
- 5 Poste simples | *Simple post*
- 6 Poste com lixeira | *Garbage can post*
- 7 Totem de informação | *Information totem*
- 8 Palco para missa campal | *Stage for outdoor mass*



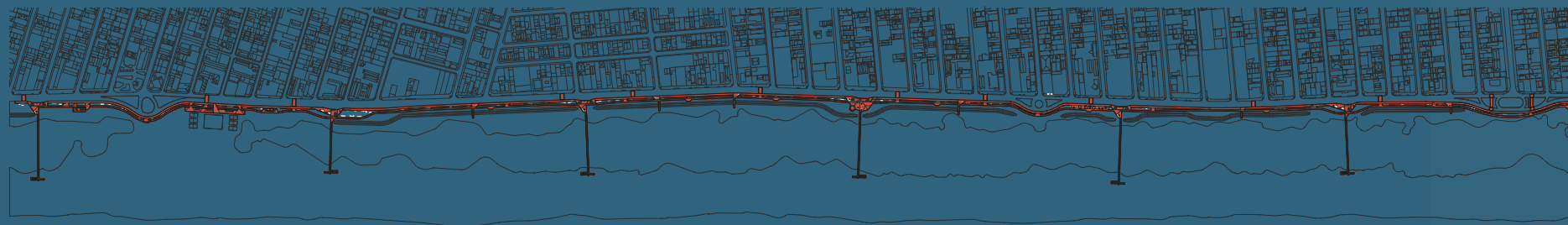
CORTE A | SECTION A

0m 10 20 30





REQUALIFICAÇÃO URBANA E AMBIENTAL DA ORLA MARÍTIMA DE ILHA COMPRIDA



IMPLANTAÇÃO | IMPLEMENTATION



REQUALIFICAÇÃO URBANA E AMBIENTAL DA ORLA MARÍTIMA DE ILHA COMPRIDA
URBAN AND ENVIRONMENTAL REQUALIFICATION OF THE ILHA COMPRIDA SHORELINE

Boldarini Arquitetos Associados

Localização | Location

Ilha Comprida, SP

Data de conclusão | Date of Completion

2015

Área do Projeto | Site Area

28,3 ha

Arquitetos responsáveis | Executive Architects

Marcos Boldarini, Lucas Nobre

(Urbanismo e arquitetura | Urbanism and Architecture)

Equipe de projeto | Design Team

Flavia G. Cavalcante, Juliana J.

Pedro de Melo, Larissa Reolon,

Marcia Trento, Marta Abril,

Renata Serio, Rodrigo Garcia,

Patrícia Tsunoushi (Colaboradores

| Contributors); **Aline Costa, Priscila**

Anderson (Estagiárias | Interns)

Colaboração no desenvolvimento do projeto básico | Contributions to the development of the basic design

Conde Doria Arquitetos

Drenagem pluvial | Rainwater Drainage Design

Linear Engenharia e Tecnologia

Estruturas e fundações | Structures and foundations

Eng. Wagner Garcia

Instalações elétricas | Electrical System Installation

DMA Engenharia

Instalações hidráulicas | Plumbing System Installation

HPROJ Engenharia

Execução das obras | Construction

BLK Construção e Empreendimentos

Paisagismo | Landscaping

CAP - Consultoria Ambiental Paisagística

Sinalização e comunicação visual |

Signage and Visual Communication

PS2 Arquitetura + Design

Luminotécnica | Lighting

Tecnowatt Iluminação

Realização e coordenação |

Initiative and Coordination

Estância Balneária de Ilha

Comprida - Prefeitura Municipal

Infraestrutura | Infrastructure

Pezzi Consultoria

Dinâmica costeira no Boqueirão

Norte | Coastal Dynamics at

Boqueirão Norte

Mariângela Oliveira de Barros

Levantamento florístico em áreas

de dunas remanescentes | Flora

Survey in Remaining Dunes Area

Pablo Garcia Carrasco

Fotografia | Photography

Leonardo Finotti, Marcos

Boldarini





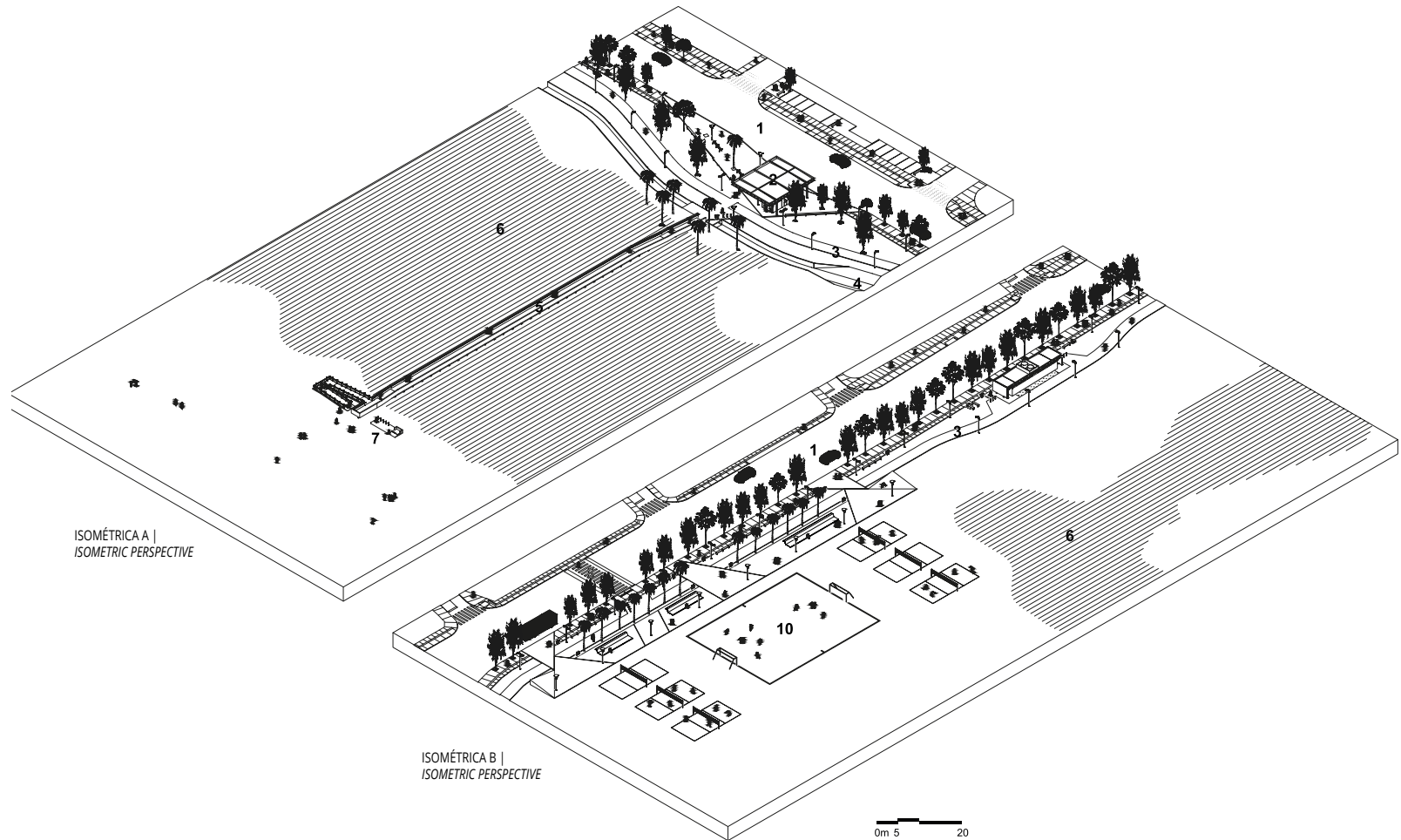
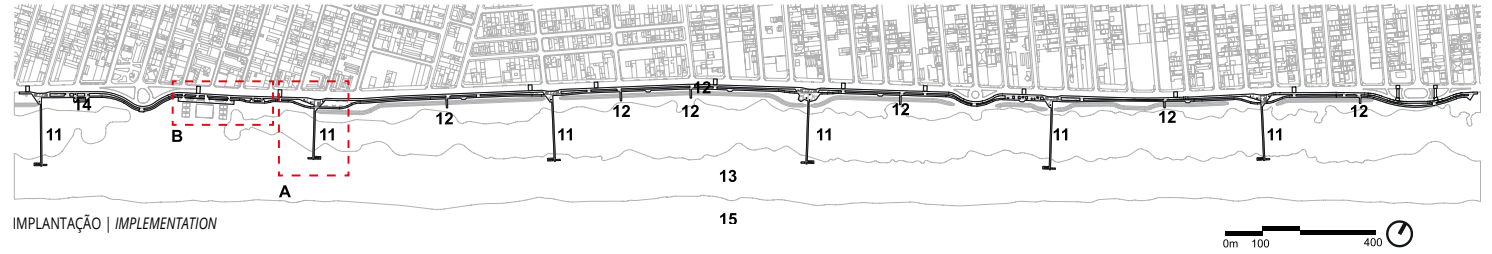
REQUALIFICAÇÃO URBANA E AMBIENTAL DA ORLA MARÍTIMA DE ILHA COMPRIDA

Este projeto consiste na requalificação urbana e ambiental de um trecho central na orla de Ilha Comprida, no estado de São Paulo, município que conta com 72 quilômetros de extensão e apenas 3 quilômetros de largura e território totalmente inserido em Área de Proteção Ambiental. Pretendia-se reordenar e dinamizar os usos e fluxos dessa orla que, além de seus moradores, recebe atividade intensa de veraneio. A intervenção na Av. Beira-Mar está compreendida entre as avenidas Copacabana e São Paulo (que permite acesso ao terminal rodoviário).

O novo calçadão, provido de mobiliário urbano e ciclofaixa, é pontuado pelos chamados mediadores, cuja função é distribuir os fluxos ao longo da orla. Eles consistem em equipamentos a cada 500 metros contendo parada de ônibus com cobertura metálica, recepção, quiosques, áreas de estar ou lazer e áreas de retorno para ciclistas, bem como passarelas que organizam o acesso à praia, preservando assim as dunas e sua delicada vegetação de restinga. A elevação das passarelas, 1,60 metro em relação ao nível da calçada, permite a movimentação das dunas e as transforma em mirante. A meio caminho entre um mediador e outro (a cada 250 metros), o acesso à praia se dá através de elementos menores que as passarelas, que se valem dos caminhos já traçados pelas dunas. A cada 125 metros encontram-se faixas de pedestres em nível.

A ordenação de fluxos que muitas vezes acabam comprometendo um ao outro (transporte público, carros, pedestres, ciclistas e acesso à praia) permitiu potencializar a paisagem natural e preservá-la, além de estimular o adensamento desse trecho central de modo a desestimular a ocupação de áreas ainda livres. Buscou-se a recuperação da vegetação de restinga, historicamente menosprezada e substituída por espécies exóticas. Além disso, dentre as árvores capazes de gerar sombra, elegeram-se aquelas naturais das faixas litorâneas. O projeto, silencioso em termos visuais e materiais, cumpre seu papel ao valorizar a paisagem e intensificar o usufruto público reduzindo o impacto humano no ambiente, com benefícios que não se restringem à linha litorânea.

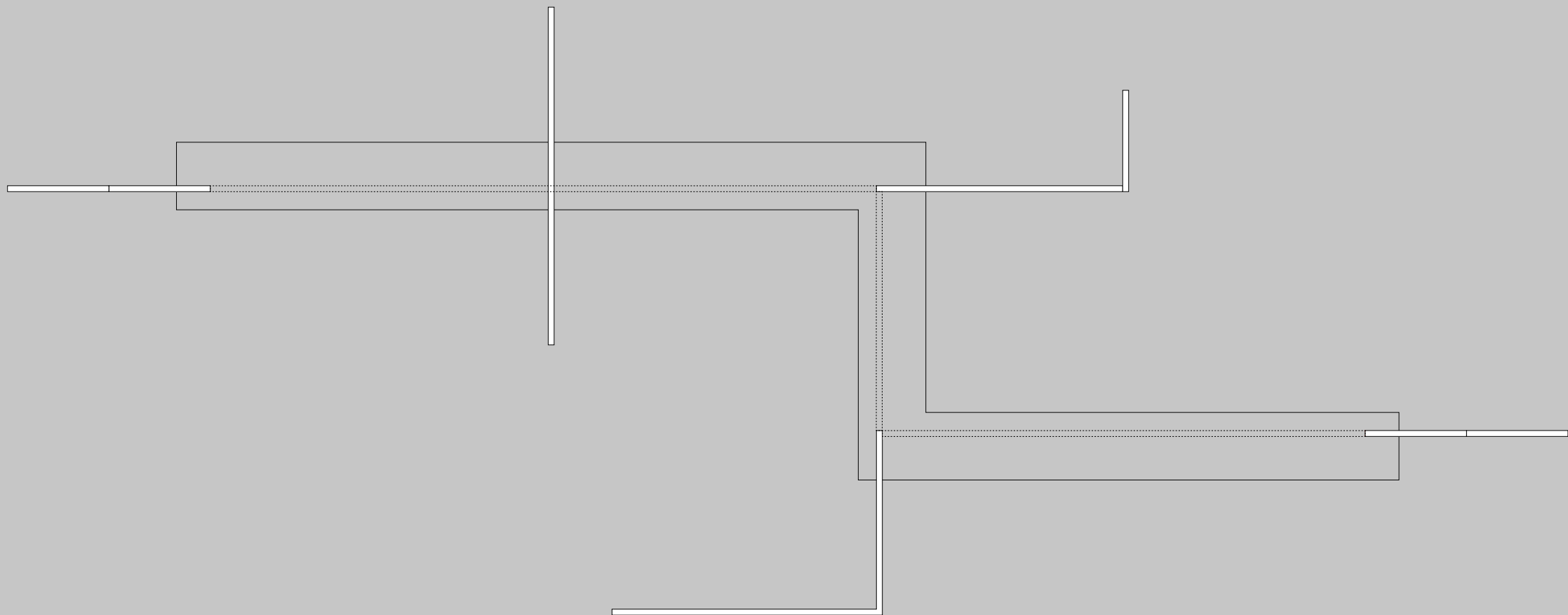
- 1 Avenida Beira-Mar | *Beira-Mar Avenue*
- 2 Quiosque | *Kiosk*
- 3 Ciclovía | *Bicycle path*
- 4 Canal de drenagem | *Drainage channel*
- 5 Passarela | *Walkway*
- 6 Dunas | *Dunes*
- 7 Bicletário e lixeiras | *Bike racks and garbage cans*
- 8 Travessia elevada para pedestres | *Elevated crossing for pedestrians*
- 9 Sanitários | *Restrooms*
- 10 Quadras de areia | *Sand courts*
- 11 Mediador | *Mediator*
- 12 Travessia | *Crossing*
- 13 Ilha Comprida
- 14 Escola de Surf | *Surf school*
- 15 Oceano Atlântico Sul | *South Atlantic Ocean*







PROJETO EXPOGRÁFICO



Nesta edição de 2020 do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel, a exposição dos 13 projetos – três menções honrosas e dez selecionados, dos quais três são premiados – ocorrerá no grande *hall* do Instituto, tal como na primeira edição do Prêmio. Desse modo, foi proposta uma releitura da expografia da edição de 2014, que consistia em bancadas e painéis distribuídos pelo espaço de forma autônoma, sem se conectarem.

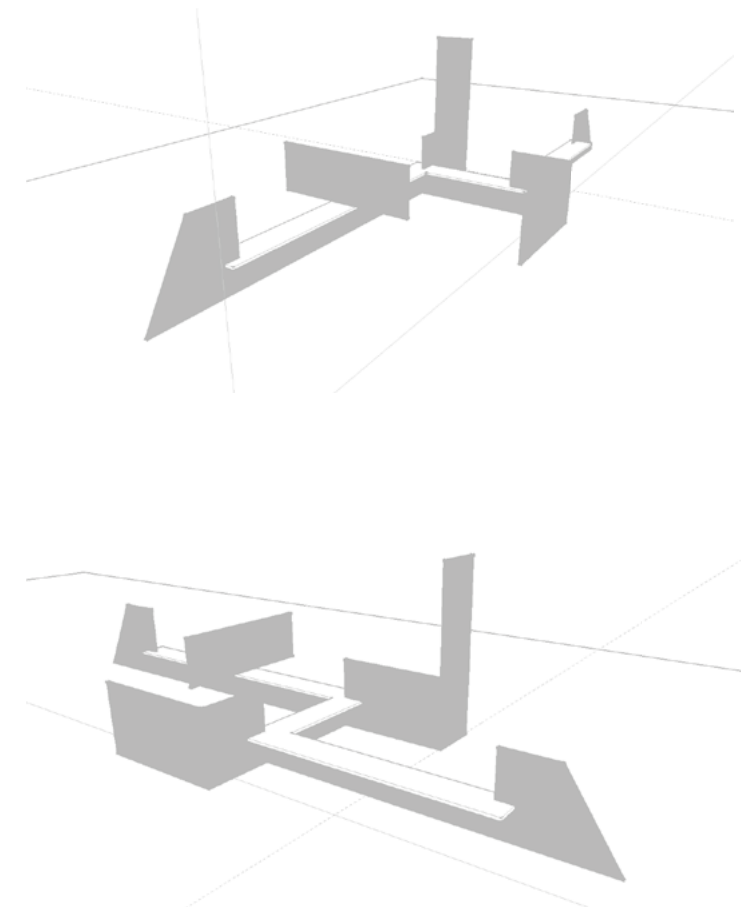
Para a edição atual, concebeu-se uma mesa branca, que ziguezagueia pelo espaço, interceptada por planos coloridos. A ficha e desenhos técnicos de cada projeto são aplicados em preto sobre a mesa branca, ladeando as maquetes dos dez projetos selecionados e dialogando assim com a variação restrita de cores das maquetes. Os painéis, por sua vez, impregnados de cores, são suporte para os textos do júri e textos institucionais, as fotografias e a implantação de todos os 13 projetos, como também para três telas que exibem imagens e áudio dos projetos agraciados com menção honrosa. A mesa, com suas mudanças de orientação em ângulos retos e seus engastes com as peças verticais, foram também mote para a concepção gráfica do projeto.

A disposição do conjunto contempla as visuais de passantes e frequentadores(as) de todo o complexo cultural Aché, que vêm das mais distintas direções: da entrada principal, dos acessos às torres, das salas expositivas e do restaurante. A intenção é de, além de pensar nas pessoas que vêm intencionalmente visitar a exposição, convidarmos também um público mais amplo a se tornar fruidor da mostra; afinal, esta exposição é voltada não só para conhecedores(as) da discussão arquitetônica e urbanística, mas também para pessoas pouco familiarizadas com o tema.

A articulação entre fluidez e horizontalidade da mesa e as dimensões e alturas cambiantes dos planos verticais propõem uma topologia variada e dinâmica, com a vantagem de a disposição resultante sugerir pequenos ambientes onde se possa parar e apreciar os trabalhos.

Como o Prêmio não contempla categorias, a disposição dos projetos buscou evitar uma concentração de escalas ou tipologias semelhantes, de modo que a experiência seja de apreciar os projetos em seu conjunto e em sua individualidade, e não por meio de outras associações como “equipamentos públicos”, “edifícios residenciais” ou “intervenções urbanas”. Seguindo o mesmo princípio de evitar pequenos núcleos, os três projetos premiados também estão distribuídos ao longo do percurso.

DIEGO MAURO, LUCAS FABRIZIO e RODOLFO BORBEL PITARELLO



Quando o cineasta francês Jacques Tati trouxe às telas o filme *Meu tio* (Mon Oncle), em 1958, houve grande repercussão no metiê arquitetônico. O criador do célebre personagem Monsieur Hulot realizou, com humor inigualável, uma retratação da França pós-Segunda Guerra Mundial, atravessando um processo de modernização. O filme centra-se no cotidiano de uma residência que se torna, no desenrolar da narrativa, a grande protagonista do filme. A Ville Arpel expõe de maneira caricatural as facetas do programa moderno, revelando ao espectador uma infinidade de eletrodomésticos e traquitanas concebidos sob o crivo da racionalidade do uso e da agilidade do tempo.

A sátira de Tati, claramente inspirada nas primeiras conceituações modernas acerca do MORAR, nos remete aos escritos do arquiteto franco-suíço Le Corbusier, que ao longo dos anos 1910 começou a explorar a ideia da casa como máquina de morar. Essas casas, frutos do fascínio de Le Corbusier pela indústria automobilística e da aviação, tiveram seus primeiros ensaios em projetos como a *Villa Savoye* (1929), onde teoriza os cinco pontos da arquitetura moderna. Nas décadas seguintes, os Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAMs) abordaram com maior aprofundamento questões relativas ao morar e sua importância na produção arquitetônica. A Ville Arpel de Tati foi tematizada em outras ocasiões¹ como exemplar das críticas à utopia moderna de sistematização dos lares, ao seu descolamento entre programa arquitetônico e fluidez das atividades por seus ocupantes. Embora incisiva e, inúmeras vezes, justa em seu propósito, essa crítica pareceu encontrar dificuldades de abarcar um universo tão vasto de projetos.

De fato, não há nenhuma concentração tão formidável de projetos emblemáticos habitacionais como no século XX, com suas casas-manifesto, empenhadas em reinventar o que se entendia por morar. Vale citar a *Casa Modernista* (1927) de Gregori Warchavchik; a

Farnsworth House (1951) de Mies van der Rohe; a *Casa de Vidro* (1951), primeira obra construída e residência da arquiteta Lina Bo Bardi, e mesmo a *Residência Tomie Ohtake* (1970), projeto de Ruy Ohtake. Para além das experiências unifamiliares, poderíamos indicar exemplos icônicos de edifícios sobretudo residenciais, como o *Copan* (1966) de Oscar Niemeyer e o *Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes* (1974), conhecido como Pedregulho, projetado por Affonso Eduardo Reidy junto à engenheira pioneira Carmen Portinho.

Mas por que esses inúmeros exemplos tornaram-se tão vívidos hoje, a ponto de nortear uma série de conversas sobre o MORAR na arquitetura?

Já faz alguns anos que as nossas moradias absorveram atividades não consideradas exatamente como “morar”. No entanto, diante das mudanças radicais impostas pela pandemia da Covid-19, estamos passando mais tempo em casa do que nunca, fazendo *home office* e atividade física instruída por aplicativos, adaptando nossos espaços a usos cada vez menos previstos. Entre os moradores e os arquitetos que conceberam esses espaços que agora testamos em diversas adaptações, as relações de pós-ocupação nunca foram tão presentes.

Com base na vivacidade desse tema, o Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel propôs uma série de atividades *on-line* a fim de imergirmos nas questões inerentes ao MORAR. A cada *live*, um(a) convidado(a) discutiu e aprofundou tais questões sob a ótica de suas pesquisas e vivências. Além disso, realizamos uma série de “Correspondências arquitetônicas: Brasil e Japão”, desenvolvidas com a Japan House São Paulo.

PRISCYLA GOMES e DIEGO MAURO

Núcleo de Pesquisa e Curadoria do Instituto Tomie Ohtake

¹ A exemplo do Pavilhão francês na 14ª Bienal de Arquitetura de Veneza (2014) denominado “Modernidade: Promessa ou Ameaça?”, curado pelo historiador e arquiteto francês Jean-Louis Cohen. A exposição lançava mão de uma casa cenográfica como paradigma potente de certo descolamento que o moderno muitas vezes teve da rotina e dos anseios de seus moradores.



LIVE 1

Moradia popular e a relação com a cidade

Com **Jailson de Souza** (fundador da organização Observatório de Favelas) e mediação de **Diego Mauro** (representante do Instituto Tomie Ohtake e jurado da 7ª edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel).

LIVE 2

O doméstico e a questão de gênero

Com **Diana Helene Ramos** (arquiteta e urbanista, cartunista e professora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas - Ufal) e mediação de **Diego Mauro** (representante do Instituto Tomie Ohtake e jurado da 7ª edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel).

LIVE 3

Arquitetura e cor

Com **Fernanda Figueiredo** (especialista em cores e executiva de *marketing*, responsável pela área de Colour Design da AkzoNobel - Tintas Coral - na América do Sul) e mediação de **Agata Takiya** (coordenadora do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel).

LIVE 4

A casa no cinema

Com **Gabriel Kogan** (arquiteto urbanista e crítico de arquitetura) e **Priscyla Gomes** (curadora associada do Instituto Tomie Ohtake).



A Japan House São Paulo e o Instituto Tomie Ohtake se uniram para a série “Correspondências Arquitetônicas: Brasil e Japão”, uma troca semanal de cartas *on-line* que traçou um paralelo sobre temas relacionados ao MORAR nos dois países.

Nos últimos meses, o mundo passou por uma experiência sem precedentes que ressignificou as relações das pessoas com seus lares. O isolamento social, decorrente da atual pandemia da Covid-19, colocou os mais diversos países e culturas sob o desafio de adaptar seu cotidiano ao espaço restrito das residências, conciliando os mais diferentes usos.

O momento coincidiu com uma parceria extremamente fecunda entre duas instituições culturais, a Japan House São Paulo e o Instituto Tomie Ohtake, que diante das adaptações ao cenário da pandemia mobilizaram suas redes sociais a fim de propor uma troca semanal de cartas *on-line* sobre arquitetura, traçando paralelos entre Brasil e Japão.

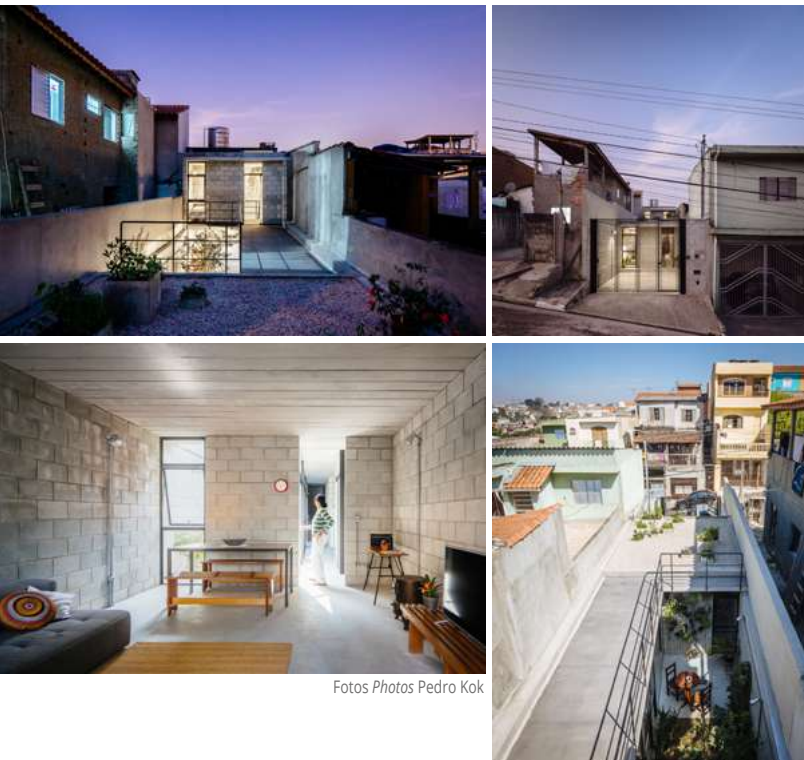
O tema MORAR, já explorado em algumas atividades *on-line* do Instituto Tomie Ohtake e também percebido como essencial para a compreensão da arquitetura japonesa, tendo sido abordado na programação da Japan House São Paulo, tornou-se objeto dessas cartas, fruto do levantamento de alguns projetos contemporâneos chaves, tanto brasileiros quanto japoneses. Esses projetos nos permitiram refletir sobre questões estéticas e construtivas e sobre o emprego de materiais em cada exemplo dado. Vale salientar que a escolha do tema também foi extremamente oportuna para esse paralelo entre culturas. A ideia de “abrigar”, da casa como um programa síntese, é marco da história da arquitetura e possibilita uma prolífica imersão em diferentes culturas. O dimensionamento dos espaços e o arranjo dos mobiliários, entre outras características, permitem compreender o cotidiano daqueles que habitam esses lares.

Seguindo esse raciocínio, as correspondências buscaram contar a história de tais projetos explicitando o cotidiano urbano e aspectos que não interessem apenas ao público especializado. A escolha dos temas discutidos reflete soluções contemporâneas variadas para desafios em comum, o que pode também inspirar o intercâmbio entre os extremos do globo. As quatro semanas de trocas abordaram a construção em lotes reduzidos, a relação entre arquitetura e memória, a reinvenção dos modos de morar e, por fim, exemplos de moradias compartilhadas.

JAPAN HOUSE SÃO PAULO e INSTITUTO TOMIE OHTAKE



CORRESPONDÊNCIAS ARQUITETÔNICAS: BRASIL E JAPÃO



Fotos Photos Pedro Kok

Querida Japan House São Paulo,

Nós lhe escrevemos com a curiosidade de saber como a arquitetura contemporânea japonesa vem lidando com a questão do morar. Sim, sabemos que esse é um tema vasto, mas como teremos ainda algumas oportunidades para desenvolver esta conversa, gostaríamos de começar este diálogo sem muita pressa, apresentando uma das soluções de moradia mais interessantes da arquitetura contemporânea brasileira. Mesmo metrópoles como São Paulo lidam com a ideia de adensamento de maneira muito distinta das cidades japonesas. E quando pensamos em lotes exíguos no Brasil, é comum vir à mente bairros moldados pela lógica da informalidade. Vamos usar esse mote para apresentar o projeto que obteve o primeiro lugar na 3ª edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel, em 2016.

A *Casa Vila Matilde*, situada no bairro de mesmo nome em São Paulo e concebida pelo escritório Terra e Tuma, surgiu com um propósito claro: deveria se adequar às restrições orçamentárias e contar com uma construção ágil, a fim de que os recursos da proprietária não se esvaíssem com a necessidade de pagar um aluguel durante o projeto. A casa anterior estava comprometida em termos de estrutura e salubridade, e cederia seu lugar para a nova construção.

Daniilo Terra, Pedro Tuma e Fernanda Sakano, arquitetos do escritório paulistano Terra e Tuma, já vinham desenvolvendo uma investigação com estrutura e blocos aparentes, o que resulta em baixo custo e agilidade na execução da obra. A escolha por colocar tudo à mostra não é mera demanda técnica, mas também um partido estético. Como foi destacado pelo júri da edição de 2016 do Prêmio de Arquitetura, o emprego de alvenaria autoportante e de lajes pré-fabricadas em concreto armado, bem como as instalações elétricas aparentes, emprestam à casa um aspecto comumente associado a escolas e fábricas, mas não tanto a um repertório doméstico. Ao mesmo tempo, essa crueza em revelar as entranhas da construção estabelece um forte diálogo com o léxico do brutalismo paulista, bastante consolidado na segunda metade do século XX, com o seu monocromatismo advindo do uso extensivo de concreto aparente.

O projeto, concluído em 2015, também se mostrou funcional no que diz respeito ao aproveitamento dos espaços. A planta baixa foi organizada de modo a atender aos desafios do lote exíguo (4,8 metros de largura por 25 de profundidade). No dia a dia, a construção funciona fundamentalmente como uma casa térrea. Afinal, a futura moradora, Dona Dalva, já contava à época com pouco mais de 70 anos. Há no centro do terreno um pátio que é ladeado por um corredor articulado com lavabo, cozinha e área de serviço. À frente do lote está a sala, que teve sua laje transformada em horta. Ao fundo do terreno se situam as escadas e suítes, sendo a suíte do pavimento superior destinada a visitantes, e a térrea, à moradora. O pátio tem, portanto, a função de garantir luz e ventilação para todos os cômodos. O projeto, que conta com 95 metros quadrados, contempla ainda a possibilidade de ampliação.

Como estávamos dizendo, os lotes exíguos no Brasil não se restringem a bairros frutos da informalidade, mas a *Casa Vila Matilde* é especialmente interessante porque as soluções arquitetônicas brasileiras, que normalmente ganham destaque em revistas e premiações, são destinadas para a classe média alta e para os ricos. É muito comum o pensamento de que somente algumas pessoas podem custear o trabalho de arquitetos, resultando num grande percentual de edifícios realizados por autoconstrução. Esse projeto demonstra que é possível realizar obras de excelência respeitando limites orçamentários mais restritos. Nesse caso, foram as economias feitas por Dona Dalva ao longo de seus 30 anos como diarista que custearam a proposta. Aliás, a casa teve tamanha repercussão que a simpática Dona Dalva se tornou figura recorrente em entrevistas e matérias contando como conseguiu viabilizar o projeto.

Esperamos que estas informações tenham sido provocativas o suficiente para que você nos traga notícias de como a arquitetura japonesa recente vem lidando com a questão dos lotes mínimos. Aguardamos ansiosos!

Um abraço,
Instituto Tomie Ohtake

Querido **Instituto Tomie Ohtake**,

Obrigada pela carta. Realmente, a proposta do Terra e Tuma é muito interessante e pertinente. O desafio do lote mínimo é enfrentado há muito tempo no Japão, e sentimos que os arquitetos japoneses desenvolveram uma *expertise* bem peculiar para se adaptar a essa realidade. De tantos exemplos possíveis, resolvemos mandar para vocês a *Double Helix House*. Não sei se vocês conhecem...

Como em tantos outros países, o mercado imobiliário no Japão é bastante complexo. Em grandes cidades como Tóquio, por exemplo, a divisão de lotes em porções tão reduzidas quanto aquelas permitidas por lei gera terrenos residenciais de formatos os mais variados. Aliada a um código de obras peculiar, essa condição fez surgir um fenômeno conhecido como *jutaku* (住宅), ou as microcasas japonesas.

Não é incomum para um arquiteto receber a encomenda de projetar em terrenos diminutos, no fundo de quadra, que têm como acesso um corredor com medidas mínimas estabelecidas pela legislação. A engenhosidade e a criatividade do arquiteto são necessárias para a criação de casas reduzidas, mas que sejam ao mesmo tempo funcionais e tirem o maior proveito dessas condições.

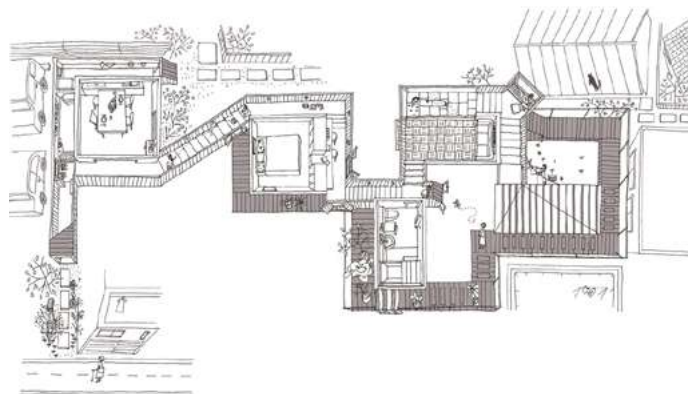
Foi nesse contexto que os jovens arquitetos Maki Onishi e Yuki Hyakuda, que estiveram na Japan House São Paulo em março de 2020, desenvolveram o projeto da *Double Helix House* (Casa de Hélice Dupla). O projeto de 2010 localiza-se em Yanaka, um distrito em Tóquio com ruas estreitas e edifícios históricos feitos em madeira. O terreno, com 77 metros quadrados, fica no centro da quadra, rodeado por outras construções e com acesso por dois corredores.

O próprio lote inspirou a composição do projeto, formado por dois principais elementos: um núcleo branco e uma espiral em madeira que o envolve. Nessa parte central estão distribuídos o espaço para refeições, os quartos, a sala e o banheiro. Na espiral, existem espaços para a família, uma pequena biblioteca e um escritório. Os ambientes do programa são todos conectados e sobrepostos. A cobertura da estrutura revestida em madeira também permite a criação de pequenos terraços, que funcionam como a segunda hélice do projeto e garantem uma melhor conexão entre espaços internos e externos.

A partir da proposta de projetar uma casa que não pode ser explicada pelo senso comum de comprimento e largura, os arquitetos foram capazes de criar uma residência que, mesmo com espaços reduzidos, tem ambientes os mais diversos: claro, escuro, estreito, amplo. Uma residência pequena, mas que permite ao usuário uma variedade de sensações espaciais, permitindo a seus habitantes usufruí-la de maneira muito completa.

Um abraço,

Japan House São Paulo



Fotos Photos Kai Nakamura



Querido **Instituto Tomie Ohtake**,

Na semana passada, começamos uma conversa sobre o adensamento urbano e tratamos de dois exemplos no Brasil e no Japão. Hoje, gostaríamos de contar um pouco sobre uma experiência japonesa de pensar o projeto a partir das memórias do local. Vocês conhecem o trabalho do arquiteto Tsuyoshi Tane? Ele foi tema de uma exposição muito especial que aconteceu na Japan House São Paulo.

Partindo da percepção de que um lugar não é apenas algo físico, mas um portador de memórias, Tane desenvolveu um método para seu processo criativo muito original, que ele mesmo apelidou de “escavação”. Essa metodologia de projeto foi apresentada na exposição *Arqueologia do Futuro – Memória e Visão*, apresentada na Japan House em 2019.

Buscando criar um diálogo entre passado e futuro, o arquiteto inicia seus projetos com uma intensa pesquisa sobre o local onde irá construir. O processo de escavação envolve pesquisas extensas, busca de imagens históricas, textos e até mesmo artefatos relacionados ao lugar, transformando essas memórias em bases e conceitos para a nova arquitetura. A exposição na Japan House apresentava todo esse universo de objetos, imagens, modelos e desenhos que relacionavam o passado e o futuro dos projetos expostos com certo ar de gabinete de curiosidades, de catalogação arqueológica.

No projeto *A House for Oiso* (Uma casa para Oiso), executado em 2015 com os arquitetos Dan Dorell e Lina Ghotmeh, buscou-se adaptar diversas tipologias arquitetônicas experimentadas pelos habitantes da região ao longo dos séculos em uma residência contemporânea.

A cidade de Oiso, na província de Kanagawa, é de clima quente e litorâneo. Habitada desde o período Yayoi, a cidade ainda preserva muitos traços do passado. A proposta rastreia esse patrimônio, buscando capturar a essência da arquitetura vernacular japonesa produzida ao longo dos séculos. Suas referências foram a moradia em cova do período Jomon, a moradia de piso elevado do período Yayoi, a cabana de pilares cravados no solo do período Medieval, a *machiya* (casa de cidade) do período Edo e as vilas do período Showa.

A casa foi inserida 60 centímetros abaixo do nível original do terreno. O solo escavado foi reutilizado para os acabamentos do térreo, uma solução antiga, mas muito interessante por suas propriedades térmicas e de controle de umidade. Já o segundo andar, que remete a uma cabana elevada do nível do solo, é todo em madeira. Seu interior foi pensado de modo a otimizar a circulação do ar e evitar o acúmulo de umidade.

O nome “Uma casa para Oiso” não foi escolhido por acaso. A residência é mais do que um projeto implantado naquela cidade, ela não poderia existir em nenhum outro lugar, pois as memórias resgatadas são específicas daquela cidade. Até mesmo os acabamentos foram realizados com o solo local. O edifício pertence não somente ao seu entorno, mas também ao seu passado e, agora, ao seu futuro.

Esse respeito e consideração pelo passado são notórios na cultura japonesa. Esperamos que vocês tenham gostado de conhecer mais sobre esse projeto e o método criativo desse arquiteto. Adoraríamos saber um pouco sobre como as memórias e os saberes locais são incorporados aos projetos no Brasil.

Um grande abraço,
Japan House São Paulo



Fotos Photos Takumi Ota

Querida **Japan House São Paulo**,

Agradecemos por nos ter apresentado o projeto *A House for Oiso*, do arquiteto Tsuyoshi Tane com o DGT Architects. O seu diálogo com a memória e suas técnicas construtivas, sabendo lidar com um sítio com tantas camadas históricas, nos remeteu a um projeto brasileiro que teve imensa repercussão, obtendo o Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel em 2017 e tendo sido laureado também fora do Brasil.

O projeto *Moradias Infantis*, inaugurado em 2017, lida com questões profundas da memória nacional, como os saberes indígenas e a tradição do trabalho manual da lavoura. Os escritórios Aleph Zero e Rosenbaum se uniram nessa empreitada para reinventar o internato de uma escola rural localizado numa fazenda no município de Formoso do Araguaia, no Tocantins.

Para viabilizar um projeto que tivesse claramente um caráter colaborativo, jovens e outras pessoas envolvidas foram chamados para pensar conjuntamente uma nova ideia de internato e aprendizado. A finalidade era ser efetivamente um lar para 540 crianças e adolescentes, com espaços convidativos e aprazíveis. Esses filhos de caboclos e indígenas com idade entre 13 e 18 anos ali vivem em regime de internato a fim de viabilizar a rotina escolar, uma vez que suas famílias habitam regiões isoladas da zona rural do Centro-Oeste brasileiro. Assim, se antes havia um dormitório para meninos e outro para meninas, a separação por gênero resultou em duas vilas, porém agora com quartos para seis pessoas. Todo o projeto é acolhido por um telhado generoso que garante sombra. Anexos aos dormitórios, espaços de convívio como sala de TV, sala de leitura, varandas, pátios e redários visam aproximar o edifício de uma lógica de casa.

Do ponto de vista construtivo, houve o emprego de peças pré-fabricadas de madeira reflorestada. Assim como nas casas da região, os blocos de alvenaria são de barro cru e utilizaram o solo da própria fazenda. Outra técnica recorrente é o efeito muxarabi, alcançado com o afastamento entre os blocos, recurso usado de modo a garantir qualidade térmica para as áreas de serviço do projeto. Nos pátios buscou-se reproduzir o microclima advindo do encontro de três biomas locais: Cerrado, Amazônia e Pantanal.

Como apontou o júri da 4ª edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel, o que vemos é um diálogo minucioso e atento entre a técnica contemporânea e o rico conhecimento vernacular local. Ao aliar a solução industrializada, da estrutura de madeira laminada colada, ao emprego vernacular do adobe, esses dois materiais conferem unidade aos pavilhões que abrigam os dormitórios, áreas coletivas e passarelas.

Um abraço,
Instituto Tomie Ohtake



Fotos Photos Leonardo Finotti



Querida **Japan House São Paulo**,

Começo esta carta contando que resolvi, desta vez, alterar um pouco os rumos da nossa conversa. Sei que estamos ultimamente discutindo iniciativas recentes e o modo como arquitetos vêm pensando novas ideias de morar, mas não pude me esquivar de lembrar um projeto de quatro décadas atrás. Voltemos rapidamente para 1979 porque, quando se trata de refletir sobre modos de morar, a *Casa Bola* de Eduardo Longo continua sendo, ainda hoje, um projeto visionário.

Embora Longo tenha estudado em São Paulo na Universidade Mackenzie, desde o seu primeiro projeto realizado em 1964, ainda estudante, o arquiteto mostrou um modo de lidar com a arquitetura muito mais conectado a movimentos de vanguarda de outras regiões do mundo do que à escola brutalista que estava sendo consolidada naquele momento em São Paulo.

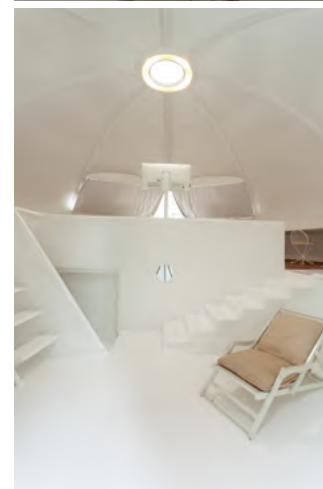
Em 1972, contaminado pela onda contracultural e pelo movimento *hippie*, Longo, que já era um arquiteto promissor, passa por um processo vigoroso de revisão de sua atuação e seu modo de vida, elimina hábitos supérfluos e faz modificações substanciais em sua casa-escritório de 1970, derruba paredes e transforma o térreo da construção em passagem pública. É sobre a estrutura da casa-escritório que o arquiteto concebe um protótipo de sua ideia de casa-bola na escala de 8:10. Assim, a casa que deveria ter 10 metros de diâmetro é feita com 8, respeitando as exigências legais de recuo do terreno. Mesmo com tamanho reduzido, a casa chama a atenção de qualquer passageiro, dado seu formato inusitado e a inevitável indagação de como devem ser seus espaços internos.

Longo construiu praticamente sozinho a sua casa, que seria o protótipo manual de uma casa a ser produzida em escala industrial, tal como um automóvel. Essas ideias conectam Longo às vanguardas, como os ingleses Archigram e os metabolistas japoneses, ambos dos anos 1960. As casas-bola seriam instaladas em edifícios que mais se parecem com prateleiras gigantes, com o benefício de assegurarem uma área pública ao redor de si devido à sua volumetria, haja vista que uma esfera ao lado de outras não ocupa o espaço completamente.

A casca externa, de argamassa armada, foi concebida com a ajuda de Charles Holmquist, um amigo com experiência na construção naval. Internamente as paredes são de concreto celular, um tipo mais aerado e leve de concreto. A casa, onde Longo ainda hoje reside, conta com três suítes, sala de estar, lavabo, cozinha, dormitório de empregada e lavanderia. Por mais radicais que sejam a forma e os materiais, trata-se de um programa de classe média alta típico de até poucos anos atrás.

Querida Japan House São Paulo, esperamos que você tenha achado que valeu a pena voltar um pouco no tempo. Esperamos por notícias.

Instituto Tomie Ohtake



Fotos Photos Tuca Reinés



Fotos Photos Iwan Baan

Querido **Instituto Tomie Ohtake**,

Adoramos conhecer mais sobre a experiência da *Casa Bola* e pensar que algumas das práticas da arquitetura no Brasil podem ter sido influenciadas por correntes do Japão. De fato, a arquitetura japonesa possui muitos exemplos de moradias unifamiliares que desafiam os limites do comum, assim como fez Eduardo Longo em 1979.

Os arquitetos japoneses são reconhecidos mundialmente por suas experimentações na arquitetura residencial. Porém, uma casa não convencional requer também um cliente não convencional. E o mais interessante é que, no Japão, essas experimentações não são necessariamente de cunho luxuoso, mas muitas vezes são financiadas por clientes de classe média que buscam uma casa pequena e que estão abertos a ousadias.

Um exemplo marcante é a *House NA* (Casa NA), de 2010, desenhada pelo arquiteto Sou Fujimoto, que foi tema de uma exposição na Japan House São Paulo, em 2017. Projetada para um casal em um bairro tranquilo de Tóquio, a casa impressiona por ser quase completamente de vidro, permitindo que todo o movimento do seu interior seja observado por quem passa na rua.

O espaço é dividido em 21 placas de piso individuais, fixadas em níveis diversos. Cada uma dessas placas está ligada por escadas ou patamares, fixos ou móveis. A proposta espacial partiu da ideia de uma árvore, onde cada galho é um ponto isolado, mas, ao mesmo tempo, todos estão conectados. O mesmo acontece na casa: enquanto é possível realizar atividades de maneira íntima em cada piso, também se permite reunir um grupo de pessoas que, mesmo estando em diferentes níveis, podem ter vivências coletivas. Os espaços, assim, assumem funções variadas.

A estrutura em aço branco reflete a elegância e delicadeza da arquitetura de Fujimoto. As instalações sanitárias e de aquecimento estão na parede ao fundo do terreno, não obstruindo a visão da rua. A ausência de divisórias, no interior e no exterior, é compensada com cortinas, que limitam os espaços de acordo com a atividade que está em curso. Elas remetem aos painéis *shoji*, estruturas de correr feitas com material translúcido, utilizadas para delimitar os espaços na arquitetura tradicional japonesa.

A diversidade de invenções na arquitetura residencial no Japão é imensa. Diversos aspectos culturais, sociais e mesmo naturais estimulam essa inventividade, além de um mercado imobiliário muito complexo, que acaba dando espaço a criações que não seriam possíveis em outros países. A rapidez com que se atualizam os projetos ou surgem novidades é notável, o que leva a arquitetura japonesa a exercer um retrato do morar contemporâneo quase em tempo real.

É muito interessante pensar como esses experimentos na cidade conversam entre si e com seu entorno, sugerindo modos de vida alternativos e novos entendimentos do conceito da casa e do morar, permitindo também que o campo da arquitetura se desenvolva como um todo.

Até a semana que vem!
Um grande abraço,
Japan House São Paulo

Querido **Instituto Tomie Ohtake**,

Na carta de hoje, gostaríamos de contar sobre uma tipologia de moradia que está se popularizando no Japão. São as casas compartilhadas, que estão presentes principalmente nas grandes cidades, como Tóquio e Osaka. Apesar de existir desde os anos 1990, quando eram voltadas especialmente para estrangeiros, esse tipo de moradia se tornou popular entre os japoneses a partir do final dos anos 2000, apresentando-se como um estilo de vida alternativo para jovens sozinhos e uma oportunidade de maior contato com outras pessoas, sendo difundido inclusive na mídia e em seriados de televisão.

Essas casas são locais onde se pode alugar um quarto (privado ou compartilhado), enquanto compartilham-se áreas comuns, como a cozinha, banheiro e espaços de estar com outros moradores. Essa tipologia de edifício se apresenta como um novo programa a ser explorado pelos arquitetos japoneses, que muitas vezes são convidados a criar projetos ou renovar construções existentes, na busca por espaços individuais reduzidos ao mesmo tempo que propõem a valorização de ambientes que promovam o coletivo e a socialização.

Do ponto de vista do morador, essa opção de habitação se mostra mais barata do que alugar um apartamento e pode ser muito vantajosa para estudantes ou jovens no início de carreira que desejam habitar os grandes centros urbanos. Como no Brasil, alugar um imóvel no Japão pode ser burocrático e custoso, o que torna as casas compartilhadas atraentes, livrando o morador de contratos complexos, necessidade de fiador ou pagamento de depósitos e outras taxas de início de locação.

As casas compartilhadas também são vistas como uma oportunidade de socialização. Algumas, por exemplo, realizam encontros periódicos para promover o senso de comunidade entre os moradores. Existem também as casas voltadas para um público específico, por exemplo, mães solteiras – uma opção muitas vezes benéfica para mulheres que trabalham e precisam de suporte no cuidado com os filhos.

A *Shared House in Oji* (Casa compartilhada em Oji), realizada pelo arquiteto Kengo Kuma, em 2017, trabalhou com o programa da casa compartilhada. Nesse caso, o projeto consistia em renovar uma casa tradicional japonesa que pertenceu ao ex-primeiro ministro Keizō Obuchi, próxima à estação de Oji, na região de Kita, em Tóquio. Feita em madeira no período pré-guerra, ela foi transformada em uma residência compartilhada destinada a estudantes.

Preservando o exterior e a estrutura, a casa teve seu interior redesenhado para abrigar oito quartos individuais de 15 metros quadrados, além de uma cozinha ampla integrada com a sala de jantar e dois banheiros coletivos. Para isso, foram muito utilizadas as telas *shoji*, um elemento tradicional da arquitetura japonesa que continua sendo usado atualmente, como contamos na nossa correspondência anterior. Essas divisórias móveis são feitas com um papel grosso e translúcido, fixado em uma estrutura de madeira ou bambu, e são empregadas para dividir os espaços de forma muito simples, permitindo que a luz penetre nos ambientes. O papel utilizado é o tradicional *washi*, também presente nas divisórias da sede da Japan House São Paulo, projeto do qual Kuma também é autor, em conjunto com o escritório paulistano FGMF Arquitetos.

Esperamos que vocês tenham gostado de conhecer um pouco sobre o trabalho desse arquiteto e dessa opção de moradia no Japão. Como é o morar coletivo no Brasil? Estamos curiosos para ver alguma proposta brasileira escolhida por vocês.

Um abraço,

Japan House São Paulo



Fotos Photos Kawasumi
Kobayashi Kenji Photograph Office



Fotos Photos Kawasumi - Kobayashi Kenji Photograph Office

Querida **Japan House São Paulo**,

Ficamos muito contentes por você nos ter apresentado a *Shared House in Oji*, de Kengo Kuma. Pensamos que a melhor forma de trazer a discussão para o Brasil a respeito das ideias de reconversão de usos e de moradia compartilhada seja apresentar um exemplar dos movimentos sociais de luta por moradia. A *Ocupação 9 de Julho*, que teve início em 2016 com integrantes do Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), guarda uma importante história sobre a luta pelo direito à moradia e a condição de inúmeros edifícios abandonados e subutilizados na região central da cidade de São Paulo.

Narrar a história desses movimentos sociais, além de apontar para questões urgentes da conformação das cidades brasileiras, é tratar de sua relevância política ao deflagrarem a necessidade de urgência na articulação do poder público para o cumprimento do direito à moradia previsto em lei – como consta na Constituição Brasileira de 1988. Reivindicações como as do MSTC, fundado em 2001 por Carmen Silva, evidenciam que a moradia digna é mais complexa do que a oferta de uma mera unidade habitacional, pois “morar” inclui mobilidade, acesso a equipamentos e serviços públicos (saúde, educação, cultura, segurança) e a oportunidades de trabalho. Quando avaliamos o problema do *deficit* habitacional brasileiro aliado a esses fatores, somos capazes de compreender os motivos que levam muitas dessas ocupações a se instalarem no centro das grandes cidades.

A *Ocupação 9 de Julho*, que escolhemos como exemplo nesta correspondência, abriga 138 famílias de baixa renda, incluindo brasileiros de diversos estados, imigrantes e refugiados de outros países que, sem o Movimento, viveriam em condições incertas ou sem abrigo. O edifício do início da década de 1940, que sediou o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), ficou inutilizado por 42 anos até que, em 2016, foi ocupado pelo MSTC. Os próprios ocupantes realizaram a limpeza do local e coordenaram obras de recuperação (como reformas hidráulicas e elétricas e recuperação de escadas). Esse tipo de ação é bastante recorrente nesses movimentos, recuperando, por meio da força de trabalho dos seus integrantes, infraestruturas abandonadas, sem função social, e fornecendo assim condições para o processo de regularização do edifício.

Os três primeiros andares do prédio, destinados originalmente para atendimento ao público, agora acolhem atividades de cunho educacional e cultural, contando inclusive com uma galeria de arte. Vale dizer que tudo é gerido pelos próprios ocupantes. Os 12 andares superiores, que eram moradias para os funcionários do próprio INSS, se transformaram em unidades habitacionais para os mais de 350 moradores.

Na *Ocupação 9 de Julho* (e em qualquer uma das mais de 12 ocupações geridas pelo MSTC) são desenvolvidas ações que instrumentalizam e capacitam os ocupantes. São atividades como formação política, ambiental e esportiva, serviços de educação e treinamento profissional, além de acesso a orientação jurídica.

Eventos abertos são realizados regularmente, alguns deles reunindo 8 mil pessoas. Ocasões como essas oferecem a possibilidade de que mais pessoas entendam, de fato, o que é uma ocupação, e com isso tenham a oportunidade de se livrar de preconceitos que, infelizmente, ainda são associados aos movimentos de moradia em nosso país.

As iniciativas do MSTC, embora ainda negligenciadas pelo poder público, são reconhecidas no ambiente acadêmico e por arquitetos e urbanistas no âmbito nacional. Muitos desses profissionais



Cortesia Courtesy of Chicago Architecture Biennial 2019
Foto Photo Cory Dewald

atuam em parceria com o MSTC, por intermédio de consultorias e ações conjuntas. A metodologia em rede encabeçada por Carmen Silva articula formas de financiamento, requalificação e manutenção predial, administração comunitária, mobilização e organização dos integrantes, tornando assim o MSTC uma das práticas mais inovadoras e bem-sucedidas no Brasil quando pensamos em habitação de interesse social.

Recentemente, esse reconhecimento ganhou novo fôlego devido ao convite para participar da 3ª Bienal de Arquitetura de Chicago (que ocorreu entre setembro de 2019 e janeiro de 2020 nos Estados Unidos). O MSTC, a Escola da Cidade e o coletivo interdisciplinar O Grupo Inteiro apresentaram a exposição *MSTC – Moradia como Prática de Cidadania*. A mostra trouxe a história e as diversas estratégias desenvolvidas pelo Movimento, compiladas também em uma densa publicação sobre o tema.

Tamanha visibilidade é fundamental para ajudar a combater uma série de investidas que tentam criminalizar os movimentos sociais em São Paulo, ignorando o fato de estarem de acordo com os marcos regulatórios do país e a importância de sua luta por melhores condições em cidades com tão pouca oferta habitacional de acesso democrático. Nossa expectativa com esta carta é dar luz a uma discussão de tamanha importância, sem a qual não poderíamos efetivamente abordar os desafios e as soluções mais efetivas acerca das diferentes formas do morar nas cidades brasileiras. Pensar como é possível abordar a moradia hoje requer que a encaremos como um direito de todos.

Querida **@japanhousesp**, nos despedimos agora, mas faço questão de frisar o quão prazerosa foi esta troca de correspondências. Um abraço e até a próxima!

Instituto Tomie Ohtake



Cortesia Courtesy of Chicago Architecture Biennial 2019 Fotos Photos Cory Dewald

Foto Photo Tom Harris

ENGLISH TEXTS

In 2020 the 7th Architecture Awards organized by Instituto Tomie Ohtake and AkzoNobel shows their steady commitment to mapping and highlighting some of the most outstanding and leading-edge contemporary Brazilian architecture.

This year's iteration of the contest saw 246 projects from 14 states and the Federal District, in addition to entries from Argentina, Spain and Antarctica. This number is quite a significant, especially given the economic and social issues that have beset Brazil in recent months due to the Covid-19 pandemic.

The 246 entries represent 435 professional artists, of whom 66% are men and 26.4% women; 77% are white people, 6.44% black or brown, 2.07% Asian and 0.23% mestizo (7.6% did not declare their gender or responded 'gender neutral', while 14.26% did not declare their race/ethnicity). Compared with the data for the 27 professionals who signed the ten projects selected and three honorable mentions, there were 4.18% fewer women, but 4.67% more black or brown people. There is one Asian person, which corresponds to 3.70% (7.41% did not answer or they responded 'gender neutral', and the same percentage did not inform race/ethnicity).

We believe that drawing this comparison is important, since the effort to have the Awards reflecting the varied range of Brazilian architecture necessarily poses the question of representativeness, which requires constant attention in the long term too, not just for one iteration of the contest. There is also a related effort for the Nominations Committee, which was first set up for the 2018 Awards, whose main task is to find less conventional (sometimes more conceptual) projects or those from locations other than the Rio de Janeiro-São Paulo metro regions. Although the projects thus selected were not prioritized in relation to spontaneously entered projects, the Committee's work is very relevant for the desirable situations seen in this year's Awards, of having at least one project selected from each of Brazil's regions. Our committee members for 2020 were Emmily Leandro, Marina Lacerda and Thais Machado (architects) and Manuel Sá (architect and architectural photographer).

We have therefore selected ten projects - three of which earned international travel grants to visit sites of architectural interest while another three got honorable mention and honorable mentions for color and sustainability.

The 2020 jury consisted of professionals from a wide range of complementary activities - architects Elisabete França, Juliana Braga, Diego Mauro, Fernando Túlio and Pedro Varella - thus ensuring a rich dialogue and problematization. Ultimately, this led to the selection of the 13 projects for an exhibition and catalogue that will offer visitors an opportunity to enjoy in greater detail these works that, both individually and as a whole, have much to contribute to architectural and urban debate. Their selection has put both early-career professionals and leading studios and offices in evidence.

For the 7th Awards, we are honored to partner an entity whose valuable collaboration is much appreciated: Japan House São Paulo, an institution whose mission is outreach for contemporary Japanese culture and one that has held major debates and exhibitions showing

the highly reputable tradition and excellence of Japanese architecture. Our shared affinity and interest in architecture has led us to investigate the theme of "dwelling" or "living" and to exchange correspondence on Brazilian and Japanese designs, as seen in the latter part of this catalogue. Our collaborative partnership with Japan House São Paulo extends to its support for the Awards in the form of a travel grant to Japan, to study internationally renowned artworks there.

We hereby wish to acknowledge AkzoNobel's sponsorship and committed support since 2014. Their collaboration has been not only rewarding but also crucially important to making possible yet another iteration of these Awards that so contribute to the discussion and appreciation of Brazilian architecture. We also express our gratitude to the Ministry of Tourism of Brazil, which via tax incentive laws has ensured the access of Brazilians to a wide range of cultural projects.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

ARCHITECTURAL BRIDGE BETWEEN BRAZIL AND JAPAN

Architecture is one of Japan's grand areas of excellence - and one of so many other wonderful things about the country.

Over time, Japanese architecture has shown its outstanding technical, constructive, and aesthetic qualities. Extremely bold avant-garde projects have influenced and fascinated not only peer architects but also enthusiastic admirers all over the world. At present, Japan has won more prestigious Pritzker Prize awards than any other country.

Japan House São Paulo's mission is to highlight contemporary Japan's rich and diverse culture, so architecture has been one of its most important pillars. Such relevance may be assessed both in the irreverent design of Japan House's building that has earned it the status of an icon in São Paulo's scenario, and in its program consolidated in three years since its inauguration.

Japan House's building on a busy São Paulo thoroughfare - Avenida Paulista - evinces a constant appreciation of tradition in total harmony with innovation, while also showing the weight of the fruitful relationship between Brazil and Japan. Designed by architect Kengo Kuma in collaborative partnership with São Paulo's FGMF firm, the building's architectural language has been adapted to the present day while revisiting many traditional techniques and materials such as the hinoki facade and washi panels, in addition to typically Brazilian elements such as cobogó latticework, showing the strength of cultural fusion.

Exhibitions featuring leading architects such as Kuma, Sou Fujimoto and Tsuyoshi Tane; lectures delivered by Hiroshi Sambuichi, Junya Ishigami, Maki Onishi, Yuki Hyakuda and Kazuyo Sejima; workshops and activities held together with institutions such as FAU-USP, Escola da Cidade, Mackenzie, Belas Artes, Arq.Futuro, Pavilhão Japones and IAB-SP, as well as exchanges between Japanese architects and some of the most notable exponents of the Brazilian contemporary architecture, such as Guilherme Wisnik, Vinicius Andrade, Thiago Bernardes and Martin Corullon, are some examples of Japan House's program focusing on architecture.

One of our most stimulating pursuits has been researching and presenting an overview of such exceptional

architectural creations to local audiences. After all, the source is inexhaustible, it would be impossible for us to show all of this constantly developing, prolific production. Our collaborative partnership with Instituto Tomie Ohtake has evolved naturally. The Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award has reached a definitive and critical level in terms of acknowledging, fostering, and promoting Brazil's vibrant architecture nationwide. We have felt highly honored and pleased to be part of the 2020 Award: by doing so, we strengthen the role of Brazilian institutions and the essential cultural exchange between the two nations.

Architecture practiced in Brazil and Japan has yielded countless approximations and yielded mutual admiration. Thus, by participating in this 7th iteration of the Award, we seek to further strengthen our relations.

The groundbreaking exchange of online correspondence featured in this catalogue evinces parallels in terms of similar themes and challenges. Hopefully, the Japan travel award will enable more in-depth investigations that will lead to a broader exchange and draw in new points of inspiration and convergence.

NATASHA BARZAGHI GEENEN

Cultural Director - Japan House São Paulo

AkzoNobel sees urban space as driver for many of our segments. We believe that architecture is a cultural representation of collective space and an artistic watershed that has robust social expression. Seven years ago, we joined forces with Instituto Tomie Ohtake for this crucial award that charts contemporary architectural production while showing recognition for different approaches to building social space in Brazil and South America. This collaborative partnership is special for us because we are constantly striving to have our paint and coating solutions make significantly positive impacts on people's lives by protecting their private and collective spaces and adding color to them.

This year, we must inescapably address the Covid-19 pandemic and all the current ongoing changes in our lives. Social distancing has forced us to resignify our relationship with our homes. We have been showing more affection and empathy for our living spaces; although temporarily, they stand for everything in our lives and social relations, both real and virtual. In a matter of hours, our work took over our homes, so we began to expect more from them. At AkzoNobel, we believe that our homes will be the starting points from which we will set out towards a better future, thus taking courage to craft the change we want for ourselves and our surroundings. Given this scenario, we are also reminded of how fundamental social interaction is for human survival. Diverse environments are part of this dynamics because they allow the ordinary but essential pleasure of strolling around, visiting, and hugging loved ones. In this unique context, it is invigorating to see the talented projects mapped and recognized by the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award. They bring us fresh hope! We trust that colors can transform people's feelings and sensations, as seen in the vitality and joy conveyed by Manga building. Sustainability is a crucial principle for our company, and it should be the catalyst for actions in every social sphere, as it is for the Cavalcante House. In

this home, modules were designed to match isothermal tiles and surrounded by eucalyptus trunks positioned to reflect the solar orientation of each facade. As a key aspect of our protective solutions, innovation is also featured at the Comandante Ferraz Antarctic Station, where, in addition to its construction process specially adapted to adverse climate and soil condition, there is an opportunity to develop technology for Brazilian architecture and our industry.

Let us recall the wise words of the German architect Ludwig Mies van der Rohe: "architecture is the will of an epoch translated into space." Once again, I wish to congratulate everyone who has participated in this 7th iteration and led its awarding process that, more than ever before, highlights the critical role of architecture to transform an epoch.

DANIEL GEIGER CAMPOS

President, AkzoNobel South America

PROJECT NOMINATION COMMITTEE

A Project Nomination Committee integrated by architects, critics and researchers was set up to boost participation from all Brazilian regions and attain greater diversification for the entries submitted, while promoting a discussion on architectural design made in Brazil. The Committee's mission is to shortlist outstanding projects capable of broadening debate on contemporary Brazilian architecture to be entered for the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award.

Emmily Leandro

Originally from the state of São Paulo, Emmily has been living in Rio de Janeiro for the last three years. With a degree in architecture and urbanism from the Universidade do Vale do Paraíba (Univap), she completed a resident postgraduate program in urban planning and management at the College of Architecture and Urbanism of the Universidade de São Paulo (FAU-USP), and is currently earning her MA at the Regional and Urban Landing and Research Institute of the Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR-UFRJ). She is presently active as an architect, urbanist and project manager. A partner of the team Concreto Rosa (a firm made up of women, specializing in repairs and remodelings), she is a member of the Terra Preta collective, an activist of Massa - Comunicação de Causas, and a comanager of Da Praça Coworking.

Manuel Sá

A photographer of architecture and an architect, he lives in São Paulo. He makes photographic records for architecture firms in São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, Porto Alegre, Belém do Pará, and Belo Horizonte, and for publications such as *Arquitetura & Construção*, *Revista Projeto*, *Casa Claudia*, *Archdaily Brasil*, *Archdaily International*, *Office Snapshots*, *Divisare*, *Frame*, *Archello*, *Design Milk*, *Designboom* and *The Architectural Review*. He won the Photography of Architecture and the City prize (2018) from the Instituto de Arquitetos do Brasil, Departament of São Paulo (IAB-SP). His first solo show was held at Espaço Plexi, in São Paulo (2019).

Marina Lacerda

A professor in the course of Architecture and Urbanism of the Universidade Estácio (SP) and a member of the editorial team of the scientific journals of the Escola da Cidade, she earned her MA at the Universidade Estadual de Campinas (Unicamp, 2019) by researching the work of Japanese architect Toyo Ito. With a specialist's degree in strategic design from Instituto Europeo di Design de São Paulo (IED, 2015), she holds a BA in architecture and urbanism from the Universidade Presbiteriana Mackenzie (2009). She teaches courses about Diagrams in the Theory and Design of Architecture, Processes and Analysis of Architectural Design, Contemporary Architecture, and Japanese Architecture.

Thaís Machado

Originally from Porto Alegre (RS), she currently lives in Salvador (BA). An urbanist architect with a degree from the Centro Universitário Ritter dos Reis (Uniritter) – Laureate International Universities – she also earned her degree in interior design from the Escola Técnica Senador Ernesto Dornelles and completed the postgraduate program in Technical Assistance, Housing and the Right to the City at the College of Architecture of the Universidade Federal da Bahia (FAUFBA). A cocreator of IBOKUN, a firm that seeks to re-signify architecture and design taking Brazilian culture as a guide, she is also a sociocultural mobilizer who conceived the projects Negra Ativa and Festival Porongos.

JURY

For its 7th iteration, the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award received 246 design submissions. Thanks to this large number of entries, the Award was able to carry on its vocation of serving as a valuable chart of the recent Brazilian architectural production, with its shortlist including at least one project from each region of our vast country.

The fact that the Award does not have specific categories grants the jury considerable freedom, while also putting forth discussions about the selection of criteria that allow for a comparison between the projects of widely variegated nature: ephemeral architecture, single-family residences, public equipment, projects on an urban scale, and even high-end projects side by side with those that use minimal resources. Faced with this challenge, the jury sought to define a spectrum of relevant aspects, since a single project would not satisfy them all, and it would be up to the final selection to express this diversity: innovations of language and of form, excellence in details, varied typologies, concern for the environment, the use of unconventional constructive techniques, or an innovative use of well-known materials. The jury also dedicated space to designs that lead viewers to raise issues – after all, what is architecture? – and seek to underscore designs dedicated to procedural dimension and constructive processes. Faced with such a wide range of parameters, often the prioritization of designs for utility or public use was decisive.

Another noteworthy point raised in previous Award iterations was the endeavor to balance the selection between long-established studios known for their quality designs and professionals in the early stages of their

careers. As an indirect consequence of this concern, greater visibility was given to design programs that are ordinarily less appreciated in the architectural field, or yet are produced in other regions of Brazil beside the Southeast. Running opposite to this, the jury sought to appreciate highly complex designs developed with public funds, which for their part faced another challenge: their actual implementation, considering the countless obstacles that, in Brazil, lead to projects not reaching completion.

Last but not least, the jury aimed to minimize discrepancies between genders and races, since most of the architects who submit designs to the Award are white men.

The awarded designs include the Antarctic Station, a building that arose from a public competition and came to completion this year. It stands as an insignia of science at a time when there is such high demand from this field of knowledge that, at the same time, has not been included among national priorities. In its turn, the Revamping of the Sacred Hill of Senhor do Bonfim is based on excellent urban design and the particularities of its urban equipment in deep dialogue with cultural and religious elements, at one of the landmarks of the city of Salvador, in the state of Bahia. Lastly, the Academia-Escola / Unileão, located in Juazeiro do Norte, in the state of Ceará, involves extremely relevant investigations in regard to the innovative use of well-known construction materials, coupled with a conciseness of form and style, and a concern for the climatic demands of the semiarid Brazilian Northeast.

It should be noted that there is no first place. Here we list the three award-winning designs amidst the rich selection of ten designs. Three honorable mentions complement this complex panorama of designs that feature, each in its own way, distinctive innovation and quality, representing the best of Brazilian architecture.

DIEGO MAURO, ELISABETE FRANÇA, FERNANDO TÚLIO, JULIANA BRAGA AND PEDRO VARELLA

Jury of the 7th Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award

Diego Mauro

Architect and urban planner, assistant curator at Instituto Tomie Ohtake and professor of Architecture and Urbanism at Universidade Ibirapuera (Unib), Mauro holds a master's degree from Universidade de São Paulo (USP) and a degree from Universidade Federal da Bahia (UFBA), where he was also temporary lecturer of Design in 2012.

Elisabete França

Architect and urbanist França has over 30 years' experience designing urban, environmental, housing and urban mobility projects. She is currently head of Planning and Projects for São Paulo's municipal traffic engineering entity (CET) and a faculty member of the School of Architecture at Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP). In the course of her career she has curated exhibitions, in particular Brazil's pavilions for the Venice Biennale and Rotterdam Biennial. She has been a jury member for Urban21, the AsBEA Award, the Schindler Global Award (2017) and Brazil's public competition for the IAB/DF + CAU/BR headquarters, among others.

Fernando Túlio

When Túlio was president of the Institute of Architects of Brazil – São Paulo Department (IAB-SP), his administration earned an Architecture category award from São Paulo's Art Critics Association (APCA) in 2019. He was one of the Brazilians enrolled for the 2020 Executive Leadership Program in Early Childhood Development at Harvard (USA). He attained his undergraduate degree from the School of Architecture and Urbanism at Universidade de São Paulo (FAU-USP) and his master's in public policies from Fundação Getúlio Vargas (FGV). He is currently enrolled in a doctorate program at FAU-USP too. Túlio has held positions as researcher at the Lincoln Institute of Land Policy (USA), FAU-USP's laboratories on Right to the City and Public Space and Urban Fluvial Infrastructures (LabCidade and Metrôpole Fluvial), and at the Argentine Center of Public Policies for Equity and Growth (CIPPEC). He was a special cabinet advisor and deputy chief of staff of the São Paulo municipal government's Urban Development bureau (2013-2016) and president of FAU-USP's Board of Curators (2009 and 2011).

Juliana Braga

Architect and urbanist Braga earned her undergraduate degree at Universidade de São Paulo (FAU-USP) in 2004 followed by a master's (2010) and doctorate (2018) from the same institution, while conducting research on Flavio Motta's contributions to architecture and education. Having been a collaborator and associate at SPBR Arquitetos (2004-2014) and a partner with Vereda Arquitetos (2016-2019), Braga is currently working independently on her own projects and research involving various partnerships, while teaching design at Escola da Cidade and FAU-USP.

Pedro Varella

Rio de Janeiro-based architect Varella earned his undergraduate degree and master's from the School of Architecture and Urbanism at Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ) and he has been lecturing at several institutions since 2016. He is a founding partner of the gru.a collective, for which he is developing different kinds of production on varying scales, his particular interest being the intersection between architecture and contemporary art. His work has been recognized by awards and exhibitions, including the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award (2015 and 2019). Varella also won first place in a national competition for the Preservation Center at Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro, 2012). His gru.a studio was recently shortlisted for the Lisbon Triennale Millennium BCP Debut Award.

If we had to select the most common profile of projects submitted to this iteration of the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award, it would be an upscale house designed by a white, male architect with an office headquartered in São Paulo.

When we look at the history of architecture, we soon note that the house is one of the programs par excellence for experimentation, especially if we are dealing with the architect's own residence. I understand, however, that the massive presence of upscale and high-quality houses submitted for the prize primarily reflects the

concentration of wealth in our country.

As a jury member representing Instituto Tomie Ohtake in this 7th iteration, I mainly focused on some criteria that would ensure that the designs selected would minimally represent the diversity of architecture and its designers in Brazil. While the upscale houses have often achieved visibility and recognition through other media (such as publications, websites, and other contests), this Award offers a valuable opportunity to reveal new and broader horizons for architecture, rather than narrowing them.

I was pleased to learn that the other jurors soon shared their concern for diversity in a broad sense, which guaranteed an extremely productive and informed architectural debate. Furthermore, for the first time we have an Award iteration with only one single-family residence among the selected designs. This fact does not indicate a lower quality of the house designs submitted, but rather the opposite: given the lack of submissions of infrastructural projects, the members of the jury were concerned to highlight designs for social-interest housing, public projects, or those with some public character. And these, the rarest among the entries, were prioritized this year.

Nevertheless, even keeping in mind the above mentioned concerns, if we look at the states where the 13 architectural firms represented here are located, we will see that eight of them are in the Southeast (five from the city of São Paulo), two are in the Northeast, one in the Center-West, one in the South, and one in the North of Brazil. And, notwithstanding our attentive gaze, the selected designs are mainly by white men. We hope that all the people who are part of the field of architecture and urbanism in Brazil become attentive to the same concerns, so that we can move forward along a more plural path for Brazilian architecture.

DIEGO MAURO

Participating as a juror in the 7th Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award was an immensely gratifying experience for me. Evaluating 246 designs from a very wide range of scales and programs strengthened optimism in regard to current production, and sharing opinions and learning together with members of the jury enriched our view on the various competing architectures, in a democratic and, mainly, generous debate, with an emphasis on "listening to and learning from the other."

The set of projects presented can be translated as a show of contemporary architecture produced in the different territories of this enormous country characterized by regional diversities; a creative response to the demands of different scales; a courageous way for young architects to research the particularities of each region and to translate them in their designs. A boldness present in the search for rupture with modernist culture that established the local production of the 20th century.

The panel of the competing projects reinforced questions we deal with in our professional practice on a day-to-day basis – a production concerned with the main questions facing us today: a generous architecture that is presented on the human scale, designed according to the necessary demands for environmental protection and seeking to respond to the needs arising from the climate changes that impact our present, and especially the future – the

generations that will follow us.

Contemporary Brazilian production analyzed on the basis of the projects presented here makes us conclude that changes of paradigms can be glimpsed: our current production is increasingly reinvigorated and diversified; it is present in the production of architectural firms that represent the various regions of the country, which seek to respond to local needs through a diversity of materials, constructive techniques, the use of colors and, especially, designs that meet the needs of their future users.

Finally, we on the jury were faced with a set of designs that resulted in the choice of 13 that shared characteristics in common, the most important being the search to express the importance of architecture in spaces constructed with intelligence and responding to the diverse demands of the contemporary city: generous and well-resolved buildings or public spaces. In short, an architecture that represents the new challenging times, characterized by great diversity.

ELISABETE FRANÇA

NEW PATHS AND ABSENCES: A BRIEF OVERVIEW

The 7th Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award panorama offers viewers an opportunity to understand the contemporary Brazilian architectural production, mainly, based on two realities: the relevant and diverse works built to completion, which unveil new paths; and their “negative”, i.e., the void created by projects that could never be rendered – much less be built.

Of the 246 submissions, the infrastructure projects (for urban mobility or environmental sanitation) and social-interest housing works can be counted on one hand. Those for green areas, open spaces and public venues can be counted on two hands. No projects for the urbanization of favelas were submitted. There were also very few submissions arising from public bids. Few public works or from the real-estate industry were acknowledged for their excellence in the promotion of urban quality and investigation of new environmental solutions. There was a dearth of submissions involving public and free assistance for housing improvements made available for low-income families (an integral part of the social right to guaranteed housing asserted by Federal Law 11888, of 2008). There go 12 years!

There is, therefore, a big disconnect between the offer of projects and our structural demands. This is reason for concern, especially in light of the urban and environmental crises that mark our current time.

Nevertheless, even in face of these challenges, the mapping we obtained reveals the potential of the Brazilian architectural and urbanistic culture. For the difficult task of selecting 13 projects representative of this reality, we considered criteria related to the objects themselves, as well as to the people responsible for their production. In regard to the former we sought to appreciate those symbols of resistance to the previously identified absences, and whose urban insertion and dialogue with the surroundings were more human, involved creative technical experiments and were representative of the different regions of Brazil. Unusual solutions, which challenge the borders between architecture and other disciplines, were also appreciated, as well as more recent

works. In relation to the latter, we were concerned about the representativity of the teams – as regards gender, race and region – but also about the balance between young firms, collectives or professionals versus professionally consolidated groups.

The projects we selected are an x-ray of this setting. They reveal the importance of an attentive reading of the respective places, of the constructive processes, of the impacts and the multiple forms of use. They experiment with and point to new paths, each in its own way, not only in relation to function and socioenvironmental responsibility, but also in regard to language, seeking new syntaxes and poetic expressions based on the arrangement between different premises, methods and constructive components. They stand simultaneously as resistance and seeds of a living culture that needs more care, especially in regard to the offer of opportunities.

FERNANDO TÚLIO

The opportunity to integrate the jury of the 7th Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award affords us an extensive and diverse overview of the architectural production in Brazil, which from the outset surprised us not only with a plethora of proposals, but also its multiple approaches and commitment to quality spaces on a broad scale range. Right from the start, the difficult selection of a little more than ten designs among the vast number of submissions led us to discuss premises and criteria for our dialogue, establishing a common ground for a comprehensive outlook that would take in such diverse programs and confrontations.

On the one hand, the entries included a small but significant set of designs for public buildings and urban projects, many of them recently completed, which we studied in detail, with a view to appreciate and emphasize not only their programmatic relevance, but also the professional challenge they pose. After all, each of these examples have necessarily led architecture to establish complex and articulating relationships within broad multidisciplinary contexts. Furthermore, at this particular moment of stressful social isolation in which the contest took place, the projects have attained even greater symbolic value. They recall the importance of both their collective uses and the spaces that we cannot access at this time, as well as the civic response that resists the successive attempts currently underway to dismantle public institutions in Brazil. The selected projects include the rehabilitation of both Bonfim's Colina Sagrada [Sacred Hill] and the Shoreline of Ilha Comprida [Comprida Island], and the designs for the Passenger Terminal of the Florianópolis Airport and the Comandante Ferraz Antarctic Station, all of which are exemplary solutions to such challenges and presenters of wider meanings.

To a certain degree, this set of works overshadowed the massive presence of single-family houses, which accounted for the greatest number of submissions. Despite the various examples that overreach established solutions and try to define a place for the house as laboratory of spatial and constructive investigations, they still refer us to the restricted social universe in which architecture is present in Brazilian cities.

On the other hand, we had to examine diverse renditions in our quest to determine a broad regional scenario,

with comparisons and contrasts among a range of assumptions and contributions. At the same time, our aim was to bring in works that kindle discussion about other (and new) processes, expanding architectural practice, tensioning the field of the architect's action and reconfiguring their place in the dialogue as well as the construction of collective know-how, as is the case of Ocupação Conexidade [Connexity Occupation] of the kiosk and canoe shelter, or the experience of the collective Arquitetura na Periferia [Architecture in the Outskirts] that showed their work at the 12th São Paulo Architecture Biennial.

Some programmatic absences were felt in our discussion. They represent places that the jury views as fundamental among the fields of architecture pertinent to Brazilian cities, as was the case of infrastructure or social housing projects, revealing the different obstacles to a more extensive architectural practice in these fields. At the same time, some relevant examples of collective housing – such as the Huma Klabin Building, in São Paulo, and the Manga Building, in Manaus, appear as examples of approximation between architectural experimentation and the private production of collective housing.

Any jury is necessarily diverse in its starting points and individual readings, so it was through fertile dialogue and exchange of experiences among jury members that we constructed the overview now being presented here. Our combined gazes and collective reflections made it possible to arrive to new understandings about the works, thus revealing new possibilities and meanings even for those that initially had been ruled out, thus constituting the set of projects presented here as an adequate place for this collective construction.

JULIANA BRAGA

“CANOE KIOSK AND SHELTER,” ESTÚDIO FLUME – HONORABLE MENTION FOR SUSTAINABILITY

To contribute to the reflection on the possible applications of the term “sustainability,” thus tensioning the limits of its meaning, the jury of the 7th Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award chose to single out “Canoe Kiosk and Shelter,” a project by Estúdio Flume, and award it the honorable mention dedicated to this theme. The jury thus showed its interest to promote an understanding of sustainability that appreciates not only a commitment to the environmental cause – itself a very important consideration – but, in particular, the development of processes that are fundamentally linked to the logics of a region and its inhabitants.

By designing a structure to serve as facilitating support for the development of economic activity for an islander family, the architects offer an intelligent contribution (even if apparently indirect) to the environmental and cultural conservation of the small island where the shelter is located. The authors thus apparently acknowledge the limits of their activity in the debate about environmental conservation, while simultaneously shedding light on feasible, effective contributions of the architectural design.

The work under consideration operates on the relationships it establishes with the local population and with preexisting elements, while also asserting its authorial nature, making use of its material repertoire

and seeking a synthetic and austere design that also impresses for its touching poetic might. This combination is materialized in the articulation of different constructive elements that include concrete blocks, bamboo stalks collected from around the worksite, the ribbed polycarbonate roof, and the pillar structure remaining from the building that stood there previously.

Lastly, it should be noted that Estúdio Flume's project design raises the awareness that architecture is not static, it evolves over the course of time: before and after the constructed work. In this time span, where beginning and end are not nor should be precise, the construction process – which is by nature dramatic – reaches its climax, having the worksite as stage of activity and the group of local inhabitants and architects as protagonists. In this short space of time at the worksite, of just 15 days, the important outcomes are not only the building resulting from this effort, but also the work relationships, the multilateral transmission of knowledge and, finally, the valuable encounters.

PEDRO VARELLA

SPORTS GYMNASIUM-SCHOOL / UNILEÃO

Lins Arquitetos Associados

This sports gymnasium is located on the campus of Centro Universitário Unileão, in the city of Juazeiro do Norte, in the backlands of Ceará. As an integral part of the Physical Education program, it was designed to be used by the university's staff and students. To organize functional roles for each sector without disrupting their visual harmony, the floor plan contained a set of five interconnected circumferences set side by side but not aligned with each other, with three balconies positioned between the circumferences. Access to the building is through the central balcony, while the other two are used for training purposes. The central circumference hosts the reception area and canteen; then there are two for weight training and one for aerobics, while the last contains centralized services and administrative offices.

Designers took advantage of a flat part of the lot to locate the building in a way that it would get heightened exposure to sunlight. On the other hand, all facades were layered to keep out excessive heat. On the external walls, solid ceramic bricks alternate with empty spaces to let air in while shading users from direct sunlight. Internally, set back 1.8m from the outer walls along the perimeter of the building, glazed walls of transparent glass enclose the area to permit the use of air conditioning as needed. Between the glass enclosure and the hollowed brick wall, the microclimate of the inner garden area is somewhat temperate. Thermoacoustic tiles were used in the ecofriendly roofing.

The project privileges the unfinished appearance of its materials – apparent clay bricks, concrete pillars and overhang – so the viewer's gaze is drawn to a formally concise solution reached through symmetrical and synthetic aspects. The project wagers on the precise interplay of reiterated elements – whether circumferences on the ground floor or alternating solid and hollowed facades.

FLORIANÓPOLIS AIRPORT – INTERNATIONAL PASSENGER TERMINAL

Biselli Katchborian Arquitetos Associados

When Florianópolis International Airport was privatized, in 2017, new requirements arose: a new terminal had to be designed and built so that the previously operating one could be decommissioned. This new terminal has two operational levels – the ground floor, for arrivals, and the upper floor, for departures, connected to the street by walkways. The terminal was divided in two sections to provide access to parking areas and ground transportation to the city of Florianópolis, and to add new taxi lanes and an aircraft apron and parking area.

The new terminal was organized into two blocks that form a “T” shape on the floor plan. In the processor – the block that corresponds to the lower part of the “T” – are the administrative areas and concourses for arrivals and departures. In the departures area, the open span has high ceilings and walls with salmwood paneling slanted to accommodate air conditioning ducts. Along the metallic roof structure – its design based on the aeronautical repertoire – daylighting systems are located over check-in counters and in the garden with native vegetation. The latter is next to the curb, on the ground floor, where it is shaded by a 17.5-meter cantilevered overhang. A glass pane separates garden and interior, while maintaining visual communication.

The connector – the block that makes up the upper part of the “T” – houses boarding gates and the baggage claim area. This block consists of a long rectangle lined with corrugated metal sheets, punctuated by the rhythm of the ten boarding gates. An element that stands out from the whole is a lookout or viewing area hovering over the connector’s longitudinal volume.

This project deserves particular attention due to its scale, complex technologies and the multidisciplinary teams involved in its design and development that led to aesthetic and functional solutions using natural lighting in common areas.

INGÁ-MIRIM CHAPEL

messina | rivás

Ingá-Mirim chapel is in a 19th-century farmstead near the city of Itupeva, in the state of São Paulo. It was built after the architects were commissioned to convert a group of row houses where farmhands lived into a building for religious celebrations.

While holding to their own particular interpretation of the notion of repairing or refurbishing, the architects heeded existing structures, which were demolished; however, the new ones reused the same material and erected the chapel on the same foundations.

The chapel’s structural elements consist of three foundation walls – two parallel walls running perpendicular to a third one – made of stone pavers taken from the farm’s old entrance road. The walls adapted to the terrain also highlight its uneven surfaces. Between the three walls, bricks from the farmhands’ rowhouses were reused in the form of paving for a “pathway through varied spaces that ensures continuity between construction and landscape while suggesting an openly religious usage” in the words of the architects’ office. Also interacting with the landscape are hollow elements from

the former settlement spaced between stone walls, which also allow a through-flow for ventilation.

The farm’s groundkeepers had previous experience of building work, so they were brought in as partners for the construction job. The building therefore bears the marks of their local knowledge, which crucially helped find ways of reusing materials, although short of time due to farm work such as mowing grass and tending to animals.

CAVALCANTE HOUSE

Bloco Arquitetos

The house is located 20 kilometers from the city of Cavalcante de Goiás amid cerrado-savannah vegetation. The terrain ensures ideal sun exposure for a flat site, thus minimizing earth-moving work while favoring a panoramic view of the high plains. The region’s warm climate, budgetary constraints, difficulty of access and scarce materials were predominant aspects deciding the design concept, as were the local workforce’s limited skills. These imperatives led to a two-stage construction process combining prefabricated elements with locally sourced materials and labor.

The two-level roof consists of a macrostructure made from metallic profiles painted in a pinkish tone, pairing with the earth’s rusty color. In addition to streamlining construction work, this structure – once in place – provided shade for workers to get on with the job. Externally, its adobe walls were made from local clay. Internal walls were made from eight-hole blocks to minimize thermal inertia and house pipes and conduits. Its long-stay environments are cooled by cross-ventilation. The modulated external structure was scaled for the sandwich-tile size, to avoid having to cut them. In addition, the structure acts as a large overhang, its eucalyptus logs protecting both the outer walls and the passageways along the house’s perimeter from direct exposure to sunlight.

The client wanted the house opening out onto the landscape, but this aspiration was tempered by the imperatives of thermal inertia. Thus, bedroom fenestrations are small and the entire west-facing wall is shaded by eucalyptus brise soleils. All of the house’s electricity needs are supplied from its own photovoltaic system.

The house being off the ground prevents its lengthy and direct exposure to moisture (which affects adobe walls) and keeps insects or creepy-crawlies from coming inside. The building is also set back from native vegetation to provide a firebreak (aceiro) – so having no plants adjacent to the building prevents relatively common wildfires from reaching it, or a fire started in the house from spreading through the surrounding vegetation.

HUMA KLABIN BUILDING

Una Arquitetos

This building in the Vila Mariana district of São Paulo takes advantage of gaps between the surrounding high-rises to secure nice views, good ventilation, and sunlight. The layout of its fenestrations was designed to avoid any hierarchy between their facades.

The residential building consists of two towers with a gap between them to have their shared circulation areas opening outward for some visual respite. There

is a composition of the fenestration matching concrete surfaces for all the building’s orientations. The result is an alternative to the current residential single-tower standard, which looks like “a gigantic monofunctional toothpick holder”.

The building’s foundation is visually associated with one of its vertical volumes, taking the form of a horizontal volume that develops vertically into 12 floors containing apartments. The other volume is slightly set back and has one less floor, thus stressing the visual interpretation of two interconnected and yet separate towers.

Apparent concrete is used in both structure and finishing, well in line with values dear to the tradition of the São Paulo school of architectural design. In the words of the architects’ office, “volumetrics and expression emerge from the technical quality and rationality of the associated construction systems.” Its standard floor contains four 44-square meter apartments and one larger 67-square meter unit, which may be conjoined. The apartments boast large balconies equipped with translucent roll-up screens.

The frontal offset required under local zoning legislation was made into a garden area for the local community. The site’s 2-meter drop from higher to lower level facilitated entrances to two underground parking garages, so little earth-moving work was required. Shared programs also gained by having the building follow the sloped terrain, with residents’ party room, laundry room and fitness facilities set up on an empty floor over the highest parking level, and a swimming pool and solarium, on their roof.

MANGA BUILDING / VILA SANTA THEREZA

Laurent Troost Architectures

This residential building in Manaus owes its name to a mango tree that grew in the middle of the site up before unfortunately succumbing to construction requirements. The two separate towers that constitute the complex adhere to the neighborhood’s traditional typology, which calls for greenery in the middle of the lots, and allow the empty space between them to provide a thermal solution. Given their orientation, the towers take turns at being exposed to sun rays, with one preventing sunlight from directly reaching the other. In addition, the two-tower solution avoids having a single stairwell to access apartments, which would diminish through-ventilation and hinder privacy.

The initial design specified 18 studio apartments, but the architects came back with a suggestion that turned out more profitable. Instead of having identical units, the building contains three studio apartments, three one-bedroom apartments, three two-bedroom apartments and three three-bedroom apartments. The diverse typology favors social mixing since singles and families with children share the same street address.

The 12x49 meter lot favored an ideal east-west orientation for the building, which was equipped with passive weatherization solutions. Facades facing east and west were given a yellow metallic grid that filters sunlight and brings to mind the color of mangoes. The narrow towers favor cross-ventilation for their units. Electricity for common areas is supplied by photovoltaic panels so the apartments’ use of electric energy stays well below the region’s average.

In relation to the firm’s architectural design portfolio, this solution stands out for being mid-way between private client and real estate market, while also setting a good example in terms of inventive but environmentally mindful solutions for our cities.

COMANDANTE FERRAZ ANTARCTIC STATION

Estúdio 41 Arquitetura

An Antarctic research station has recently been opened on the Keller Peninsula, King George Island, on the same site as the Brazilian station ravaged by fire in 2012. Its scientific research mission is interdisciplinary par excellence in response to the technological imperatives of a rigorous environment that is hostile to human life. Its design reflects variables ranging from type of soil to sunlight, cloud cover and gale-force wind. Factors deciding its location included the preservation of local animal and plant life.

The station’s living quarters comprise two-bed cabins for a total of 64 people, sanitary facilities, a kitchen and other rooms downsized to leave more generous areas for socializing and leisure time. The upper block (on the + 11.90m level) follows the highest topography so there is a view over Admiralty Bay, even for those in the living quarters and cabins. This block also contains most of the social areas. The lower volume (on the + 8.00m level) houses laboratories, operations and maintenance areas as well as a central storeroom. Garages and other technical areas are also located in this volume, at ground level (+ 2.50m level).

Comandante Ferraz Antarctic Station takes the form of two linear, prefabricated volumes of modular design that recall an assembly line. Although technological and aerodynamic properties were the key factors deciding its shape, comfortable living conditions and sensory aspects were considered too. In the architectural firm’s words, its design is seen as “an artifact that provides shelter and comfort”. Its narrow windows derived from the equation between engineering requirements for the extreme cold and human needs for contact with the outside world.

This project bears the symbolic punch of simultaneously demarcating the geopolitical importance of Brazil’s presence in Antarctica and Brazil’s chance of making a contribution as a member of the scientific community of Antarctic Treaty signatory countries, since its facilities congregate researchers from disciplines such as oceanography, meteorology, biology, geology and architecture.

ARCHITECTURE ON THE OUTSKIRTS

Carina Guedes and Mariana Borel

This technical advisory project involving nine women (including its leads and other associates) set out to train women to independently design, build and renovate their own homes. The tools used by this group of women, as well as their workplace – the building site itself, where the self-made houses were erected – were featured in an installation titled *Arquitetura na Periferia* [Architecture on the Outskirts] shown at the 12th São Paulo International Architecture Biennial (2019).

This eminently procedural study prioritized the creation and development of architectural designs. A series of

meetings with residents were held to plan for the different stages involved, from identifying requirements through to construction work as such. The method proposed was based on collaborative partnership, sharing know-how, and encouraging participants to take on active roles by showing them the basic steps required for architectural practice: measuring, drawing, design, planning and building. The idea was to have home improvement projects help boost their self-esteem and confidence of participants.

The technical language of architecture had to be made more accessible for all the people involved in the projects, so tools (called interfaces) were used to enable participants to envisage spaces, devise alternative approaches, and their weigh outcomes. Harnessing sensory and affective experiences, the installation showed exhibition visitors some of the group's practices by using a table to convey the environment of improvised offices on the work site while also presenting subjective individual and collective narratives by residents and project participants. Installation viewers had access to experiences that relocated them into a fictional atmosphere. They could also listen to the podcast of Mestras de Obras [Women site managers] featuring interviews with architects and project participants, in addition to sounds recorded on construction sites. Photographs and drawings laid out the process of designing the homes and their transformative stories. Exhibits included objects and tools the group had been using for their everyday tasks.

CACHAÇA MUSEUM

Jô Vasconcelos

The government of Minas Gerais – one of Brazil's biggest distillers of cachaça (sugarcane rum) and home to the segment's largest exporters – chose the city of Salinas, in its northern region, to host a cachaça museum. The site had previously been a landing strip, so its linear format prompted the initial conceptual design to focus on a linear sequence of events. Varying volumes along the strip – some of them very large – make for a kind of urban skyline.

The building as proposed consists of deep blue volumes arranged continuously (though not aligned), which are joined by a covered visitor route lined with walls of concrete cobogó bricks to lend unity to the whole. The circulation area also provides for a transition between the exterior and the air-conditioned environments.

Given the scarce availability of local qualified workforce and the need to ensure easy low-cost maintenance for the building, volumes were built with double walls made of ceramic masonry, with uneven and rough finishing and extensive coatings of blue paint relating to the region's traditional architecture and bright colors. Internal double walls have 10-centimeter gap between them filled with air that serves as insulation. There is also a gap between the double slabs that is used for technical fittings such as pipes and conduits.

The museological design created sequential spaces with clearly perceptible variations that play with each volume's size, width, depth, and ceiling height. At the end of the visitor route, a square shaped by weathered-steel pergolas underscores the public character of the museum and its commitment to make its adjacent space available for socializing.

In this museum dedicated to cachaça, when viewed from the outside the blue volumes visually constitute a single silhouette while internally offering distinct variations between exhibition spaces.

CONNEXITY OCCUPATION

Estúdio Chão

This ephemeral architectural project was designed for a weekend festival held in one of Rio de Janeiro's emblematic public squares, Praça XV, in December 2018. Over 36,000 people were given free admission to a 97-hour program that shared public space and urban culture. From early on, architects were involved in festival preparations that involved street performances, shows and concerts across different artistic languages – music, urban art, sports, education, and technology, as well as talks and lectures, workshops and exhibitions.

The conceptual order of the design emulates a citadel of ephemeral structures in close-up relation with the square's singularities, its buildings, landmarks, and monuments. In the preliminary stage of the design, pre-existing uses and different traffic flows determined the intervention in the dynamics of the site and the suggested temporary situations for it. Another important point was that the proposed whole – structures of different scales and types – was to pose formal language cohesion through the adoption of a common, lightweight construction system that highlighted the ephemeral character of the complex. On this basis, multidirectional tubular structure (scaffolding) was used with light tarpaulin closures and agricultural mesh (sombrite) to shield against Rio de Janeiro's blazing summer sun and to highlight tubular structure. This construction system's versatility was applied to pavilions and spatial devices consisting of stages, tables, skateboard arena stands, food stalls, pergolas and multipurpose areas as urban equipment designated for meeting, relaxing and leisure activities.

In Brazil, architectural aspects for events are rarely analyzed beforehand, so this occupation event was an exception. Architectural analysis was involved at each stage of the festival's conception, resulting in pavilions and devices that harmonized with the site they occupy, while interacting with pre-existing aspects and cityscape to enhance the public character of this venue.

KIOSK AND CANOE SHELTER

Estúdio Flume

This kiosk and canoe shelter is located on Jaguanum Island, in a protected area of Atlantic rainforest in the state of Rio de Janeiro. The 56-square meter kiosk was designed for a couple of local caiçaras (ethnically mixed, mainly indigenous people). The kitchen was to have a seating area during the day and a shelter for canoes at night. The initial design envisaged minimal adjustments to a previous kiosk structure, which by then had somewhat deteriorated. The solution evolved and eventually retained only the pillars from the previous structure, to which wooden elements were added to support the roof. This solution also provided for the increase of the originally rather low ceiling height.

The beach, ocean waves and tropical vegetation are integral parts of this project that makes a subtle

distinction between interior and exterior. The roof's longitudinally curved translucent polypropylene panels match the curved wooden structure to form a dome with a slight gap between the part covering the kitchen and the outside part. Polypropylene lets in plenty of natural light and filters out ultraviolet rays. At night, the kiosk's lighting illuminates the surrounding area too. Bamboo was used as fenestration in the kitchen, up to a certain height, to favor ventilation. Out back, banana trees were planted following permaculture principles to treat so-called "gray water".

Since this was an experimental project, with a limited budget, the architectural office relocated in the job site for the three weeks of building activity. The kiosk's procedural aspect therefore keeps it in direct contact with the local community, its customers and those involved in construction work.

This sensitive landscaping gesture is part of a greater, long-run strategy that aims to have currently prevailing predatory tourism rejigged into ecological tourism. Real property speculation, restrictive laws and declining fishing resources now threaten traditional caiçara lifeways. In this respect, the kiosk should provide sustainable income for the couple and become a model for other fishing people, since it will be serving visitors who look for caiçara cuisine with its culture and appreciation of preservation of the island's natural environment.

REQUALIFICATION OF THE HILL OF NOSSO SENHOR DO BONFIM

Sotero Arquitetos

Plans to requalify Bonfim's Colina Sagrada (Sacred Hill) sought to preserve and enhance the setting around the church named for Nosso Senhor do Bonfim (Our Lord of Bonfim) and its surroundings, which have been listed by Brazil's heritage institute (IPHAN). The proposal includes different stages, all of them in profound dialogue with the landscape of this site of critical importance for the city of Salvador's identity and culture.

Bearing in mind the landscaping highlights of the hill (colina), the project involves redesigning and reorganizing public space, thus enhancing the attractiveness of the site and favoring sustainability for this heritage. The polygonal intervention area presents a 27.5-meter drop from its highest point to its lowest level. The interventions on the hill's higher contour were designed to underscore its religious and cultural character for visitors, while the lower contour was set aside for secular uses such as stores and leisure for the local community.

The project includes refurbishing, functional and structural redesign, restoration, new construction, and redevelopment for a 36,000-square meter area between two plazas -- Senhor do Bonfim and Teodósio Rodrigues -- and the lower area named Baixa do Bonfim. It also operates on different levels: furniture (benches, trash bins and street trader stalls, among other items), architectural projects (intervention for Casa dos Romeiros (Pilgrim House), new spaces for Capela da Água Benta (Holy Water Chapel) and Abrigo de Velas (Candle Shelter), repair work for Bonfim's city market, and urban design meshing with the area's pronounced terrain.

To ensure that Bonfim Basílica was properly highlighted and make the space more suitable for the faithful to congregate, the path between the church and the square

in front of it was converted into a continuation of the temple's stairs. The pavement of the new public plaza – a stage for the prominently syncretic festive Festa do Bonfim event – featured graphic motifs inspired by the Oxalá's scepter (opaxorô) and Bonfim ribbon, since there is a syncretic correspondence between Christian worship of Our Lord (Senhor do Bonfim) and Candomblé worship of Oxalá. An additional advantage, the pavement pattern served to provide directions, signposting and directing visitor mobility and recreational spaces.

URBAN AND ENVIRONMENTAL REQUALIFICATION – ILHA COMPRIDA SHORELINE

Boldarini Arquitetos Associados

This project addressed urban and environmental requalification for a mid-section of the shore of Ilha Comprida, an island in the state of São Paulo. The island municipality is 72 kilometers in length but only 3 kilometers in width, and its entire area integrates a legally designated environmental protection area. The project was aimed at reorganizing and streamlining the uses and mobility of local residents as well as tourists that contribute to the busy traffic in summer. The intervention at Avenida Beira-Mar covered the areas in between two avenues (named Copacabana and São Paulo) on the road leading to the bus terminal.

The new shoreline promenade, equipped with urban furniture and a cycle lane, is dotted with so-called 'mediators' that are used to distribute pedestrian traffic along the shore. Clusters of equipment at 500-meter intervals contain metal-roofed bus stops, tourist reception stations, kiosks, rest or leisure areas, and turnarounds for cyclists as well as walkways for access to the beach while preserving the dunes and their sensitive restinga green cover. The walkways erected 1.60 meters above sidewalk level allow for sand dune shifting and provide vista points over the area. Halfway between one mediator and another (every 250 meters / 273 yards), the beach may be accessed through narrower paths trodden across the dunes. The walkways also provide ground-level pedestrian crossings every 125 meters.

The reorganization of different traffic flows that often get in each other's way (public transit, cars, pedestrians, cyclists and beachgoers) led to the enhancement and preservation of the natural shoreline while also promoting the concentration of human activities in this central section, thus discouraging occupation of as-yet unused areas. The objective was to restore the native restinga vegetation that historically has been neglected and replaced by exotic species. In addition, among all tree species, those native to coastal areas were chosen to provide shade. The requalification design was said to be quiet or silent in visual and material terms; yet, it fulfilled its role by enhancing the landscape and introducing public leisure facilities while reducing human impact for the environment, thus reaping benefits that extend beyond the shoreline itself.

EXHIBITION DESIGN

This 2020 iteration of the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award exhibition features 13 projects – three honorable mentions and ten selected works – three of which were shortlisted. These projects

are to be shown in Instituto Tomie Ohtake's grand hall, as were the first exhibits at the 2014 Award. That initial exhibition's identity has been reinterpreted to place display cases and panels around the space to be seen individually and independently, rather than as interconnected entities.

For this year's iteration, a white table zigzagging across the space is intercepted by colored panels. Each project's description and technical drawings have been applied in black on this white table alongside the ten shortlisted projects' maquettes of subdued colors. In contrast, the colorful panels provide the support for texts by jury members and institutional notes with photographs and implantation plans for all 13 projects, as well as three screens showing images and audio for the honorable mentions. The table's right-angled directional switching and the insets to showcase vertical panels also set the tone for the exhibition's graphic concept.

The layout as a whole takes into account the vantage points of people who may be just passing by or visiting the entire Aché cultural complex as they enter the exhibition space coming from different directions: from the main entrance and the towers' accesses, from the galleries and the restaurant. Those who have deliberately come to see the exhibition are key of course, but we also hope to draw in a wider audience to view these projects. After all, the exhibition is not just for architectural buffs and urban planning connoisseurs. We would like to reach out to others less familiar with these discussions.

The articulation of fluidity and horizontality of the table with the varying scales and heights of vertical panels poses a varied and dynamic topology, with the added advantage of the resulting arrangement suggesting small areas in which visitors may stop to appreciate the exhibits.

The Architecture Award does not have categories, so projects have been arranged to avoid concentrating similar scales or typologies. The experience is about appreciating these designs as a whole and for their uniqueness – rather than through other associations such as “public facilities”, “residential buildings” or “urban interventions.” Following the same principle, instead of cramming projects together, the three Award winners are also spread out along visitors' trajectories in the exhibition venue.

DIEGO MAURO, LUCAS FABRIZIO AND RODOLFO BORBEL PITARELLO

ACTIONS IN PARALLEL: A BRIEF OVERVIEW ON DWELLING
Filmmaker Jacques Tati's Mon Oncle had major impact on the architectural milieu in 1958. The film's matchless humor saw his Monsieur Hulot character sketch the modernizing trend that gripped France in the post-World War II period. The film focused on everyday life at the Ville Arpel. As the narrative moves forward, this house-home morphs into the film's leading protagonist. Ville Arpel's caricature of the modern program's facets highlights myriad household appliances and gadgets designed for rational time-saving purposes.

Tati's satire obviously drew on early modern concepts around the question of DWELLING, which may be traced back to the writings of Le Corbusier, the French-Swiss architect who, in the 1910s, wrote “A house is a machine

for living in.” His home plans, which reflected the architect's fascination for automobiles and aircraft, were first tested in designs for dwellings such as Villa Savoye (1929), with his five-point theory of modern architecture. In the following decades, the International Congresses of Modern Architecture (CIAMs) pursued a more in-depth approach to home living and its importance for architectural production.

Tati's Ville Arpel has been the theme elsewhere too, as an example of both, the critiques of the modern utopia of systematically planned homes, and the detachment between architectural program and the flow of home dwellers' activities. Although incisive and often fair in terms of its purpose, this critique seemed to have a hard time encompassing such a broad range of projects. Indeed, current emblematic housing projects can hardly match the formidable 20th century manifesto-homes committed to a far-reaching reinvention of homelife. Instances of note included Gregori Warchavchik's Casa Modernista [Modernist House] (1927); Mies van der Rohe's Farnsworth House (1951); Lina Bo Bardi's Casa de Vidro [Glass House] (1951), her first built design and her actual home, and even Ruy Ohtake's Residência Tomie Ohtake (1970). In addition to single-family homes, we could cite iconic examples of mostly residential apartment buildings such as Oscar Niemeyer's Copan (1966) and Conjunto Residencial Prefeito Mendes de Moraes (1974) (known as Pedregulho), designed by Affonso Eduardo Reidy and pioneering engineer Carmen Portinho.

But why have these numerous examples now become so resonant, to the point of instigating a series of conversations about DWELLING places and architecture? For some years now, our homes have been taking in activities that were not exactly “home living” as such. However, in the context of radical change required of us during the Covid-19 pandemic, we have spent more time at home than ever: working from home, following instruction on apps to exercise, and adapting spaces for ever more new or unforeseen functions. For both dwellers and the architects who designed these spaces with numerous adaptations that we have now tested, post-occupancy relationships are more to the forefront than ever.

Given this highly energized theme, the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award organizers arranged a series of online activities to delve into issues raised by living at home. Each live video session asked a guest speaker to make an in-depth analysis of issues from the point of view of their own research and experience. In addition, a series we called “Architectural correspondence: Brazil and Japan” was developed from e-mail exchanges with Japan House São Paulo.

(1) Like the 14th Venice Biennale's French Pavilion theme, “Modernity: Promise or Threat?”, curated by French historian and architect Jean-Louis Cohen, this exhibition took a cinematographic house-home as a powerful paradigm to convey a certain dislocation that modernism introduced for residents' everyday routines and concerns.

PRISCYLA GOMES AND DIEGO MAURO

Instituto Tomie Ohtake – Research and Curatorial Design Center

ARCHITECTURAL CORRELATIONS: BRAZIL AND JAPAN

For the last few months, the world has been going through an unprecedented experience that has reinterpreted the way we relate to our homes. Social isolation due to the current Covid-19 pandemic has forced people in different countries and cultures to tackle the challenge of everyday lives spent in the confines of their own homes while adapting to different ways of using their space.

This period has coincided with an extremely fruitful collaborative partnership between two cultural institutions, Japan House São Paulo and Instituto Tomie Ohtake. Against the backdrop of adapting our lives to the pandemic, both have mobilized their social networks for a weekly online exchange of views and letters on architecture, while noting parallel (similar or contrasting) aspects of living in Brazil and Japan.

The question of living in homes (MORAR) has already been explored in some of Instituto Tomie Ohtake's online activities and it has been viewed as a crucial aspect for interpretations of Japanese architecture. Having been addressed in Japan House São Paulo's programming, homelife was placed on the agenda for these letters after reviewing some key contemporary projects in Brazil and Japan. These project designs prompted our reflections on aesthetic and constructive features, as well as on the use of materials in each of the examples given here. Our choice of theme was also extremely opportune for this comparison of parallels (similarities or contrasts) across cultures. The notion of “sheltering in place” – being at home as a synthesizing program – is a milestone in the history of architecture that instigates prolific immersions in different cultures. Right-sizing spaces and re-arranging furniture, among other aspects, has added to our understanding of the everyday lives of residents in these homes.

Following this reasoning, our correspondence set out to tell the story of projects of this nature, by bringing out urban everyday life and aspects that are interesting for many people rather than just specialists. The choice of topics for discussion reflects varied contemporary solutions to common challenges, which may also inspire an exchange of ideas between opposite sides of the world. Over four weeks, our exchange of views addressed the construction of small lots, relations between architecture and memory, the reinvention of lifeways or ways of living and, finally, examples of shared housing.

JAPAN HOUSE SÃO PAULO AND INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Japan House São Paulo and Instituto Tomie Ohtake have joined forces for this series on “Architectural Correspondence: Brazil and Japan”, a weekly exchange of views through online letters that will point to parallel aspects of dwelling (MORAR) in these countries.

LETTER 1

Dear Japan House São Paulo,
We are writing out of interest in learning how contemporary Japanese architecture has been handling the question of dwelling. This is a broad topic, of course,

but given that we will have more occasions for us to go further in this discussion, we would like to start none too hastily by pointing to one of the most interesting housing solutions in contemporary Brazilian architecture. Compared to Japanese cities, even metropolises such as São Paulo take a quite different approach to the notion of high demographics. In Brazil, when we think of a small site, we often have in mind neighborhoods shaped by the dynamics of what we call ‘informal’ occupancy [from favelas to unofficial subdivisions whose dwellers are unable to obtain property deeds]. This simile may be used to introduce the project that received the first prize in the third iteration of the Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award in 2016.

The Vila Matilde House is in a São Paulo neighborhood named Vila Matilde. The architectural firm Terra e Tuma designed it with an obvious aim in mind: it should keep outlays within a tight budget and adopt agile building methods to get the job done before the owner's funds were spent on housing rental in the meantime. The previous house was compromised in terms of its structure and sanitary condition, hence the need to replace it with newly built one.

São Paulo's Terra e Tuma office architects Danilo Terra, Pedro Tuma and Fernanda Sakano had been researching apparent structure and blocks as a means of lowering costs and enabling agile methods of execution on jobsites. Leaving everything unclad and visible was more than a technical requirement – it was an aesthetic concept too. As the jury for the 2016 Architecture Award noted, self-supporting masonry and prefabricated reinforced-concrete slabs with apparent electrical fittings lend a house usually associated with schools and factories, rather than the domestic repertoire. At the same time, this raw or crude way of revealing the innards of a building makes for a rich exchange with the lexicon of São Paulo's Brutalist architecture. This style was well consolidated in the second half of the 20th century, with the widespread use of apparent concrete producing lending building structures their characteristic monochrome.

Upon its completion in 2015, the project also proved to be functional in the sense of making good use of spaces. The floor plan was organized for the challenges of a narrow parcel (4.8m width x 25m depth). For everyday living purposes, the building is basically a single-level house, which was just as well since future resident Dona Dalva was in her 70s at the time. In the middle of the lot, a patio is flanked by a corridor that connects powder room, kitchen, and laundry area. The living room faces the front of the site, its slab surface re-purposed as a vegetable garden. Stairs and suites are in back of the site: the guest suite is on the upper floor and the master suite is on the ground floor. The patio's role is to ensure natural lighting and ventilation to all rooms. The original house design calls for 95 square meters of floor plan, but it could be enlarged.

As we were saying earlier, Brazil's small lots are not only found in neighborhoods that have a history of ‘informality’, but Casa Vila Matilde is particularly interesting because Brazilian architectural solutions usually featured in magazines and awards are for the upper middle-class and the rich. The common-sense view is that only a few people can afford to hire an architect, so homes are largely “self-built” (in terms of plans and specs,

not necessarily DIY). This project shows that an excellent home may be built on a tight budget – in this case, Dona Dalva's savings from working as a housekeeper for 30 years. In fact, the house gained such high popularity that friendly Dona Dalva was often featured in interviews and news articles explaining how she was able to ensure the project's feasibility.

Hopefully, this information has been sufficiently provocative for you to tell us how recent Japanese architecture has been dealing with the issue of tiny lot sizes. We are eagerly looking forward to hearing from you!

Hugs,
Instituto Tomie Ohtake.

LETTER 2

Dear Instituto Tomie Ohtake,

Thank you for your letter. Terra e Tuma's design is indeed an interesting and pertinent proposal. The challenge of minimal-sized lots has been on the agenda for a long time in Japan, so we feel that Japanese architects have developed a unique expertise to adapt to this reality. With so many instances to choose from, we decided to send you Double Helix House. I do not know if you are familiar with it...

As in so many other countries, the real estate market in Japan is quite complex. In large cities like Tokyo, for instance, dividing the land into parcels as small as legally allowed has led to a wide range of diversely shaped residential lots. Combined with a distinctive building and zoning code, this situation has given rise to a phenomenon known as *jutaku* (団地), or Japanese tiny houses.

An architect will often be commissioned to design a tiny house on a diminutive parcel at the back of a city block, the access to which is by the smallest legally permitted size of corridor. The architect's ingenuity and creativity are key to design tiny houses that at the same time are functional and make the most of these conditions.

In this context, the young architects Maki Onishi and Yuki Hyakuda, who visited us at Japan House São Paulo in March 2020, designed their "Double Helix House." Located in Tokyo's Yanaka district with narrow streets and historic wooden buildings, the 77 square-meter lot is in the middle of a block, surrounded by other buildings and accessible through two corridors.

The lot itself served as inspiration for the house design, which is shaped by two main elements: a white central core and a wooden spiral around it. This central part holds the dining area, bedrooms, living room and bathroom. In the spiral, there are a family room, a small library, and an office. The program's environments are all connected and overlapping. The roof of the house structure finished in wood also allows for small porches that double as the project's second helix, ensuring better connection between internal and external spaces.

Starting from the objective to design a house that cannot be explained by common sense notions of length and width, the architects were able to conceive a residence that – despite its small spaces – includes a variety of environments: light, dark, narrow, wide. This is a tiny house that offers users distinct spatial sensations and allows dwellers to enjoy it to the fullest.

Hugs,
Japan House São Paulo.

LETTER 3

Dear Instituto Tomie Ohtake,

Last week, we started a conversation on urban density and discussed two examples in Brazil and Japan. Today, we would like to tell you about a Japanese experience of thinking design based on local memories. Are you familiar with the work of architect Tsuyoshi Tane? His designs were featured in a special exhibition around at Japan House São Paulo.

Departing from the insight that a place is not just a physical locale but also a bearer of memories, Tane developed a method for his innovative creative process, which he himself dubbed "excavation". This project methodology was featured in Japan House's exhibition "Archeology of the Future – Memory and Vision," in 2019. In his quest to promote a dialogue between past and future, Tane begins his designs by conducting in-depth research on the site where he will be building. The excavation process involves extensive surveys to find any historical images, writings or even artifacts related to the place, to then transform memories into concepts and supports for the new architecture. The exhibition at Japan House featured this whole universe of objects, images, models, and drawings that related past and future of the designs shown with a certain air of a cabinet of curiosities, or archaeological cataloging.

Architects Dan Dorell and Lina Ghotmeh designed A House for Oiso in 2015 as a contemporary residence by adapting several architectural typologies trialed by the region's dwellers for many centuries.

The city of Oiso in Kanagawa Prefecture, with a warm coastal climate, has been inhabited since the Yayoi period and still retains many vestiges from the past. The design proposal tracks this heritage to capture the essence of Japanese vernacular architecture produced over the centuries. References were Jomon period pit dwellings, Yayoi homes on raised-floors, Medieval huts on pillars driven into the ground, Edo period *machiya* (townhouses) and *Showa* villas.

The house was implanted 60 centimeters below the parcel's original level and excavated soil was reused for ground floor finishing – an old and yet functional solution for its insulation and humidity-control properties. The second floor recalls a cabin raised above ground level that was made entirely from wood. Its interior was designed to optimize air circulation and to prevent moisture accumulation.

"A house for Oiso" was not named by chance. The residence is more than a design implanted in that city: it could not exist anywhere else because the memories it brings back are specifically of that city. Even its finishings were made from local soil. The building belongs not only to its surroundings, but also to its past – and now to its future too.

This respectful and considerate attitude towards the past is notoriously part of Japanese culture. We hope you have enjoyed learning more about this project and the architect's creative process. We would love to hear more about how memories and local heritage are incorporated into project designs in Brazil.

Warm regards,
Japan House São Paulo.

LETTER 4

Dear Japan House São Paulo,

Thank you for presenting A House for Oiso, by architect Tsuyoshi Tane, co-founder of DGT Architects. His recovery of memory, constructive techniques, and ability to handle a site with so many historical layers reminded us of a Brazilian project design that gained huge resonance, won the 2017 Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award and was also awarded abroad.

The *Moradias Infantis* [Children's Homes] project was opened in 2017. It addresses profound issues from the nation's memory, such as native folk knowledge and the tradition of manual work on the land. Two architectural firms – Aléph Zero and Rosenbaum – joined forces to reinvent the boarders' quarters at a rural school located on a farm in Formoso do Araguaia, a township in the state of Tocantins.

To support a project that was obviously collaborative, young people and others involved were asked to put their heads together and come up with a new approach to the notions of boarding school and applied learning. The purpose of the school building was in effect to provide a home for 540 youths and afford them pleasantly welcoming spaces. Coming from mixed ethnic origins (*caboclos*) and Amerindian peoples, youths aged 13 to 18 are boarders whose families live in remote rural regions of Brazil's Mid-West, so they would be unable to attend school on a regular basis if they lived at home. At first, there were two dorms, one for boys and another for girls, but over time the students were separated by gender in two villas, the bedrooms of which accommodated six people. The complex is covered by a generous roof that provides shade. Next to the bedrooms, there are social spaces such as TV room, reading room, balconies, patios, and hammocks to lend the building a more homely air.

Prefabricated pieces of reforested wood were used in the construction. By and large, houses in the region are made with masonry blocks shaped with raw clay drawn from the local soil. Another recurring constructive technique involves the *musharabia* effect obtained by leaving some distance between clay blocks, thus ensuring suitable thermal properties for the building's service areas. Patios were designed to reproduce the microclimate resulting from a combination of three local biomes: Cerrado, Amazon and Pantanal (savanna, rainforests, and wetlands, respectively).

As the jury for the 4th Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award pointed out, there is a meticulous interchange between contemporary technique and rich local vernacular knowledge. By combining with the industrialized solution, from the laminated wood structure, to the vernacular use of adobe, these two materials lend unity to the pavilions housing dormitories, bedrooms, collective areas, and walkways.

Hugs,
Instituto Tomie Ohtake.

LETTER 5

Dear Japan House São Paulo,

I begin this letter by saying that I have decided to steer our conversation toward a slightly different direction this time. I know that lately we have been discussing recent initiatives and how architects have been thinking about new ideas for living in homes; however, I couldn't help

but recall a project designed four decades ago. Let's scoot back to 1979 because Eduardo Longo's Casa Bola (Ball House) is still a visionary project even in terms of its reflection on ways of living.

Longo was still an architectural student at Universidade Mackenzie when he made his first design in 1964, and his approach to architecture related much more to avant-garde movements from other regions of the world than to the brutalist school that was consolidating in São Paulo at the time.

By 1972, Longo was a promising architect influenced by the countercultural trend and the hippie movement. He went through a rigorous process of reviewing his lifestyle and work to rid himself of superfluous habits; so, in 1970 he substantially altered his home office by breaking down walls and turning the building's ground floor into a public passageway. Based on the structure of his home-office, he made a prototype for his ball-house, built to a scale of 8:10. Thus, the house's diameter that was supposed to be 10 meters measured 8 meters, complying with legal requirements for the parcel's setback. Despite its smaller size, the house is readily noticed by any passersby due to its unusual shape and the inevitable curiosity about the looks of its internal environment.

Longo built his house almost alone, as a manual prototype for a house to be produced on an industrial scale, just like an automobile. These ideas connect Longo to the avant-garde groups of the 1960s, such as the English Archigram and the Japanese Metabolists. His ball-houses were to be installed in buildings that looked more like giant shelves, with the added benefit of ensuring a public area around them due to their volumetry, since a sphere placed next to others does not fully occupy the space between them. The outer shell made of reinforced mortar was designed with the help of Charles Holmquist, a friend with shipbuilding experience. Internally the walls are made of cellular concrete, a more aerated and lighter type of concrete. Longo is still living in the house, which has three suites, a living room, toilet, kitchen, maid's bedroom, and laundry. However radical the form and materials may be, it is a typical upper-middle-class program from a few years ago.

Dear Japan House São Paulo, we hope you thought it was worth going back in time. We are awaiting your news.
Instituto Tomie Ohtake.

LETTER 6

Dear Instituto Tomie Ohtake,

We loved hearing more about the Casa Bola (Ball House) experience and thinking about some Brazilian architectural practices that may have been influenced by Japanese trends. Indeed, Japanese architecture contains many examples of single-family homes that challenge commonplace boundaries, as did Eduardo Longo in 1979. Japanese architects are world famous for their investigations with residential architecture. However, an unconventional home requires an unconventional client too. And the most interesting aspect here is that these Japanese experiments are not necessarily luxury renditions, they are often commissioned by middle-class clients who are looking for a small house but are open to boldly unconventional designs.

A striking example is House NA (2010), a design by the architect Sou Fujimoto that was the subject of an

exhibition at Japan House São Paulo, in 2017. This house designed for a couple in a quiet Tokyo neighborhood is striking for being almost entirely made of glass, thus offering passersby a complete view of everything going on inside.

The floor plan comprises 21 individual floorboards set on different levels. Each of these boards is connected to others by fixed or mobile stairs or landings. The proposed layout was conceived after the idea of a tree the branches of which are separate and, at the same time, connected with all others. The same applies to the house: while there may be privacy for activities on each floor, a group of people may gather and have collective experiences despite being on different levels. So spaces take on different roles.

The white steel structure reflects the elegance and sensitivity of Fujimoto's architecture. Plumbing and heating fittings are on the wall almost entirely made of glass on the back of the site to avoid obstructing the view of the street. The absence of partitions, inside and outside, is balanced by curtains delimiting spaces depending on the activity taking place. These curtains bring to mind the shoji panels, which are sliding structures made from translucent material used to enclose spaces in traditional Japanese architecture.

Japan's residential architecture evinces a huge arc of diversity. There are several cultural, social, and even natural aspects stimulating this inventiveness, in addition to a highly complex real estate market, which eventually makes room for creations that would not be possible in other countries. Projects update and new developments emerge at a remarkable rate, which prompts Japanese architecture to portray contemporary living almost in real time.

Interestingly, these experiments in the city seem to be speaking to each other and their surroundings, suggesting alternative lifeways and fresh interpretations of the concepts of home and living while enabling the architectural field to develop as a whole.

Until next week!

Huge hugs,
Japan House São Paulo.

LETTER 7

Dear Instituto Tomie Ohtake,

Today we would like to tell you about an increasingly popular type of housing in Japan: the shared houses found mostly in large cities such as Tokyo and Osaka. Despite having been introduced in the 1990s, when it was mostly sought after by foreigners, this type of housing became popular among the Japanese in the late 2000s, when it was presented as an alternative lifestyle for young singles and an opportunity for more contact with other people that also gained outreach through the media and TV film series.

These houses offer private or shared rooms for rent, and communal areas such as kitchen, bathroom and living spaces shared with other tenants. This type of building is hailed as a novel program to be explored by Japanese architects, who are often asked to design original buildings or renovate existing ones while pursuing smaller individual spaces and posing enhanced recognition of environments that favor collective living and socialization. From a tenant's point of view, this housing option is

cheaper than renting an apartment. It may be quite advantageous for students or young career people who wish to live in a major urban center. In Japan, as in Brazil, renting can be a bureaucratic and costly process, which makes shared housing attractive since tenants are not required to sign complex contracts, find a guarantor, make a deposit, or pay other "key money" charges.

Shared housing is also seen as providing opportunities for socialization. Some hold regular get-togethers to foster a sense of community among residents. There are also houses for specific segments such as single mothers – an option that is often convenient for working women who need childcare support.

In 2017, architect Kengo Kuma designed Shared House in Oji to serve as a shared house. In this case, the project involved renovating a traditional Japanese home near Oji station, in the Kita region of Tokyo. Made of wood in the pre-war period, this house once belonged to former Prime Minister Keizō Obuchi and then was being converted into a shared residence for students.

The house in Oji retained the same exterior and structure, but its interior was redesigned and divided in eight individual 15 square-meter rooms, a large kitchen and dining room combination, and two collective bathrooms. The renovation made extensive use of shoji screens, which are conventional elements in Japanese architecture still used today, as we noted in our previous correspondence. These movable screens made from thick, translucent paper mounted on a wooden or bamboo structure conveniently divide spaces while letting natural light shine in interior environments. The traditional washi paper used here is also found in partitions at Japan House São Paulo as part of a project designed by Kuma together with São Paulo's FGMF Arquitetos office.

We hope you have enjoyed learning about this architect and these types of homes in Japan. What about collective living in Brazil? We would be interested to see any Brazilian designs you may have selected.

Hugs,

Japan House São Paulo.

LETTER 8

Dear Japan House São Paulo,

We were quite pleased to have you introduce us to Kengo Kuma's Shared House in Oji. The best way of raising this discussion of ideas for repurposing shared housing in Brazil, we believe, is by showing you an example of how social movements here are organizing a struggle for dwellings. Members of MSTC ('city center homeless movement') have been occupying a building on Avenida 9 de Julho since 2016 (Ocupação 9 de Julho), which holds an important account of the struggle for the right to housing: meanwhile, numerous buildings in downtown São Paulo are underutilized or have been abandoned.

To tell the story of these social movements, while pointing to urgent issues involving the conformation of Brazilian cities, is to show their political relevance by instigating the need for urgent governmental measures addressing the legally stipulated right to housing – as stated in Brazil's 1988 Constitution. Demands such as those put forward by MSTC, the movement founded by Carmen Silva in 2001, show that decent housing is more complex than just offering a mere housing unit, given that "dwelling" includes mobility, access to public facilities

and services (health, education, culture, safety) and work opportunities. When assessing the problem of Brazil's housing deficit coupled with these factors, we realize why there are many of these occupations in city-center buildings.

The occupation named for Avenida 9 de Julho, a São Paulo thoroughfare we selected as an example in this letter, is home to 138 low-income families, including Brazilians from several states, and immigrants and refugees from other countries who would be living in parlous state or on the streets, but for the movement (MSTC). The building dates to the early 1940s when it housed the National Social Security Institute (INSS). After falling into disuse for 42 years, it was occupied by MSTC in 2016. The occupants themselves cleaned up the high-rise and coordinated maintenance and repair work (such as plumbing, electrical fittings and staircases). This type of initiative is quite frequent, as these movements harness their own members' labor to repair infrastructure that has been abandoned and has no social purpose, thus enabling the building's recovery process and its regular standing.

The first three floors of the building, originally used for public services, now host educational and cultural activities, including an art gallery. Note that everything is run by the occupants themselves. The 12 upper floors, which were homes for INSS employees, have now been converted into housing units for over 350 dwellers.

The '9 de Julho' occupation (like all 12 or more occupations run by MSTC) is carrying out initiatives that instrumentalize and train occupants. Activities include political education, environmental issues and sporting activities, education and occupational training services, and access to legal advice.

Events open to the public are held regularly, some with 8,000 people in attendance. These occasions offer larger groups opportunities to learn what all is involved in an occupation, and thus get a chance to be rid of prejudices that are unfortunately still associated with housing movements in our country.

The MSTC's initiatives are still ignored by government but they are being acknowledged in academia and by architects and urban planners across the country. Many of the latter partner MSTC for advisory services and collaborative actions. The network methodology headed by Carmen Silva presents ways of mobilizing and organizing members, building requalification and maintenance, financing and community administration, thus making MSTC one of Brazil's most innovative and successful instances of struggles for social housing.

The movement's recognition recently gained new momentum when it was asked to attend the 3rd Chicago Architecture Biennial (from September 2019 to January 2020 in the United States), where an exhibition around the theme "MSTC – Housing as Practice of Citizenship" was organized by MSTC, Escola da Cidade [a school that trains architects and urban planners in São Paulo] and Grupo Inteiro [an interdisciplinary collective]. The event reviewed the movement's history and different strategies it has developed, which have also been compiled in a heavyweight publication on the subject.

Visibility on this scale is crucial to help repel a series of attacks seeking to criminalize social movements in São Paulo. Attackers ignore the fact that the movements observe the country's regulatory frameworks and the

importance of the struggle for better conditions in cities where democratic access to housing is in such short supply. Through this letter we hope to shed light on such an important discussion, without which we could not effectively address the challenges of, and most effective solutions for, different ways of living in Brazilian cities. Thinking about how the issue may be posed today means that we should be advocating dwelling as a right for all.

Dear @japanhousesp, we bid you goodbye for now, but I must say how enjoyable this exchange of letters has been. We look forward to our future correspondence. Hugs!

Instituto Tomie Ohtake.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente *President*

Ricardo Ohtake

Núcleo de Pesquisa e Curadoria *Research and Curatorship*

Paulo Miyada coordenador *coordinator*

Priscyla Gomes

Produção *Production*

Vitoria Arruda diretora *director*

André Luiz Bella

Carolina Pasinato

Karina Mignoni

Ligia Pedra

Lucas Fabrizzio

Rodolfo Borbel Pitarello

Administração e Finanças *Administration and Finance*

Roberto Souza Leão Veiga diretor executivo *executive officer*

Bruno Damaceno

Carlito Oliveira Junior

Fabiana Cristina de Almeida

Yago Raphael Morais

Willian dos Santos

Andreza Miranda aprendiz *junior apprentice*

Negócios *Business*

Ivan Lourenço diretor *director*

Flavio Silva

Kelly Lima

Núcleo de Cultura e Participação *Culture and Participation*

Felipe Arruda diretor *director*

Agata Takiya

Claudio Rubino

Fernanda Beraldi

Isadora Mellado

Jane Santos

Maiara Paiva

Natália Vinhal

Natame Diniz

Thiago Zati

Victor Constantino

Educadores *Educators*

Bruno Ferrari

Jordana Braz

Luara Alves

Pedro Costa

Informática *Information Technology*

André Biacca

Documentação *Documentation*

Marcos Massayuki Sutani

Hudson Muniz de Souza aprendiz *junior apprentice*

Secretaria *Clerical Services*

Maria de Fátima da Silva Rocha

Nazareth Baños

Coordenação Operacional *Operations Coordination*

Alexandre Lopes Pereira

Wagner Antônio Barbosa supervisor *supervisor*

Projetos *Projects*

Beatriz Lima

Comunicação *Communication*

Marcy Junqueira

Flávio Silva

Martim Pelisson

Ricardo Miyada

Vaneska Resende

Assessoria de Imprensa *Media Relations*

Pool de Comunicação

Técnica *Technical Support*

Adilson Oliveira

Jacildo A. Paula

Pedro Mário

Silvio S. Lima

Zelador *Caretaker*

Aroldo Eça

Jessé de Souza

Apoio *Security*

Cícera Medeiros

Daniel Soares

Edmilson Pereira

Edson José

Elcio Borges

Everton Alves

Fábio Araújo

Gilmar Batista

Marcelo Mariano

Marina Neves

Orlando Rodrigues

Raiana Ramos

Railane Santos

Sílvia Regina

Wellington Araújo

Serviços Gerais *General Services*

Camila G. Lira

Carolina Neres

Elizandro Ferreira

Elza Martins

Jairo Nascimento

Luciene Monteiro

Valdir Ramos

PRÊMIO DE ARQUITETURA

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

AKZONOBEL

INSTITUTO TOMIE OHTAKE AKZONOBEL

ARCHITECTURE AWARD

Coordenação *Coordination*

Felipe Arruda

Agata Takiya

Produção *Production*

Thiago Augusto Zati

Victor Constantino assistente *assistance*

EXPOSIÇÃO EXHIBITION

Coordenação *Coordination*

Vitoria Arruda

Projeto Expográfico *Exhibition Project*

Lucas Fabrizzio

Rodolfo Borbel Pitarello

Design da Exposição *Exhibition Design*

Ligia Pedra

Desenhos (Padronização) *Drawings*

(*Standardization*)

Thiago Augusto Zati

Victor Constantino

Montagem *Assembling*

Jeferson Silva

Ricardo Soares

CATÁLOGO CATALOGUE

Coordenação *Coordination*

Vitoria Arruda

Carolina Pasinato

Karina Mignoni

Projeto Gráfico *Graphic Design*

Ligia Pedra

Textos *Texts*

Daniel Geiger Campos

Diego Mauro

Elisabete França

Fernando Túlio

Juliana Braga

Natasha Geenen

Pedro Varella

Priscyla Gomes

Edição de Texto *Revision*

Armando Olivetti

Tradução *Translation*

Izabel Burbridge

Impressão *Printing*

BMF Gráfica

Este catálogo foi publicado por ocasião da exposição da **7ª edição do Prêmio de Arquitetura Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel**, realizada no Instituto Tomie Ohtake, de 17 de outubro de 2020 a 10 de janeiro de 2021.

*This catalogue was published on the occasion of the exhibition **Instituto Tomie Ohtake AkzoNobel Architecture Award - 7th edition**, held at Instituto Tomie Ohtake, from October 17, 2020 to January 10, 2021.*

© Instituto Tomie Ohtake
INSTITUTO TOMIE OHTAKE
Complexo Achê Cultural
Av. Faria Lima, 201 - Entrada pela R. Coropés, 88
Pinheiros - São Paulo | (11) 2245-1900
www.institutotomieohtake.org.br
instituto@institutotomieohtake.org.br
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prêmio de arquitetura AkzoNobel : 7ª edição = Architecture Award : 7 th edition / organização Instituto Tomie Ohtake ; tradução / translation Izabel Burbridge. -- 1. ed. -- São Paulo : Instituto Tomie Ohtake, 2021.

Ed. bilíngue: português / inglês
Vários autores.
ISBN 978-65-89342-02-1

1. Arquitetura 2. Arquitetura - Brasil 3. Arquitetura - Exposições - Catálogos 4. Arquitetura Contemporânea 5. Prêmio de Arquitetura AkzoNobel

21-56490

CDD-720

Índices para catálogo sistemático:

1. arquitetura : Exposições : Catálogos 720
2. Catálogos : Exposições de arquitetura 720
Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964



ISBN: 978-65-89342-02-1



9 786589 342021